

GERSON
CORREIA DE
LACERDA

A CORAGEM DE CONFESSAR

COMENTÁRIO À
CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

370
ANOS
DA ASSEMBLEIA DE
WESTMINSTER

Pendão  Real

A CORAGEM DE CONFESSAR

COMENTÁRIO À CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

EM COMEMORAÇÃO DOS 370 ANOS DA ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER (1643 – 1649)

Autor

Rev. Gerson Correia de Lacerda

Produção

SEC (Secretaria de Educação Cristã da IPIB)

Revisão

Rev. Mary Ferreira

Editor

Rev. José Roberto Cristofani

Projeto Gráfico e editoração eletrônica

Seivadartes

Publicado com a devida autorização e
com todos os direitos reservados pela
Associação Evangélica Literária Pendão Real

1ª edição | dezembro 2019

APRESENTAÇÃO

A Coragem de Confessar – Comentário à Confissão de Fé de Westminster, do Rev. Gerson Correia de Lacerda, é um desses textos que não perde a atualidade e que, com o passar do tempo, vai mostrando sua relevância por se tratar de um estudo sempre necessário para as novas gerações que têm a coragem de confessar Jesus como o Senhor.

Este comentário didático à Confissão de Fé de Westminster reúne as lições que originalmente foram publicadas na revista O Luzeiro, entre os anos de 1985 a 1987. Para a presente edição, o texto foi revisto, corrigido e atualizado para o formato de livro digital.

Além de preservar tão precioso estudo para o presente, este e-book marca os 370 anos da *Assembleia dos Divinos de Westminster* (Assembleia de Westminster 1643 – 1649). Os registros da Assembleia (*Minutes of the Sessions of the Westminster Assembly of Divines*) data de 4 de Dezembro de 1646, uma manhã de sexta-feira, a apresentação da Confissão de Fé de Westminster no Parlamento, mesmo sem os textos de prova. Essa foi a primeira edição com-

pleta da Confissão de Fé. No ano seguinte a Confissão de Fé estava completa, sendo adotada pela Assembleia Geral da Igreja Escocesa, adoção que foi ratificada pelo Parlamento Escocês em 1649.

A Confissão de Fé de Westminster, junto com os Catecismos Maior e Menor são, sem dúvida, o maior legado da Assembleia de Westminster para nós Presbiterianos. Por isso, rememoramos tal evento com esta obra.

Nossa esperança é que este comentário à Confissão de Fé contribua para uma compreensão cada vez mais profunda deste documento que é um marco em nossa história como Protestantes.

Boa leitura!

Rev. Prof. Dr. José Roberto Cristofani

NOTA HISTÓRICA

A ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER 1643 – 1649

Já se passaram quase quatro Séculos do evento que marcou uma das mais importantes reformas acontecidas na Inglaterra. A Assembleia de Westminster foi um evento importante na história do presbiterianismo, pois colaborou para sua construção e desenvolvimento no decorrer dos tempos, e nos alcança nos dias de hoje. Apesar de acontecer no velho continente e distante das terras brasileiras, sua herança chegou ao Brasil através dos missionários presbiterianos norte-americanos.

A Assembleia de Westminster se deu na Inglaterra nos anos de 1643-1649 e gerou documentos reconhecidos como Confissão de Fé de Westminster, Catecismo Maior e Menor; são documentos fundamentais para teologia e doutrinas das Igrejas Presbiterianas do Brasil e do mundo. Porém o objetivo da assembleia não era apenas apresentar documentos de caráter eclesiástico, mas foram realizados trabalhos de aspectos políticos e governamentais, havia uma intenção à teocracia parlamentar.

A Assembleia aconteceu num momento em que a Inglaterra passava por profunda crise política. O parlamento inglês estava em pleno conflito com o Rei Carlos I que

defendia a catolicização do país. Durante este conflito, o rei foi executado em 1649, e com a vitória dos protestantes, a assembleia concretizou em parte o propósito de estabelecer uma Igreja Nacional. O Conflito entre católicos e protestantes, com a diferença que entre os protestantes, excluídos os anglicanos, estavam em sua maioria os presbiterianos, congregacionalistas e batistas. O Parlamento convocou a Assembleia para estabelecer normas e regulamentações para a religião e um governo eclesiástico. O parlamento estava composto em sua maioria pelos puritanos, de raiz calvinista, sendo que os documentos foram fortemente caracterizados por um rigor moral e religioso. O resultado apresentado após árduo trabalho teológico, ficou marcado por intensa influência presbiteriana.

Após a execução do Rei Carlos I, foi estabelecido o governo da Comunidade, com Cromwell como lorde protetor. Este governo colaborou para os ideais do puritanismo, fortalecendo a religião e o caráter moral do povo, mas contando com certa resistência dos católicos e anglicanos. As leis aprovadas foram rígidas em relação as diversões populares, festejos, jogos violentos, teatros, que passaram a ser proibidos. Neste tempo surgem os Quacres, ou Sociedade dos Amigos, que tiveram como motivador George Fox, que propunha uma vida mais de piedade, uma espécie de avivamento com ênfase na ação e direção do Espírito Santo sem a ideia de uma religião regulamentada. Este governo foi breve, e marcado por certa liberdade dada aos protestantes; porém em relação aos costumes populares e a religião que estava ligada ao sistema anglicano episcopal, e aos católicos romanos;

estas sofreram restrições.

Depois de um breve período a monarquia foi restaurada com Carlos II, filho e herdeiro de Carlos I. A partir deste reinado, houve a restauração do antigo regime, antes das ações dos puritanos, com ênfase ao tempo da Reforma, com os anglicanos e suas antigas regras inclusive a utilização do Livro Comum de Oração e o reestabelecimento dos bispos. Por outro lado, ocorre a perseguição aos presbiterianos e as formas de culto e vida influenciada pelo puritanismo. Grande número de pastores foram expulsos de suas comunidades e proibidos de realizar cultos. Entre as muitas pessoas que sofreram com esta perseguição, estava John Bunyan autor do livro “O Peregrino”, que ficou preso durante 12 anos. Em consequência a perseguição aos puritanos, a Inglaterra presenciou uma forte onda de imoralidade, em todas as esferas da sociedade, ricos e pobres, políticos, gente de todas as camadas sociais. Além desta situação imoral, aconteceram eventos marcados pela corrupção na vida política. Contudo, apesar de toda a perseguição ao puritanismo, este deixou marcas profundas na moral inglesa. E as tentativas do catolicismo também não foram vitoriosas.

Podemos ainda destacar, que foi neste tempo de construção teológica eclesiástica que se cunhou o conceito de “presbiterianismo”. A Confissão de Westminster foi então construída trazendo em sua essência o calvinismo e traços da moral puritana, indicando caminhos para um sistema presbiteriano de governo.

Paralelamente a essa situação na Inglaterra, a esses conflitos políticos religiosos, o puritanismo e a ideia de uma sociedade centrada em Deus, vai encontrar de cer-

ta forma a possibilidade de desenvolvimento na colônia americana. O puritanismo floresce no novo mundo, e é através do ímpeto missionário dos presbiterianos norte-americanos que o Brasil é colocado na rota das missões presbiterianas.

Que possamos celebrar esta rica história que faz parte da raiz profunda do presbiterianismo mundial. Que seja celebrada a memória destes eventos que fazem parte de nossa realidade enquanto Presbiterianos. Aqueles que esquecem sua história são como árvores que não florescem e não lança suas sementes para o futuro.

Soli Deo Gloria

Rev. Ricardo José Bento

Professor de História da Igreja na

FATIPi – Faculdade de Teologia da IPIB

NOTA DO AUTOR

A Confissão de Fé de Westminster está dividida em capítulos e parágrafos. Ao transcrever qualquer trecho da Confissão adotamos a seguinte prática:

- a) O texto da Confissão foi colocado em itálico e entre aspas;
- b) No final da citação, sempre colocamos a sigla “CFW”, que significa, evidentemente, “Confissão de Fé de Westminster”; os números que vem logo após a sigla correspondem ao capítulo e aos parágrafos citados.

Utilizamos muito, na preparação deste texto, o livro de George S. Hendry, publicado em espanhol com o título *“La Confesion de Fe de Westminster para el dia de hoy”* (CCPAL, Bogotá, 1966).

Rev. Gerson Correia de Lacerda

SUMÁRIO

Apresentação	3
Nota histórica	5
Nota do autor	9
01 Precisamos de uma Confissão de Fé?	12
02 As limitações da Confissão de Fé?	20
03 A Confissão de Fé e a revelação	30
04 A Confissão de Fé e a Bíblia	40
05 Deus – palavra muito usada e muito gasta	50
06 As pessoas são como as estradas	58
07 As coisas materiais foram criadas por Deus	66
08 Deus não abandonou a sua criação	74
09 O mal entra em cena	82
10 O mal toma conta do espetáculo	92
11 O mal chega até nós	100
12 A derrota do mal	108
13 Jesus, o centro de nossa fé	116
14 Jesus Cristo: Deus ou ser humano?	124
15 O que Jesus Cristo fez	132
16 Jesus Cristo não fez as coisas pela metade	140
17 A igreja é importante?	148

18	A igreja que vemos e a igreja que não vemos	156
19	Para que serve a igreja?	164
20	Quem manda na igreja?	172
21	Uma pessoa famosa mas desconhecida	180
22	Evangelho e propaganda	188
23	Mocinhos ou bandidos?	196
24	A guerra do cristão	204
25	A esperança cristã	212
26	A ressurreição do corpo	220
27	O estado intermediário	228
28	O juízo final	236
29	Culto: adoração ou espetáculo?	244
30	Mistérios num mundo sem mistérios	254
31	Quais são os nossos sacramentos?	262
32	Governar é castigar?	272

01

PRECISAMOS DE UMA CONFISSÃO DE FÉ?

**"Como posso entender se ninguém me explica?"
(Atos 8.31)**



INTRODUÇÃO

Você conhece a Confissão de Fé de Westminster?

A maior parte dos membros de nossas Igrejas, quando ouve semelhante pergunta, pensa que isso não é assunto para eles. Confissão de Fé de Westminster? Isso parece ser coisa para os teólogos ou para os pastores.

Essa maneira de pensar está equivocada. A Confissão de Fé de Westminster é um resumo sistematizado da fé cristã. Ela é aceita como doutrina oficial pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (e também por outras Igrejas presbiterianas). Isso quer dizer que a Confissão de Fé de Westminster é a exposição do que nós cremos, como crentes em Jesus Cristo e como membros da Igreja.

Infelizmente, muitos membros de nossa Igreja nunca viram ou leram a Confissão. Apesar de ser a doutrina oficial da Igreja, ela não tem sido estudada seriamente.

Vamos estudá-la agora, neste e-book.

Antes de tudo, porém, acredite: este estudo não interessa somente a teólogos e pastores. Todos nós precisamos dele.

POR QUE NÃO FICAR SOMENTE COM A BÍBLIA?

Frequentemente, ouvimos, em nossas Igrejas, pessoas bem-intencionadas afirmarem que não querem saber

de mais nada além da Bíblia. Não gostam de um estudo teológico porque preferem ficar só com a Bíblia. Não se interessam por um estudo doutrinário porque desejam conhecer exclusivamente a Bíblia. Não buscam interpretações da Bíblia porque sua intenção é ficar unicamente com a Bíblia.

Será que é possível, realmente, ficarmos somente com a Bíblia?

É lógico que não! Isso é totalmente impossível! Sempre que alguém prega, ocorre uma interpretação da Bíblia. Qualquer sermão, qualquer estudo bíblico ou qualquer comentário feito a um texto bíblico não passa de interpretação da Bíblia. Até mesmo quando lemos um versículo bíblico e ficamos pensando no seu sentido para a nossa vida, estamos fazendo interpretação da Bíblia.

Leia, por exemplo, o texto de Atos 8.26-40. Nele aparece a figura de um etíope que viajava lendo um texto do profeta Isaías. Quando Filipe o encontrou, perguntou-lhe se estava entendendo aquilo que lia. Imediatamente, o etíope afirmou que não podia entender sem que alguém lhe explicasse a quem se referia o profeta. Filipe, então, ofereceu uma interpretação para o texto de Isaías, garantindo que o profeta se referia a Jesus Cristo.

É evidente que Filipe não se limitou a repetir o texto de Isaías. Nem também ensinou ao etíope alguma coisa sobre esse texto com a qual todos teriam de concordar. Na verdade, Filipe ofereceu ao etíope uma interpretação do texto que só é aceita pelos cristãos.

Todos nós, quando lemos a Bíblia, procedemos da mesma maneira. Não adianta lermos a Bíblia, se não a entendemos. Precisamos de alguém que nos ajude a

compreender. Precisamos de algo que nos explique e nos esclareça o sentido das Escrituras.

É exatamente para isso que existe a nossa Confissão de Fé. Ela pretende ser uma espécie de guia para nos ajudar a ler e a entender melhor a Bíblia.

Portanto, não devemos estabelecer uma oposição entre a Bíblia e a Confissão de Fé. Não devemos repudiar o estudo da Confissão de Fé, dizendo que preferimos ficar com a Bíblia somente. A Confissão de Fé de Westminster existe exatamente para aclarar o que a Bíblia ensina. Seu objetivo é explicar a Bíblia e sua mensagem para nós.

CONFISSÃO E EDUCAÇÃO

A Confissão de Fé de Westminster é acompanhada por dois catecismos: o Maior, para os adultos; e o Menor, para as crianças.

Isso quer dizer que, desde a sua elaboração, uma de suas preocupações foi a de ser usada como manual para educação.

Vejamos a Bíblia para entender melhor essa questão. No texto de Josué 4.1-24, temos o célebre episódio em que, sob a liderança de Josué, o povo de Israel atravessou o rio Jordão para ocupar a terra prometida. Foram, então, retiradas doze pedras do leito do rio Jordão e colocadas em forma de coluna em Gilgal. Tudo isso foi feito para que, no futuro, quando os filhos do povo de Israel perguntassem o significado daquelas pedras, a história da travessia do rio Jordão fosse lembrada.

Podemos dizer que aquelas pedras seriam uma espécie de material didático ou um recurso pedagógico. Em



outras palavras, elas eram uma manifestação da preocupação com o ensino do que Deus fizera às gerações futuras. Assim, seria mais fácil conservar a memória do ato histórico que Deus efetuara.

Na Confissão de Fé de Westminster, existe a mesma preocupação com o ensino. Evidentemente, a Confissão é muito mais do que um simples objeto que desperta curiosidade ou que motiva perguntas. Mas ela é útil para ajudar os crentes no conhecimento mais profundo da fé cristã. Serve, também, para auxiliar a todos, a fim de que aprendam a expressar o conteúdo daquilo que creem.

A CONFISSÃO E OS DESAFIOS DA REALIDADE

A Confissão de Fé de Westminster não caiu pronta dos céus. Ela surgiu na Inglaterra, tendo sido elaborada por uma assembleia que se reuniu de 1643 a 1647. Foi adotada pela Igreja da Escócia, passando a ser o padrão do presbiterianismo escocês. Posteriormente, foi também adotada pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Quando os primeiros missionários presbiterianos norte-americanos vieram ao Brasil, a partir de 1859, trouxeram-na em sua bagagem, sendo, então, adotada pela Igreja Presbiteriana que aqui foi organizada.

A questão que levantamos agora é a seguinte: por que, na metade do século XVII, resolveu-se, na Inglaterra, preparar esta Confissão de Fé?

A resposta é a seguinte: estava em andamento um projeto para dar uniformidade religiosa às Igrejas da Inglaterra e da Escócia. Em termos políticos, a Inglaterra

e a Escócia estavam sendo governadas por um mesmo rei. Pretendiam ter também um mesmo sistema religioso.

Vemos, por aí, que a Confissão de Fé de Westminster surgiu para responder a uma necessidade histórica. E isso não aconteceu somente com a Confissão de Fé de Westminster, mas com todas as confissões da história da Igreja.

Tomemos, por exemplo, o texto de Filipenses 2.11. Nesse versículo Paulo fala de todas as criaturas fazendo a confissão de que “Jesus é Senhor para a glória de Deus Pai”. Ora, tais palavras – “Jesus é Senhor” – foram, de fato, a primeira confissão de fé da história da Igreja. Essa confissão, tão simples e tão curta, surgiu para responder a um problema que a Igreja primitiva enfrentou. O governo romano, que dominava todas as regiões ao redor do mar Mediterrâneo, obrigava todos os habitantes de seu império a confessarem César como Senhor. Isso significava que o imperador era reconhecido e aceito como uma divindade. A resposta da Igreja a essa situação foi a de formular outra confissão de fé, na qual os cristãos afirmavam que Jesus, e não César, é o único e verdadeiro Senhor.

Foi sempre assim. Ao longo de seus vinte séculos, a Igreja sempre enfrentou problemas e desafios, sendo sempre obrigada a dar respostas, nas quais confessou a sua fé.

Com o passar do tempo, a fé cristã foi sendo mais elaborada, fazendo com que as confissões se tornassem mais amplas e mais complexas.

Temos hoje, em nossa Igreja, a Confissão de Fé de Westminster. Ela também não surgiu por acaso. Ela foi uma resposta da Igreja a um desafio do seu tempo.

CONCLUSÃO

A nossa Igreja tem uma confissão de fé e precisa de uma confissão de fé. Infelizmente, ela é desconhecida.

Não devemos mantê-la como um objeto decorativo e sem utilidade.

Não podemos conservá-la simplesmente como se fosse uma relíquia do passado.

Temos de estudá-la e conhecê-la bem.

É essa a caminhada que estamos iniciando agora.



02

AS LIMITAÇÕES DA CONFISSÃO DE FÉ?

**"Portanto, vocês conhecerão os falsos profetas
pelas coisas que eles fazem" (Mateus 7.20)**



INTRODUÇÃO

A Confissão de Fé de Westminster é usada pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e por outras Igrejas presbiterianas. Isso nos lembra que outras Igrejas também têm outras confissões de fé.

Além disso, a Confissão de Fé de Westminster surgiu no século XVII, na Inglaterra. E isso nos faz pensar que, em outras épocas e lugares, outras confissões foram preparadas.

A Igreja cristã tem uma grande quantidade de confissões de fé, as quais apresentam muitas diferenças entre si.

A partir dessa realidade, surge, inevitavelmente, a pergunta: qual é a confissão de fé verdadeira? Será que a nossa confissão é mais correta do que as outras?

LIMITAÇÕES HISTÓRICAS DAS CONFISSÕES DE FÉ

Para começar a responder a esse tipo de pergunta, vamos examinar alguns textos bíblicos dentre aqueles indicados para leitura diária: Filipenses 2.6-11; 1 Coríntios 15.3-8; Romanos 10.9; Efésios 4.4-6. Os estudiosos do Novo Testamento reconhecem que esses textos são, de fato, confissões de fé da Igreja primitiva.

A confissão do texto de Filipenses enfatiza que Jesus

é Senhor, exaltado acima de todos os poderes e autoridades, depois de sua humilhação na cruz. No capítulo anterior, já vimos que essa confissão de fé era uma resposta da Igreja às pretensões do imperador romano de ser considerado e tratado como se fosse um deus.

A confissão que está em 1 Coríntios 15 enfatiza a ideia de que Jesus ressuscitou dentre os mortos, repetindo, várias vezes, que a ressurreição de Cristo foi um cumprimento das Escrituras, tendo sido comprovada por várias pessoas que viram o Senhor vivo após a sua morte. Essa confissão de fé na ressurreição surgiu como reação a uma doutrina que era ensinada na época, a qual dizia que a alma humana é preciosa e imortal, ao passo que o corpo é desprezível, sendo uma prisão da qual a alma precisa se libertar. (Essa doutrina ainda é frequentemente ensinada em várias Igrejas nos dias de hoje.) A confissão de fé da Igreja constituía-se numa defesa do valor do ser humano integral, o qual é salvo tanto na alma como no corpo, pois cremos na ressurreição do corpo.

A confissão de Romanos 10 é uma associação das duas confissões anteriores: o senhorio de Jesus Cristo e a ressurreição dentre os mortos. Ela nos alerta para o fato de que essas duas doutrinas foram de vital importância na vida da Igreja primitiva.

Finalmente, o texto de Efésios 4 enfatiza uma série de elementos sobre os quais repousava a unidade da Igreja cristã.

Diante dessas confissões, poderíamos perguntar: qual é a confissão verdadeira? Qual é a confissão mais correta ou mais adequada?



É lógico que todas essas confissões acima são igualmente verdadeiras. A diferença que existe entre elas deve-se, simplesmente, ao fato de que eram diferentes os desafios enfrentados pela fé cristã. Como os problemas que a Igreja enfrentava eram variados, variadas eram também as confissões de fé.

Ao dizermos isso, estamos reconhecendo que todas as confissões de fé possuem suas limitações. Todas elas estão presas a determina das circunstâncias históricas. Todas elas são respostas da Igreja a problemas enfrentados em períodos específicos.

Tais limitações históricas não desmerecem em nada as confissões de fé. Ao contrário, é exatamente por isso que elas são ainda mais valiosas para todos nós. Podemos estudar as várias confissões de fé surgidas na história da Igreja e conhecer, assim, os problemas enfrentados no passado. Dessa maneira, adquirimos mais recursos para enfrentarmos as dificuldades e os desafios pelos quais passamos nos dias atuais.

CONFISSÃO E MISTÉRIO

Voltemos, mais uma vez, à pergunta feita no início: qual é a confissão de fé verdadeira?

Um aspecto importante, que está por detrás dessa pergunta, é o seguinte: nós desenvolvemos uma grande tradição de paixão pela verdade científica e intelectual. Seguindo o filósofo Descartes, buscamos sempre “ideias claras e distintas”.

De acordo com o rigor científico, queremos que as afirmações de fé sejam sempre coerentes e precisas.

Não é exatamente assim que agimos também na Igreja? Na verdade, precisamos reconhecer que, muitas vezes, queremos compreender claramente todas as coisas da fé cristã. Queremos a definição correta sobre o que vai acontecer depois da morte, sobre como será a vinda de Cristo e sobre como ocorrerá a vida eterna. E todas as afirmações devem estar bem ajustadas, encaixadas entre si, para que não parem dúvidas nem fiquem pontos obscuros.

Assim também é a nossa Confissão de Fé de Westminster. Um estudioso afirmou que “os autores da Confissão de Westminster pensavam que era de sua competência dar respostas categóricas a todas as questões que possam formular-se com respeito à fé”.

Todavia, devemos reconhecer que este projeto é inviável. Como escreveu Paulo, “*agora vemos como em espelho, obscuramente*”, e “*agora conhecemos somente em parte*” (1 Coríntios 13.12).

Esta é uma verdade para a qual devemos prestar muita atenção! Todas as confissões de fé são limitadas porque existem muitas coisas que se constituem em mistério para nós! Devemos lembrar aqui o episódio em que os discípulos perguntaram a Jesus: “*Quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?*” (Mateus 24.3). Depois de fazer várias exortações à vigilância, Jesus mesmo chegou a confessar: “*A respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai.*” (Mateus 24.36).

Essa mesma palavra foi reforçada quando aconteceu a ascensão de Jesus, ocasião em que ele disse aos seus discípulos: “*Não vos compete conhecer tempos ou épocas que*

o Pai reservou para sua exclusiva autoridade.” (Atos 1.7).

Está aí, portanto, mais uma limitação de todas as confissões de fé. Elas são úteis para a compreensão da fé. Elas se prestam à sistematização daquilo que cremos. Mas elas não conseguem responder tudo e deixar tudo claro. Nós temos limites. Nossos conhecimentos são limitados. O mistério faz parte de nossa fé.

CONFISSÃO E AÇÃO

Existe uma última limitação das confissões de fé que queremos destacar. Quando formulamos a pergunta: “Qual é a verdadeira confissão de fé?”, estamos mostrando que temos, de fato, uma grande preocupação com o modo correto de dizer o que cremos. Em outras palavras, manifestamos uma enorme preocupação com a doutrina correta, com a forma certa de pensar, com a maneira exata de formular em palavras aquilo que cremos.

Ora, o Senhor Jesus chamou a atenção para algo muito importante em relação a isso. Falando sobre os falsos profetas, ele enfatizou a importância da ação: “*Vocês conhecerão os falsos profetas pelas coisas que eles fazem.*” (Mateus 7.15-20).

No juízo final, o Mestre deixou claro que serão ditas as seguintes palavras às ovelhas que ficarem à sua direita: “*Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me.*” (Mateus 25.33-36).



Isso tudo deve nos alertar para algo muito importante! As confissões de fé não têm nenhum valor, se não se vive aquilo que se confessa. Ou, como já disse alguém, “testemunhar não é apenas afirmar. É também viver o que se confessa”.

Cremos na justificação pela graça segundo a fé. Mas, como lembra a epístola de Tiago, “*a fé sem ações está morta*” (Tiago 2.14-26).

E esta é outra limitação de todas as confissões de fé. Elas são úteis somente se forem acompanhadas por uma

vida coerente com elas. Elas são importantes se servirem como base não somente para um pensamento doutrinário correto, mas, também, para uma vida de obediência ao Senhor.

CONCLUSÃO

Apontamos somente três grandes limitações das confissões de fé. Essas três limitações estão presentes em nossa e em todas as confissões de fé. Não são, contudo, as únicas limitações. Outras poderiam ser acrescentadas.

A partir do próximo capítulo, comentaremos o conteúdo da Confissão de Fé de Westminster. Pretendemos conhecer melhor o seu ensino. Fica, portanto, a cada um, à medida que o estudo for se desenvolvendo, a tarefa de descobrir as várias limitações, bem como as qualidades positivas de nossa confissão.



03

A CONFISSÃO DE FÉ E A REVELAÇÃO

“...nestes últimos dias nos falou pelo Filho...” (Hebreus 1.2)

INTRODUÇÃO

A palavra “revelação”, hoje em dia, é largamente utilizada nas Igrejas evangélicas. Ou, para dizer de uma outra forma, o termo “revelação” é empregado de maneira indiscriminada.

É comum nós ouvirmos pessoas afirmarem que tiveram uma “revelação” de Deus. Tais “revelações” referem-se, em geral, as coisas do futuro, que acontecerão. São “revelações” que indicam o que deve ser feito ou o que não deve ser feito.

Vamos dar alguns exemplos:

- a) “O pastor de uma determinada Igreja estava sem saber se deveria aceitar um convite para assumir a direção de uma outra comunidade de sua denominação. Ele orou a Deus. Depois, disse que Deus lhe ‘revelou’ que devia aceitar o convite e trocou de Igreja”.
- b) “Um casal estava indeciso se teria condições para adquirir uma casa para morar. O marido e a mulher buscaram a orientação de Deus. Depois de algum tempo, a mulher sonhou que a compra devia ser feita. O sonho foi entendido como uma ‘revelação’ de Deus, e a casa foi comprada”.
- c) “Um jovem não sabia se deveria prosseguir com seu namoro ou não. Não tinha certeza se queria, real-

mente, casar-se com aquela moça. Desconfiava que o casamento não daria certo. Por isso, orou muito a Deus e resolveu casar-se. Aos amigos ele disse que Deus lhe ‘revelara’ que aquele casamento seria feliz e abençoado”.

Histórias semelhantes a essas acontecem, frequentemente, nas Igrejas evangélicas. São histórias que comprovam que a palavra “revelação” está sendo muito usada. Demonstram, também, que as pessoas buscam “revelações” sempre que têm dificuldades para tomar decisões sérias, que exigem muita responsabilidade.

A REVELAÇÃO DE DEUS

Vamos estudar hoje o ensino da Confissão de Fé de Westminster a respeito da revelação de Deus.

O primeiro capítulo da Confissão de Fé tem o seguinte título: “Da Escritura Sagrada”. Esse capítulo trata da revelação de Deus em dez parágrafos. Pretendemos focalizar seu conteúdo em dois capítulos: este, abordando a questão da revelação, e no próximo, estudando o papel da Bíblia na revelação.

A primeira coisa que temos de fazer é deixar bem claro o que significa a palavra “revelação”. Temos de definir bem o que se entende por “revelação”. Isso é necessário porque, como já vimos na introdução, o termo “revelação” está sendo usado demais. Existe um verdadeiro “uso e abuso” da expressão “revelação” nos dias atuais.

A palavra “revelar” significa “tirar o véu” ou “descobrir alguma coisa que estava oculta”.

Para explicar o que é a revelação de Deus, a Confissão de Fé de Westminster (CFW) diz que ela é

“todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem” (CFW 1.6).

Essas palavras são muito importantes! Temos aí uma excelente definição a respeito da “revelação de Deus”!

Basicamente, a “revelação” diz respeito, única e exclusivamente, àquelas coisas que Deus mostrou para a glória dele e para a salvação do ser humano.

Em outras palavras, isso quer dizer que a “revelação de Deus” não se refere a qualquer adivinhação do futuro de coisas referentes à nossa vida. É lógico que há uma série de coisas que todos nós gostaríamos de saber sobre o nosso futuro particular. Seria muito mais fácil e simples a vida, se Deus nos concedesse conhecer antecipadamente o que acontecerá amanhã ou daqui a dez anos.

Tudo isso, porém, não é necessário para a nossa salvação. Tudo isso diz respeito, simplesmente, às circunstâncias de nossa vida e de nossos interesses pessoais.

Além disso, temos de lembrar que, segundo a Bíblia, Deus é radicalmente contra a adivinhação do futuro. Em Deuteronômio 18.10-11, está escrito: *“Não deixem que no meio do povo haja adivinhos ou pessoas que tiram sortes; não tolerem feiticeiros, nem quem faz despachos, nem os que invocam os espíritos dos mortos”*. E o versículo 14 do mesmo capítulo acrescenta: *“Os povos da terra que vai ser de vocês seguem os conselhos dos que adivinham o futuro e dos que tiram sortes; mas o Senhor, nosso Deus,*



não quer que vocês façam isso”.

Ora, seria uma incoerência da parte de Deus proibir a existência de adivinhadores, por um lado, e por outro lado, ficar concedendo adivinhações a certas pessoas.

Na verdade, as buscas de adivinhações sobre o futuro demonstram uma enorme falta de fé. As pessoas temem o futuro e, por causa disso, querem saber antes o que vai suceder. Porém, quem vive e caminha pela fé dispensa qualquer “revelação” sobre o futuro porque confia na proteção e cuidado de Deus.

A “revelação de Deus” nada tem a ver com tais coisas. A “revelação de Deus” refere-se a algo muito mais importante para todos nós. “Revelação” é o conhecimento que Deus concede ao ser humano a respeito de si mesmo. “Revelação” é a ação de Deus na história para nos redimir. Acima de tudo, a “revelação” máxima de Deus foi sua vinda ao mundo, na pessoa de Jesus de Nazaré, para nos salvar.

Somente nesse sentido devemos utilizar a palavra “revelação”. E é nesse sentido que prosseguimos estudando a “revelação de Deus”.

A REVELAÇÃO GERAL

A Confissão de Fé estabelece uma distinção entre duas espécies diferentes da revelação de Deus: a revelação geral e a revelação especial.

Segundo ela, a revelação geral é aquela que se dá através da

“luz da natureza e das obras da criação e da

providência”, as quais manifestam “a bondade, a sabedoria e o poder de Deus” (CFW 1.1).

A existência dessa revelação geral é atestada por vários textos bíblicos. Destacamos dois:

a) Salmo 19 – Neste salmo, lemos que “os céus *proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos*”. A ideia é a de que as coisas que foram criadas são tão maravilhosas que, ao observá-las, chegamos à conclusão de que existe um Deus que as criou.

b) Romanos 1.20 – Nesta passagem, Paulo afirma que Deus pode ser reconhecido por “*meio das coisas que foram criadas*”. Seus atributos, seu poder e sua divindade, garante o apóstolo, claramente se reconhecem através da simples observação de tudo aquilo que existe.

Todavia, a Confissão de Fé de Westminster ensina que essa revelação de Deus, apesar da sua grandiosidade, tem uma eficácia limitada. Ela diz o seguinte: a revelação geral não é suficiente

“para dar aquele conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação” (CFW 1.1).

De fato, observando a criação, podemos chegar à conclusão de que Deus existe. Mas o fato de tão somente reconhecermos que Deus existe não basta para a nossa salvação.

A REVELAÇÃO ESPECIAL

Devido à insuficiência da revelação geral, Deus concedeu uma revelação especial. Tal revelação ocorreu através da

ação de Deus na história.

O início da revelação especial de Deus teve início quando Ele entrou em contato com Abraão, formando, a partir dele, o povo de Israel.

Atuando na história de Israel, Deus lançou mão de vários procedimentos para se revelar aos seres humanos. Tais procedimentos podem ser vistos através da simples leitura dos textos bíblicos. Por exemplo, Deus se revelou:

- a) falando diretamente a Abraão (Gênesis 12.1);
- b) chamando Moisés através de uma sarça ardente (Êxodo 3.1-4);
- c) convivendo com Moisés num relacionamento “face a face” (Deuteronômio 34.10);
- d) falando com Samuel através de um sonho (1 Samuel 3.1-15);
- e) anunciando sua vontade ao povo através dos profetas, aos quais “vinha a palavra do Senhor” (Jeremias 1.1-10);
- f) manifestando-se em visões (Isaías 6.1-3).

Posteriormente, Deus lançou mão de um outro procedimento para se revelar. Deus mesmo veio ao mundo, na pessoa de Jesus de Nazaré, para viver entre nós como Emanuel, que quer dizer “*Deus conosco*”. O texto de Colossenses 1.15 diz que Jesus, “*o primeiro Filho, é a revelação visível do Deus invisível; ele é superior a todas as coisas criadas*”.

Todos esses atos históricos, culminando no envio de Jesus ao mundo, constituem a chamada revelação especial de Deus.

Devemos, contudo, lembrar que, se a memória de tais atos históricos de Deus não fosse conservada, eles cairiam no esquecimento e não chegariam até nós. Por isso, Deus providenciou, também, que a sua ação histórica fosse escrita para “preservação e propagação da verdade”, bem como “para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e malícia de Satanás e do mundo” (CFW 1.1). Foi assim que surgiu a Bíblia.

De acordo com nossa doutrina, consubstanciada na Confissão de Fé de Westminster, os antigos modos pelos quais Deus se revelou na história cessaram definitivamente. É exatamente isso o que nos declara o texto de Hebreus 1.1-3, quando diz: *“Antigamente, por meio dos profetas, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados, mas nestes últimos tempos ele nos falou por meio do seu Filho. Foi ele quem Deus escolheu para possuir todas as coisas e foi por meio dele que Deus criou o universo. O Filho brilha com o brilho da glória de Deus e é a perfeita semelhança do próprio Deus”*.

Isso quer dizer que não ocorrem novas revelações de Deus. Tudo que Deus tinha para revelar já foi revelado. E, se quisermos conhecer a revelação de Deus, temos de buscá-la nas Escrituras Sagradas.

CONCLUSÃO

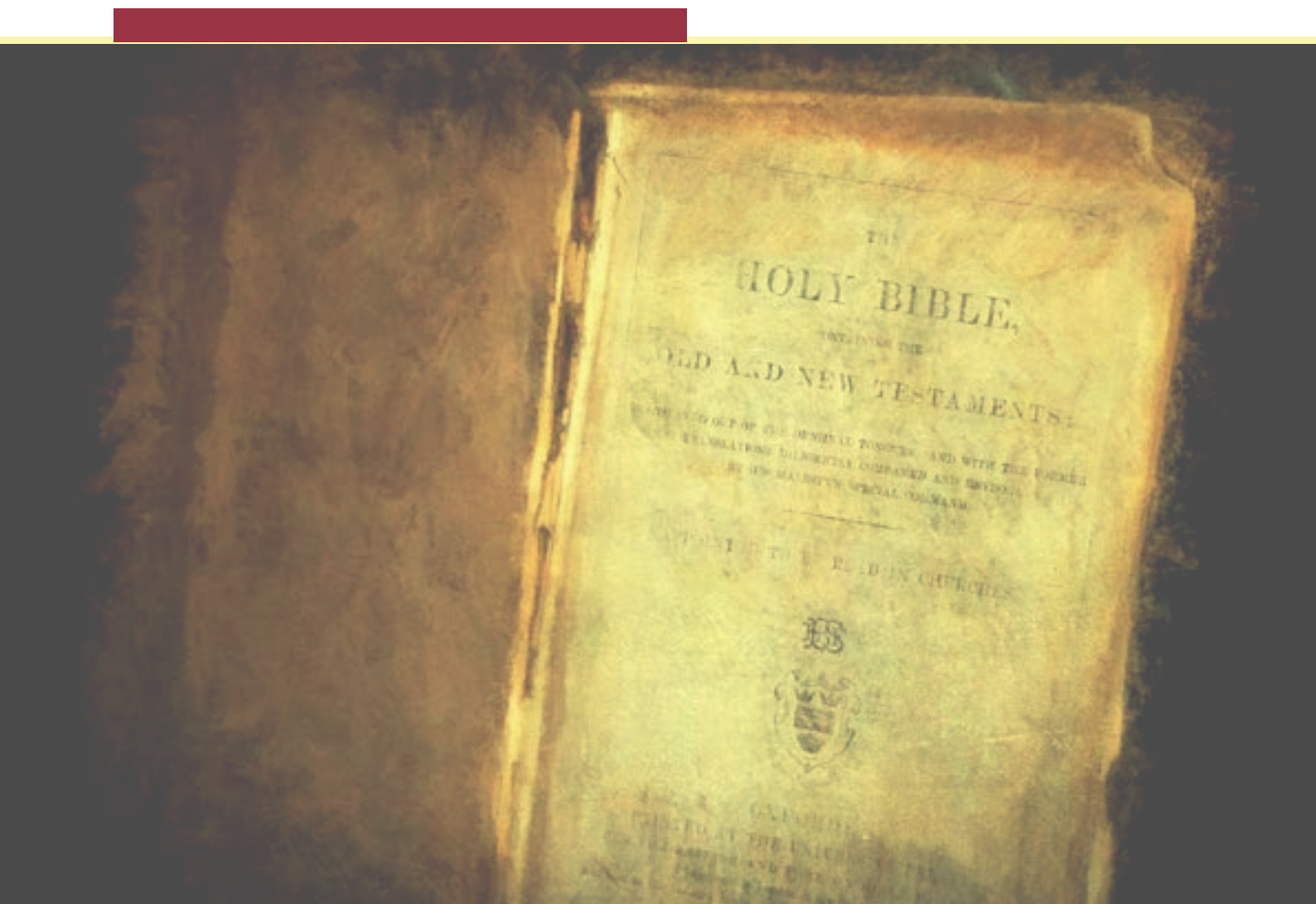
Deus se revelou de várias maneiras, atuando na história de Israel. Posteriormente, Deus veio ao mundo na pessoa de Jesus de Nazaré. Finalmente, Ele providenciou que sua revelação nos atos históricos fosse escrita, a fim de que

pudesse ser preservada e propagada.

Será que, então, Deus não age mais na história? Será que Ele já fez tudo o que tinha para fazer e nos abandonou à nossa própria sorte?

É claro que não!

O que terminou foi a revelação de Deus! Ele já nos mostrou tudo o que necessitamos para a nossa redenção. Todavia, Deus continua a agir na história. “Ele está conosco todos os dias até a consumação dos séculos” e “possui toda autoridade no céu e na terra” (Mateus 28.18-20), na pessoa de Jesus Cristo, através do Espírito Santo.



04

A CONFISSÃO DE FÉ E A BÍBLIA

“Toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver” (2 Timóteo 3.16)



INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, quando tratamos da revelação, chegamos à conclusão de que a revelação de Deus foi preservada na Bíblia.

Nós sabemos que a Bíblia não é um livro só, mas um conjunto de livros, uma verdadeira biblioteca, escrita aos poucos, em várias épocas e por diversas pessoas.

Tal livro é hoje intensamente divulgado em nosso meio, sendo, seguramente, o livro mais impresso e mais vendido em todo o mundo.

A Confissão de Fé de Westminster trata da Bíblia no seu primeiro capítulo, que possui dez parágrafos ou artigos.

A nossa intenção é a de tentar fazer um comentário geral ao conteúdo desses dez artigos.

O CONTEÚDO DA BÍBLIA

Se alguém perguntasse a você qual é o conteúdo da Bíblia, qual seria a sua resposta?

É claro que seria difícil responder em poucas palavras. O conteúdo da Bíblia envolve vários séculos de história. Como fazer para resumir tudo em poucas palavras?

É para isso que serve a Confissão de Fé. A nossa Con-

fissão de Fé fornece um resumo do conteúdo da Bíblia, que é muito sábio. Diz ela que a Bíblia trata daquele

“conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação” (CFW 1.1).

A partir dessa colocação concluímos que:

A) EXISTE UM TIPO ESPECÍFICO DE CONHECIMENTO QUE DEVEMOS BUSCAR NA BÍBLIA

Os livros de matemática nos ensinam matemática. Os livros de geografia só servem para nos oferecer informações sobre geografia. O mesmo ocorre com a Bíblia. Ela não serve para nos ensinar medicina, astronomia ou filosofia. A Bíblia serve para nos transmitir *“o conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação”*.

É claro que, na Bíblia, existe a narração da história de Israel e da história da Igreja. Todavia, devemos entender que o objetivo da Bíblia não é o de ensinar história. A Bíblia só apresenta essas histórias para transmitir o conhecimento necessário para a salvação. (Pensando nessa questão, leia o texto de João 20.30-31).

B) O CONTEÚDO DA BÍBLIA NÃO É PARA SER CONHECIDO SIMPLEMENTE DE MANEIRA TEÓRICA

Na Bíblia, nós temos o conhecimento que implica em prática na nossa existência para satisfazer a vontade de Deus. Foi o que Jesus Cristo deixou claro no final do Sermão do Monte, quando falou que *“quem ouve as minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha”* (Mateus 7.24). A Confissão de Fé de Westminster declara que os

livros do Antigo e do Novo Testamento foram

“todos dados por inspiração de Deus para serem regra de fé e de prática” (CFW 1.2).

C) O CONTEÚDO DA BÍBLIA É O MAIS IMPORTANTE QUE EXISTE PARA A NOSSA VIDA

Vivemos numa época de grande desenvolvimento científico, que exige de nós muito estudo. A leitura de qualquer bom livro é sempre útil e o “saber não ocupa lugar”. Mas devemos assinalar bem a superioridade da Bíblia em relação a todos os outros livros que existem. O conteúdo da Bíblia trata daquele conhecimento que é uma questão de vida ou morte para todos nós: a salvação.

A AUTORIDADE DA BÍBLIA

A segunda coisa que nos chama a atenção naquilo que a Confissão de Fé de Westminster diz sobre a Bíblia refere-se à sua autoridade. Basta folhear o texto da Confissão de Fé de Westminster para se perceber qual é a autoridade da Bíblia. Depois de cada um de seus parágrafos, a Confissão traz sempre uma série enorme de referências bíblicas. São versículos e mais versículos bíblicos, que servem de fundamento para aquilo que está escrito. Em outras palavras, a Confissão de Fé de Westminster reconhece e proclama a autoridade suprema das Escrituras Sagradas. Ninguém possui autoridade superior ou igual à Bíblia. Ninguém pode modificar aquilo que está escrito na Bíblia. E, como diz textualmente a Confissão,

“à Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradição dos homens” (CFW 1.6).

Poderíamos perguntar: por que a Bíblia possui tanta autoridade? Será que a Bíblia foi escrita por pessoas mais perfeitas que nós? Será que a Bíblia caiu pronta do céu e, por causa disso, deve ser considerada superior aos outros livros?

Ora, nós sabemos que a Bíblia foi escrita por seres humanos iguais a nós. Algumas pessoas que escreveram partes da Bíblia cometeram falhas clamorosas. Por exemplo, Davi, o autor de belíssimos salmos, chegou a cometer adultério e assassinato numa mesma ocasião (2 Samuel 11.1-25). Portanto, a autoridade da Bíblia não se fundamenta nos seus autores.

É claro também que a Bíblia não caiu pronta dos céus. Sabemos que ela foi redigida durante muito tempo, por pessoas cujas vidas conhecemos.

Segundo a Confissão de Fé de Westminster, a autoridade da Bíblia repousa em Deus mesmo, que é o seu verdadeiro autor (CFW 1.4). Foram pessoas imperfeitas que a escreveram, mas inspiradas por Deus.

A BÍBLIA E O ESPÍRITO SANTO

Ao tratar das Escrituras, a Confissão de Fé de Westminster chama a atenção para a pessoa e obra do Espírito Santo. Pelo menos dois importantes pontos devem ser aqui destacados:

A) O ESPÍRITO SANTO FAZ CRER

A Confissão afirma que a autoridade suprema das Escrituras é atestada pela “*operação interna*” do Espírito Santo em nós (CFW 1.5). Em outras palavras, quando lemos a Bíblia, somos persuadidos de que sua mensagem é ver-

dadeira e tem autoridade divina por causa da atuação do Espírito Santo em nossos corações.

Isso quer dizer que a verdadeira e genuína conversão não é resultado da capacidade de convencimento de qualquer pregador. Somente o Espírito Santo, atuando nos corações mediante a leitura e pregação das Escrituras, leva ao arrependimento e à fé.

B) O ESPÍRITO SANTO ILUMINA

É isso o que afirma a Confissão quando diz:

“Reconhecemos ser necessária a íntima iluminação do Espírito Santo para a salvadora compreensão das coisas reveladas na Palavra...” CFW 1.6).

Em outras palavras, a compreensão das Escrituras não depende de capacidade intelectual ou do esforço humano. Sem a iluminação do Espírito Santo, as pessoas podem ler e até chegar a conhecer o conteúdo da Bíblia. Entretanto, a compreensão verdadeira e salvadora só ocorre sob a atuação do Espírito de Deus.

É por isso que devemos ler e estudar a Bíblia com oração. Temos de orar sempre, suplicando que o Espírito nos ilumine, a fim de que sejamos capazes de compreender tudo aquilo que Deus revelou nas Santas Escrituras.

A LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Este é o último ponto que queremos abordar. Sendo um livro, a Bíblia exige, como qualquer outro, leitura e interpretação. E a Confissão de Fé diz algumas coisas sobre esse assunto:

A) A BÍBLIA PRECISA SER TRADUZIDA

A Bíblia foi escrita, originalmente, em hebraico (Antigo Testamento) e em grego (Novo Testamento). Para possibilitar sua leitura, ela necessita ser traduzida para os vários idiomas existentes no mundo. É interessante observar que o texto da Confissão diz assim:

“não sendo essas línguas (hebraico e grego) conhecidas por todo o povo de Deus...esses livros têm de ser traduzidos nas línguas vulgares de todas as nações aonde chegarem...” (CFW 1.8).

B) NO ESSENCIAL, A BÍBLIA PODE SER COMPREENDIDA POR TODOS

Na Bíblia, existem textos mais fáceis e mais difíceis de serem compreendidos. (Sobre isso, leia, atentamente, 2 Pedro 3.14-16).

O ensino da Confissão de Fé de Westminster é que o conhecimento daquilo que é essencial para a salvação está ao alcance da compreensão de todos na Bíblia. Suas palavras são as seguintes:

“Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos. Contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo das Escrituras são tão claramente expostas e explicadas que não somente os doutos, mas ainda os indoutos ... podem alcançar uma suficiente compreensão delas” (CFW 1.7).



own strength
in your thy power

PSALM 124

1 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
2 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
3 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
4 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
5 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
6 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
7 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
8 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
9 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
10 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
11 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.
12 If not for the Lord, we had perished, if not for the Lord, we had perished.

C) A BÍBLIA DEVE SER INTERPRETADA PELA PRÓPRIA BÍBLIA

Existem textos bíblicos que nos deixam confusos. Quem se dedica ao estudo da Bíblia sabe disso. A partir daí, vem a pergunta: como interpretá-los?

A Confissão de Fé diz que

“a regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura. Portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura...esse texto deve ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente” (CFW 1.9).

O que isso quer dizer? Basicamente, duas coisas:

- em primeiro lugar, não devemos querer interpretar a Bíblia fazendo doutrinas a partir de um único texto. Tal procedimento pode levar a graves enganos e erros;
- em segundo lugar, quando um texto sobre um determinado assunto for obscuro, temos de procurar outros textos mais claros sobre aquele mesmo assunto, a fim de chegarmos a uma compreensão melhor. Cada texto deve ser estudado e interpretado com o auxílio da Bíblia no seu todo.

CONCLUSÃO

Têm sido levantados, em nosso país, muitos monumentos à Bíblia. Esse gesto representa uma atitude sincera de valorização das Escrituras, bem como de sua divulgação.

Também são muitas as pessoas que carregam a Bíblia o tempo todo, como se fosse uma espécie de talismã sagrado. Quem anda com a Bíblia debaixo do braço sente-se protegido. Quem está enfermo coloca a Bíblia no local da enfermidade para promover a cura. Tais gestos representam uma atitude sincera de uso das Escrituras, porém puramente supersticiosa.

Nós devemos ter uma atitude diferente!

A Bíblia é um livro. Um livro que exige leitura, estudo e interpretação. Um livro que não deve ser objeto de devoção nem ser convertido em talismã.

O nosso respeito e consideração com a Bíblia devem ser manifestados numa só atitude: leitura, muito leitura, e estudo das Escrituras, com oração e esforço na sua interpretação.

05

DEUS – PALAVRA MUITO USADA E MUITO GASTA

"Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia de sua glória" (Isaías 6.3)

INTRODUÇÃO

Uma palavra muito usada por todos é a palavra “Deus”. Faça uma verificação a respeito disso. Observe o número de músicas populares em que a palavra “Deus” está presente. Veja também como a palavra “Deus” aparece incontáveis vezes nas conversas diárias das pessoas de nossa sociedade. “Vai com Deus”, “Deus te ajude”, “Deus te abençoe”, “Meu Deus!” etc. são expressões ditas habitualmente, sem qualquer reflexão a respeito de quem é Deus ou a que Deus está se fazendo referência.

É aí que está exatamente o problema! “Deus”, para nós, passou a ser uma palavra muito usada, mas vazia de qualquer conteúdo ou significado. Daí a importância do estudo que iniciamos neste capítulo.

RECORDAR É FUNDAMENTAL

Antes, porém, de entrar nesse assunto, vale a pena fazer uma breve recordação. Já tivemos quatro capítulos sobre a Confissão de Fé de Westminster. Foram dois introdutórios e mais dois sobre a revelação de Deus e a Bíblia.

Nesses capítulos, procuramos descobrir a importância da Confissão de Fé e, ao mesmo tempo, as suas limitações. Examinamos, também, o grande valor que a Confissão de

Fé atribui à Bíblia, considerando-a como

“regra de fé e prática” (CFW 1.2).

Ora, tudo o que estudamos está contido no capítulo I da Confissão de Fé de Westminster. Agora, a nossa proposta é a de caminharmos mais um pouco. Vamos examinar, nos próximos quatro capítulos o que a Confissão de Fé diz a respeito de Deus. Isso corresponde aos capítulos II, III, IV e V de nossa Confissão.

OS ANTROPOMORFISMOS MODERNOS

Os gregos da antiguidade eram politeístas, como os vários povos de sua época. Tinham vários deuses. Isso aparece no livro de Atos dos Apóstolos, quando Paulo visitou a importante cidade de Atenas e ali viu inúmeros altares, um dos quais, dedicado ao “*Deus desconhecido*” (Atos 17.16-34).

Todavia, o que mais chama a atenção na religião dos gregos antigos era o antropomorfismo religioso. Isto é, os gregos acreditavam que os deuses eram iguais aos seres humanos, sendo diferentes somente pelo fato de serem imortais.

Assim, os deuses gregos eram imaginados com as virtudes e os defeitos que todos nós temos. Os deuses gregos amavam e odiavam, brigavam e se reconciliavam, tinham ciúmes e inveja, etc. A tudo isso chamamos de antropomorfismo religioso.

É por aqui que vamos começar a falar do nosso Deus.

Frequentemente, nós repetimos, sem querer e sem pen-

sar, o antropomorfismo dos gregos em relação ao Deus da Bíblia. Pensamos em Deus como se Ele fosse “um bom velhinho que fica lá em cima”. Imaginamos que Deus passa todo o seu tempo a nos observar e a nos vigiar, anotando em um grande livro os nossos erros e acertos. Supomos que Deus esteja “preso” a determinados lugares, como o templo, e passamos até a “marcar encontros” com Deus nesse local. Usamos, para falar de Deus, uma linguagem antropomórfica, fazendo referência aos “braços de Deus”, aos “olhos de Deus”, “à face de Deus”, etc.

A BÍBLIA E A NOSSA SITUAÇÃO

Na verdade, é impossível escapar de tudo isso. A própria Bíblia utiliza essa forma de tratamento em relação a Deus. São inúmeros os textos bíblicos que falam de Deus “lá em cima” ou que fazem referência a partes do “corpo” de Deus. No Antigo Testamento, por exemplo, Deus conversou com Moisés, dizendo-lhe que não poderia mostrar-lhe a sua “face”, mas permitiu-lhe ver as suas “costas” (Êxodo 33.17-23). No Novo Testamento, Jesus despediu-se dos seus discípulos e “subiu aos céus” e “assentou-se” à direita de Deus (Atos 1.9 e Hebreus 1.3).

É lógico que não poderia ser de outra maneira. Para falar a respeito de Deus, a Bíblia só poderia ter usado uma linguagem humana. Afinal de contas, ela foi escrita por seres humanos e para os seres humanos. Se fosse usada outra linguagem, não poderíamos entender a mensagem da Bíblia para a nossa vida.

Devemos, contudo, lembrar que a própria Bíblia usa, em relação a Deus, uma palavra muito importante para

o nosso estudo. A Bíblia diz que Deus é “santo”. Isaías, por exemplo, quando foi vocacionado por Deus para ser profeta, teve uma visão na qual os serafins clamavam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Isaías 6.3).

Hoje em dia, a palavra “santo” tem para nós um significado muito pobre e pequeno. “Santo” é aquele que não comete pecados ou que não tem defeitos. Ora, devemos lembrar que a Bíblia foi escrita há muito tempo, por pessoas que tinham outra cultura e outra mentalidade. Assim, para a boa compreensão da Bíblia é preciso, sempre, examinar o que a linguagem bíblica queria dizer no tempo em que foi escrita e para as pessoas que a escreveram.

Uma coisa é certa: “santo”, na Bíblia, tem um significado maior e mais profundo do que costumamos pensar. Segundo um importante comentarista, quando a Bíblia diz que Deus é “santo”, ela está querendo dizer que *“Ele é o todo-outro, o incompreensível, o indefinível, o insondável”*. Isso quer dizer que, ao afirmar que Deus é santo, a Bíblia está apontando para a enorme distância que existe entre Ele o ser humano. “Deus é o todo-outro”.

É verdade que Deus ama o ser humano e busca o ser humano para se relacionar com ele. Mas Deus, na realidade, está infinitamente acima e além da nossa capacidade de compreensão.

É muito importante conservarmos essa noção da santidade de Deus. São frequentes as tentativas que fazemos para capturar Deus em nossas ideias e em nossas concepções. Todavia, Ele é santo. Não o alcançamos jamais. Tudo o que dissermos sobre Deus será sempre limitado. Todas as nossas palavras e ideias serão sempre ideias e palavras humanas. Deus permanecerá sempre como o

“todo-outro, o incompreensível, o insondável, o indefinível”. (A respeito disso, leia Jó 38 a 42).

A CONFISSÃO DE FÉ E A NOSSA SITUAÇÃO

A partir dessas importantes observações feitas, podemos examinar o que a Confissão de Fé de Westminster nos ensina sobre Deus.

Vamos destacar somente duas coisas:

PRIMEIRA: A Confissão de Fé afirma que

“na divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade – Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo” (CFW 2.3).

Nós cremos, portanto, no Deus Trino. Não cremos em três deuses ou em três modos de Deus se apresentar. cremos em três pessoas que são uma só divindade.

SEGUNDA: A Confissão de Fé de Westminster usa vários adjetivos para dizer quem é Deus:

“espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto”, etc. (CFW 2.1).

Ao afirmar que Deus é Trino e ao atribuir vários adjetivos para Deus, a Confissão de Fé de Westminster está simplesmente tentando resumir o que a própria Bíblia nos transmite.

CONCLUSÃO

Vimos, ainda que rapidamente, o que a nossa Confissão fala sobre Deus. Para concluir, queremos acrescentar três observações:

A) UMA TENTATIVA

A Confissão de Fé de Westminster está simplesmente fazendo uma tentativa de explicar em que Deus nós cremos, a partir da Bíblia. Devemos, contudo, ter sempre em mente que Deus é “santo”, isto é, o “todo-outro”, o que está além da nossa capacidade de compreensão.

Tudo o que dizemos sobre Deus são sempre palavras nossas, humanas e limitadas demais para expressar a grandiosidade do Senhor.

B) DEUS SE REVELOU

Nós só podemos dizer algo sobre Deus por causa de sua revelação a nós. Deus se revelou na história do povo de Israel, no Antigo Testamento. Deus se revelou em Jesus Cristo, no Novo Testamento.

Não é a nossa capacidade intelectual ou espiritual que nos permite entender a Deus e dizer alguma coisa a respeito dele.

C) ATOS HISTÓRICOS

A revelação de Deus sempre ocorreu através de atos históricos. Deus não ficou apresentando definições sobre si mesmo nas páginas da Bíblia. A própria Bíblia não chega nem mesmo a usar a palavra “Trindade” ou “Trino” para se referir a Deus. Essa concepção foi extraída da Bíblia, a partir do que ela conta sobre a atuação de Deus (leia



Mateus 3.13-17).

Poderíamos, então, colocar as coisas da seguinte maneira: a Bíblia conta o que Deus fez e a Confissão de Fé de Westminster tenta explicar Deus a partir de sua ação exposta na Bíblia.

06

AS PESSOAS SÃO COMO AS ESTRADAS

"Antes da criação do mundo, Deus já nos havia escolhido para sermos dele por meio da nossa união com Cristo, a fim de pertencermos somente a Deus e nos apresentarmos diante dele sem culpa" (Efésios 1.4)

INTRODUÇÃO

Você já observou as diferenças entre uma estrada moderna e uma estrada antiga? Não é preciso ser engenheiro para perceber que elas são muito diferentes entre si. Basta percorrê-las. Uma estrada moderna costuma não ter curvas muito acentuadas. Com uma estrada antiga ocorre exatamente o oposto. Por que é assim? A resposta é fácil: antigamente, não havia os recursos técnicos de que dispomos hoje; as estradas, ao serem construídas, tinham de ser desviadas dos obstáculos, ao invés de enfrentá-los; hoje, com máquinas possantes e modernas, o ser humano constrói estradas que rasgam montanhas imensas e ultrapassam vales profundos em linha reta. As pessoas são como as estradas antigas ou modernas. Há pessoas que enfrentam os problemas. Há pessoas que só se desviam deles.

Isso ocorre em muitas situações na nossa vida particular. E isso também ocorre na Igreja, quando se levantam certos problemas, como o da predestinação.

São muitas as pessoas que fogem desse assunto. São muitas as pessoas que acham que não interessa abordá-lo. São como as estradas antigas, que se desviam dos problemas.

Nossa atitude será outra. O problema existe, quer queiramos ou não. Só nos resta, portanto, enfrentá-lo.

É o que faremos aqui, tendo em vista que esse assunto está no terceiro capítulo de nossa Confissão de Fé, que traz o seguinte título: Dos Eternos Decretos de Deus.

O QUE AS PESSOAS PENSAM SOBRE A PREDESTINAÇÃO?

Qualquer ideia a respeito da predestinação irá se encaixar numa das três grandes correntes de interpretação sobre esse assunto que surgiram ao longo da história da Igreja. Vamos destacá-las:

1. DEUS DETERMINA OS QUE SERÃO SALVOS E OS QUE SERÃO CONDENADOS

Este ponto de vista é conhecido como dupla predestinação. Segundo ele, Deus já estabeleceu quais pessoas irão para o céu e quais pessoas irão para o inferno. Em outras palavras, as pessoas não decidem nada. Tudo é decidido por Deus.

É lógico que, nos nossos tempos, em que se valoriza muito a democracia, a liberdade, os direitos humanos, etc., a doutrina da dupla predestinação provoca muitas reações contrárias. Ela parece ser um ato ditatorial de um Deus despótico.

2. DEUS DETERMINOU QUE TODAS AS PESSOAS IRÃO SE SALVAR

Este segundo ponto de vista possui uma semelhança e uma diferença em relação ao anterior. A diferença é óbvia: não haverá perdidos; todos os seres humanos se salvarão; o amor de Deus dará um jeito qualquer, e ninguém have-

rá de ser condenado eternamente. A semelhança com o ponto de vista da dupla predestinação é que tudo acaba sendo decidido por Deus. O que o ser humano faz ou deixa de fazer não tem maiores consequências ou implicações. O amor de Deus é soberano, e Ele salvará a todos.

3. AS PESSOAS DECIDEM SUA SALVAÇÃO OU CONDENAÇÃO

Este terceiro ponto de vista é muito antigo e é radicalmente oposto às duas ideias anteriores. Segundo esta terceira corrente, Deus não decide nada. O ser humano é livre e responsável. Deus enviou seu Filho para propiciar a salvação de todo aquele que crê. Assim, cada um decide sua salvação ou condenação.

Agora, pense bem! É possível haver algum outro ponto de vista? Qualquer ideia sobre o assunto não cairá numa dessas três correntes de interpretação?

A POSIÇÃO DA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Passemos a outro ponto. O que a Confissão de Fé diz sobre esse assunto?

Qual é a posição tomada e exposta por ela?

Citemos alguns textos da própria Confissão:

a) “Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua própria glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida, e outros preordenados para a morte eterna” (CFW 3.3).

b) “Deus, antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens

que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra coisa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa” (CFW 3.5).

c) “Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído” (CFW 3.4).

O ideal seria ler todo o texto da Confissão de Fé de Westminster. Todavia, esses trechos selecionados servem para dar uma ideia do ensino oficial de nossa Igreja.

O que se conclui? É fácil perceber que a nossa confissão aceita a doutrina da dupla predestinação. Aqui, dois pontos devem ser observados:

- 1) A Confissão de Fé de Westminster preserva a doutrina da soberania de Deus. E tal doutrina é profundamente bíblica. Leia, para conferir, e discuta em sua classe os seguintes textos: Romanos 8.19-24 e Efésios 1.3-14.
- 2) A Confissão de Fé de Westminster nega a iniciativa humana. E essa negativa está de acordo com o ensino bíblico a respeito do pecado. De acordo com a Bíblia, o pecado corrompeu totalmente o ser humano. Sob o pecado, o ser humano é totalmente incapaz de fazer o que é bom ou de escolher o bem. Leia Romanos 7.7-25 novamente, para conferir e discutir o tema.

NÓS E A CONFISSÃO DE FÉ

Como é que você se sente diante do ensino da Confissão de Fé de Westminster? Como é que os membros de nossas Igrejas reagem diante desse ensino? O que tem sido pregado e ensinado em nossas Igrejas é aquilo que a Confissão de Fé também ensina e defende?

Ao que tudo indica, a grande maioria dos membros de nossas Igrejas não está de acordo com o texto da Confissão de Fé a respeito desse assunto. Como já dissemos, o texto da Confissão parece apresentar um Deus despótico que age ditatorialmente.

A nossa impressão é a de que o ensino e pregação de nossas Igrejas pode ser resumido nos seguintes pontos:

- a) Deus ama a todos os seres humanos e deseja que todos os seres humanos se salvem;
- b) Deus enviou Jesus Cristo para morrer por todos os pecadores;
- c) O sacrifício de Cristo é suficiente para a salvação de todas as pessoas, de todas as épocas e lugares;
- d) Aqueles que creem em Jesus Cristo são salvos, e aqueles que não creem nele estão condenados;
- e) Crer ou não crer em Jesus como salvador pessoal é questão de livre decisão de cada pessoa ao ouvir a proclamação do evangelho.

Esses pontos são mais atraentes nos dias de hoje. Estão mais de acordo com nossas ideias sobre democracia, liberdade e responsabilidade.

Contudo, temos de admitir que mesmo esses pontos encerram alguns problemas e dificuldades, tais como:

- a) Eles exigem uma doutrina sobre o pecado que afirme que a queda do ser humano não corrompeu totalmente a capacidade de escolher o que é bom. Em outras palavras, mesmo sob o pecado as pessoas podem optar, livremente, pela fé em Jesus Cristo.
- b) A partir do fato de que o ser humano escolhe, livremente, a salvação em Jesus, ele pode apresentar diante de Deus pelo menos um mérito: o de ter crido em Jesus. Isso cria um novo problema: se a fé é decisão humana, o que fazer com o ensino bíblico que diz que a fé é dom de Deus? (Efésios 2.8)

Precisamos ser realistas e honestos! Parece que, qualquer que seja a posição adotada a respeito desse assunto, esbarramos sempre em dificuldades e ficamos em becos sem saída.

TENTANDO CONCLUIR

A Confissão de Fé de Westminster diz que a doutrina da predestinação é um *“alto mistério”*, que

“deve ser tratada com especial prudência e cuidado” (CFW 3.8).

Tais palavras são muito importantes! Devemos reconhecer que nem sempre temos observado essa orientação. As atitudes mais comuns, diante desse assunto, têm sido a fuga ou a abordagem com superficialidade.

Por isso mesmo, é muito difícil concluir o assunto. Contudo, ainda que não possamos resolvê-lo ao término de um só capítulo, três coisas, pelo menos, devem ficar

muito claras:

- 1. Temos uma Confissão de Fé que ensina algo que não tem sido aceito, na prática, pela Igreja. Devemos ter a coragem de admitir a realidade de que temos uma doutrina oficial que não é respeitada na prática da vida da Igreja. E isso quer dizer que algo precisa ser feito a respeito dessa questão. O primeiro passo a ser dado é a promoção de estudos cada vez mais sérios do texto da Confissão de Fé e das razões de sua posição. Nesse sentido, este capítulo serve, pelo menos, para que tomemos consciência desse problema.
- 2. Ainda que a doutrina da predestinação não agrade à maior parte das pessoas hoje em dia, ela apresenta uma certa coerência com textos bíblicos que tratam da doutrina do pecado e da soberania de Deus. Por isso, ela não pode ser simplesmente descartada. Ela merece muito estudo a partir da Bíblia.
- 3. Finalmente, devemos ser humildes para nos curvarmos diante dos mistérios da Palavra de Deus. Temos de repetir as expressões usadas por Paulo: “Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria! Quem pode explicar as suas decisões? Quem pode entender os planos?” (Romanos 11.33)

07

AS COISAS MATERIAIS FORAM CRIADAS POR DEUS

**"E Deus viu que tudo o que havia feito era muito bom"
(Gênesis 1.31)**



INTRODUÇÃO

Uma tendência muito comum entre os cristãos sempre foi a de dividir a realidade em dois grandes blocos:

- a) uma parte material, que é considerada inferior e má;
- b) uma parte espiritual, que é considerada superior e boa.

É por causa disso que:

- a) Quando a Igreja se reúne, as pessoas fazem referência às atividades que são chamadas espirituais (culto, reunião de oração, etc.), as quais são consideradas mais importantes; atividades de outra natureza (sociais, recreativas, esportivas, etc.) são tidas como inferiores em relação às primeiras.)
- b) Desenvolveu-se a ideia de que o sexo e tudo o que com ele se relaciona deve ser considerado como algo vergonhoso ou imoral. Muitos há que continuam a considerar o relacionamento sexual como um mal necessário, que serve somente para a reprodução da espécie.
- c) Quando um cristão morre, costuma-se desprezar o corpo e valorizar a alma, transmitindo-se a ideia de que o que vai para a terra não tem importância

alguma, visto que a parte espiritual, a alma, que é a mais importante, já está com Deus.

Todas essas ideias precisam ser melhor avaliadas, à luz do ensino bíblico a respeito da criação.

A CRIAÇÃO – A NARRATIVA BÍBLICA TEM UMA MENSAGEM ATUAL

Antes de mais nada, precisamos fazer uma importante observação. Sempre que se coloca o problema da criação, a única coisa discutida é a forma em que ocorreu. Diante da teoria da evolução, muito conhecida e difundida, os cristãos chegam, muitas vezes, a ficar assustados e preocupados, assumindo uma posição de defesa da narrativa da criação, conforme lemos no texto de Gênesis.

As disputas em torno dessa questão são tantas que se perde a conta delas. E, em meio a tais discussões, fica esquecida, totalmente, a mensagem que a narrativa da criação apresenta para os dias de hoje.

A nossa preocupação, aqui, é com a mensagem da narrativa bíblica da criação e não com a forma como se deu a criação. Vamos analisar a seguinte questão: o que a narrativa da criação, no livro de Gênesis, tem a dizer para os nossos dias?

A CRIAÇÃO É MUITO BOA

A Confissão de Fé de Westminster repete o texto bíblico dizendo que Deus criou

“tudo muito bom” (CFW 4.1).

Duas coisas devem ser destacadas a partir daí:

- 1. Deus é o criador das coisas materiais;
- 2. As coisas materiais são boas, pois têm origem divina.

Cai por terra, diante disso, a nossa costumeira divisão da realidade em duas partes, uma espiritual e boa, e outra, material e má. Não podemos aceitar que Deus tenha criado uma coisa ruim.

Em muitas épocas, cristãos sinceros pensaram fazer a vontade de Deus privando-se das coisas boas da natureza ou martirizando o próprio corpo. Como cristãos, a nossa atitude deve ser diferente. Devemos desfrutar das coisas boas da criação, com alegria, reverência e gratidão. A criação é uma dádiva de Deus para o bem do ser humano.

É lógico que hoje enfrentamos problemas com a natureza. Mas devemos reconhecer que o próprio ser humano, com seu pecado, tem agredido e violentado a criação de Deus. A boa criação de Deus, feita para a felicidade do ser humano, tem sido utilizada para a satisfação do egoísmo e da vaidade. Nesse aspecto, a nossa atitude cristã deve ser diferente: precisamos defender o bom uso da natureza, com respeito, com amor e com justiça, preocupando-nos com a sua preservação.

A Confissão de Fé de Westminster não traz nenhuma palavra a respeito dessas questões. Nem poderíamos esperar que trouxesse. Afinal de contas, ela foi produzida no século XVII, quando não existia nenhuma preocupação ecológica. Somente contemporaneamente tem sido despertada uma consciência ecológica, por causa do agravamento da condição ambiental. Será que, como



cristãos, não devemos nos interessar cada vez mais por esse assunto, lutando para preservar a criação de Deus?

O SER HUMANO FOI CRIADO PARA VIVER EM COMUNIDADE

A Bíblia não diz que Deus criou somente a natureza. Deus criou também os seres humanos. E fica claro, na narrativa do Gênesis, que Deus se preocupou com a solidão do homem, pois “*não é bom que o homem viva sozinho*” (Gênesis 2.18). Por isso, Deus criou também a mulher e disse que fossem fecundos e se multiplicassem e enchessem a terra (Gênesis 1.28).

Aqui também há uma mensagem para os nossos dias. Vivemos numa sociedade tremendamente competitiva. O outro é visto sempre como um adversário ou um inimigo. O outro representa uma ameaça para a nossa posição, para o nosso emprego e para o nosso bem-estar. O outro é considerado como um ser que temos de vencer para progredir e garantir um lugar ao sol.

Ora, não foi essa a intenção de Deus na criação. Deus criou a mulher para ser uma companheira do homem. Deus fez a mulher a fim de que o homem vivesse em comunidade. Em outras palavras, na ótica divina, o outro existe para ser um amigo, um irmão, uma criatura solidária ao nosso lado.

O SER HUMANO E O TRABALHO

A Bíblia diz ainda que Deus colocou o ser humano num jardim para o cultivar e guardar (Gênesis 2.16).

Isso indica que Deus não criou o ser humano para que ficasse sem fazer nada. Ao contrário, Deus atribuiu-lhe uma tarefa. Ao desincumbir-se dela, fazendo a vontade de Deus, o ser humano sentir-se-ia plenamente realizado como criatura de Deus.

Não é isso o que vemos hoje em dia. O trabalho, em nossa sociedade, tem sido fonte de sofrimentos e de injustiças. Muitos trabalham demais e não se realizam no seu trabalho. Outros pouco ou nada trabalham, mas desfrutam fartamente das riquezas e dos bens produzidos pelo suor alheio.

Assim, o trabalho se transformou em motivo de conflitos e em fonte de exploração entre as pessoas. É por isso que existem associações de proprietários e associações de trabalhadores em luta constante entre si. Daí também as greves, as leis trabalhistas, etc.

Não foi esse o plano de Deus. Deus deu o trabalho ao ser humano para que ele se realizasse, vivendo bem, comunitariamente. O que existe hoje em dia não reflete o plano divino, mas a sua corrupção por causa do pecado humano.

O SER HUMANO COMO COMPANHEIRO DE DEUS

Finalmente, a narrativa da criação ainda diz que o ser humano foi colocado por Deus com domínio sobre todas as outras criaturas (Gênesis 1.26). E acrescenta que o ser humano foi chamado por Deus para dar nome a todos os seres vivos (Gênesis 2.19).

Isso mostra a posição privilegiada que o ser humano ocupou na criação de Deus. Ele foi feito para ser um

companheiro de Deus, participando na direção das coisas criadas. Em outras palavras, o ser humano não é igual às demais criaturas, vivendo simplesmente por instinto. O ser humano não está preso às determinações de um destino estabelecido pelas leis da natureza. O ser humano é um ser racional pela graça de Deus. Ele foi posto por Deus em condições de dirigir as coisas criadas, através do uso das capacidades que Deus lhe concedeu.

CONCLUSÃO

Fizemos um pequeno estudo bíblico a respeito da criação, procurando extrair a mensagem bíblica a respeito desse assunto. Procuramos mostrar que a narrativa do Gênesis é profundamente atual.

Ao falar da criação, a Bíblia nos ensina que as coisas materiais são boas e que temos a responsabilidade de cuidar da natureza, aproveitando seus recursos, com gratidão e reverência, pois são dádivas de Deus para nós.

Ao tratar da criação, a Bíblia também nos mostra que fomos criados para viver em comunhão uns com os outros e em comunhão com o Criador.

É essa a mensagem bíblica que temos de viver e proclamar nos dias de hoje a respeito da criação.

08

DEUS NÃO ABANDONOU A SUA CRIAÇÃO

"Vejam os passarinhos que voam pelo céu: eles não semeiam, não colhem, nem guardam comida em depósitos. No entanto, o Pai de vocês, que está no céu, dá de comer a eles. Será que vocês não valem muito mais do que os passarinhos?"

(Mateus 6.26)

INTRODUÇÃO

De vez em quando, encontramos em nossas estradas uma frase escrita em caminhões que diz: “Se o mundo fosse bom, o dono morava nele”.

Essa frase reflete um pensamento popular a respeito de Deus. Nela estão duas ideias:

- Deus foi o criador do mundo e do universo;
- Deus não tem, atualmente, nenhuma ligação com o nosso mundo, tendo-o abandonado e ido para outro lugar.

Dessa maneira, fica mais fácil entender porque existem tantas desgraças e misérias no mundo. Tudo o que é ruim só acontece porque Deus está ausente ou porque Deus abandonou o mundo à sua própria sorte.

Ora, é lógico que é muito mais difícil dizer que todas essas ideias estão erradas. É muito mais difícil, frente à injustiça e sofrimento reinantes no mundo, afirmar que Deus está vivo, está presente e está atuando em nosso mundo. O grande problema passa a ser o de conciliar a presença de Deus com todas as desgraças que ocorrem em nosso planeta.

Todavia, é exatamente esta a posição de nossa Confissão de Fé. No seu quinto capítulo, ela trata da providência de Deus, afirmando que

“Deus, o grande criador de todas as coisas... sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas” (CFW 5.1).

É exatamente esse o assunto deste capítulo.

DEUS SUSTENTA A CRIAÇÃO

As ciências avançaram muito em nossos dias. Assim, nós conhecemos o funcionamento do universo de forma muito melhor do que as pessoas que viveram há cem ou duzentos anos.

Graças a essa situação, nós ficamos cada vez mais admirados com o funcionamento de todas as coisas que existem.

A afirmação da Confissão de Fé de Westminster, baseando-se na Bíblia, é a de que Deus é quem garante todo o funcionamento do universo.

Nesse aspecto, é muito ilustrativa a história do dilúvio e da torre de Babel.

Leia o texto de Gênesis 7.17-24.

Temos aí a narrativa a respeito de uma chuva prolongada, que destruiu a humanidade. Ainda hoje, com todo o progresso e recursos técnicos, o ser humano continua na mesma situação de dependência da natureza. Como em outras épocas da história, dependemos do sol e da chuva, tememos os terremotos e os vulcões, podemos ser destruídos por catástrofes naturais.

Leia, ainda, o texto de Gênesis 11.1-9. Temos aí a história da construção da torre de Babel, que simboliza um projeto

humano que é perene e continua a se repetir nos dias atuais. O ser humano sempre quis proclamar a sua independência em relação a Deus e afirmar o seu próprio nome.

Contudo, a grande lição é que o ser humano é frágil e vulnerável. Ele depende de um universo funcionando bem para sobreviver.

A nossa fé é a de que Deus é o grande sustentador do universo. É Deus quem conserva a sua criação em funcionamento para nos abrigar.

DEUS GOVERNA A SUA CRIAÇÃO

Deus vai além da mera preservação da criação. A Confissão de Fé de Westminster, com base na própria Bíblia, ensina, também, que Deus “dirige, dispõe e governa todas as criaturas” (CFW 5.1).

Como é que isso ocorre? Como é que Deus governa o nosso mundo?

Há algum tempo, um astronauta foi lançado ao espaço. Viu o universo a partir de uma perspectiva privilegiada. Quando voltou, ele disse que não tinha visto Deus.

Diante disso, perguntamos: como é que Deus governa o nosso mundo, se não o vemos?

A resposta da Confissão de Fé é a seguinte:

- Deus dirige e governa através das leis da natureza. Foi Ele quem estabeleceu as leis que regem o universo. Tais leis, ainda hoje, representam a direção de Deus para o nosso mundo.
- Deus dirige e governa através de atos feitos pelas próprias criaturas. Em outras palavras, Deus se utiliza

de nossos atos para realizar os seus planos. Muitas vezes, não percebemos a direção de Deus. Muitas vezes, ignoramos a ação de Deus. Mas até mesmo em tais situações, Deus realiza a sua vontade através daquilo que nós realizamos.

- Deus dirige e governa através de intervenções extraordinárias. E é aqui que nós colocamos os milagres.

Para ilustrar, vejamos o texto de Atos 8.26-40. Temos aí a narrativa da conversão de uma pessoa. Sua conversão se deu após ouvir uma explicação das Escrituras, feita por Filipe. Mas o encontro de Filipe com aquela pessoa aconteceu por causa da orientação dada por um anjo.

Temos aí os dois últimos elementos apontados acima: a ação extraordinária (um anjo) e a ação ordinária (a pregação de Filipe).

Deus não poderia ter feito o anjo falar diretamente àquela pessoa que se converteu? Será que a pregação de um anjo não seria até mais eficiente e poderosa do que a pregação de Filipe? Ocorre, porém, que Deus, na sua soberania, preferiu utilizar o trabalho de Filipe na proclamação do evangelho.

É exatamente isso o que muita gente não quer entender nos dias de hoje. São muitas as pessoas que acham que Deus só está presente e atuante quando milagres acontecem.

Ora, foi o próprio Deus quem criou o nosso universo. Foi o próprio Deus quem estabeleceu as leis que regem o cosmos. Foi também Deus quem nos criou. Logo, as leis universais e a nossa atuação também representam a ação de Deus.

E nós precisamos aprender a contemplar as coisas naturais que acontecem e a ver nelas a poderosa presença e atuação de Deus. Era exatamente isso o que fazia o salmista do passado. Contemplando a natureza, ele exclamava: *“O céu anuncia a glória de Deus e nos mostra aquilo que as suas mãos fizeram. Cada dia fala dessa glória ao dia seguinte, e cada noite repete isso à outra noite. Não há discurso nem palavras, e não se ouve nenhum som. No entanto, a voz do céu se espalha pelo mundo inteiro, e as suas palavras alcançam a terra toda”* (Salmo 19).

No mesmo tom, o Salmo 8 diz: “Ó Senhor, nosso Deus, a tua grandeza é vista no mundo inteiro”.

O CRISTÃO E A PROVIDÊNCIA DE DEUS

Outro aspecto da providência de Deus diz respeito exclusivamente aos cristãos.

Sempre existem aqueles que se tornam cristãos na expectativa de conquistarem os favores divinos. São pessoas que pensam que, ao se tornarem cristãs, ficarão livres de todos os problemas e dificuldades.

O que costuma acontecer com tais pessoas é uma grande desilusão. Elas se tornam cristãs, mas descobrem que continuam a ter problemas.

O que diz a Confissão de Fé de Westminster sobre isso? A providência divina não elimina as dificuldades na vida dos cristãos?

A nossa Confissão de Fé afirma que Deus deixa seus

“filhos entregues a muitas tentações...a fim de que sejam humilhados, para animá-los a dependerem mais íntima e constantemente do apoio dele e torná-los mais vigilantes...” (CFW 5.5).

Em outras palavras, a providência de Deus sobre os cristãos não elimina os problemas e as dificuldades. O que ocorre é que Deus, em sua soberania, utiliza tudo isso para alcançar boas coisas na vida dos cristãos.

É nesse sentido que devemos entender o ensino do apóstolo Paulo, quando afirma: *“Sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles a quem ele chamou de acordo com o seu plano”* (Romanos 8.28).

Ao dizer estas palavras, Paulo não estava, simplesmente,

tratando de um tema teórico. Na verdade, o apóstolo estava dizendo algo que era a sua própria experiência de vida. Ele mesmo tinha um grande problema. Não sabemos que espécie de problema era esse. Paulo o menciona usando uma linguagem simbólica: “espinho na carne” (2 Coríntios 12.7). Para se ver livre de tal “espinho”, ele chegou a orar três vezes, pedindo a Deus que tirasse aquele sofrimento de sua vida. Deus, porém, não tirou o “espinho”. Ao contrário, disse-lhe: “A minha graça é tudo o que você precisa, pois o meu poder é mais forte quando você está fraco” (2 Coríntios 12.9). Frente a resposta divina, Paulo escreveu: “Eu me sinto muito feliz em me gabar das minhas fraquezas, para que assim a proteção do poder de Cristo esteja comigo. Eu me alegro também com as fraquezas, os insultos, os sofrimentos, as perseguições e as dificuldades pelos quais passo por causa de Cristo. Porque, quando perco toda a minha força, então tenho a força de Cristo em mim” (2 Coríntios 12.9-10).

CONCLUSÃO

Para muitas pessoas dos dias atuais, a vida não tem nenhum sentido. Elas vão vivendo, sem saberem a razão da própria vida.

A nossa situação como cristãos é muito diferente. Nós cremos num Deus criador, e só isso já dá sentido para a nossa existência.

Além disso, porém, cremos num Deus que continua a sustentar e a governar todas as coisas que foram criadas. E isso, além de encher de sentido o nosso viver, serve para nosso conforto e encorajamento.

Precisamos aprender a viver, cada vez mais, com confiança na providência de Deus. A vida assim é bem melhor!

09

O MAL ENTRA EM CENA

"A mulher viu que a árvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter entendimento. Aí apanhou uma fruta e comeu; e deu ao seu marido, e ele também comeu" (Gênesis 3.6)

INTRODUÇÃO

Os dois últimos capítulos que tivemos sobre a Confissão de Fé de Westminster tinham os seguintes títulos: “As coisas materiais foram criadas por Deus” e “Deus não abandonou a sua criação”.

Podemos afirmar que o tom desses capítulos foi muito otimista. O primeiro tratou da bondade da criação de Deus. O segundo mostrou que Deus continua cuidando de todas as coisas que Ele criou. No entanto, será que tudo hoje continua assim maravilhoso? Será que podemos ver, facilmente, a bondade da criação em tudo o que acontece? Será que temos facilidade para perceber o cuidado de Deus com todas as coisas criadas?

MANCHETES DOS JORNAIS

Verifique as principais manchetes dos jornais desta semana. Não são muitas as boas notícias. Ao contrário, são escassas. A maior parte delas refere-se a guerras, mortes, assaltos, violência, corrupção, catástrofes naturais, etc.

Há algum tempo, um jornal de grande circulação tomou uma iniciativa. Resolveu que reservaria sempre, para a primeira página, uma boa notícia. Logo que essa decisão foi tomada, um jornalista comentou que tinha a impressão

que seria difícil encontrar, todos os dias, uma boa notícia para ser divulgada. E, de fato, pouco tempo depois, o jornal abandonou a ideia.

Sobre as más notícias que circulam através dos mais diferentes meios de comunicação, destacamos os seguintes pontos:

- a) Sempre aparecem notícias de terremotos, vulcões, furacões, etc. São fenômenos da própria natureza. Não são causados pelo ser humano. Em outras palavras, são acontecimentos terríveis e desastrosos, que acontecem no mundo que Deus criou e que Deus viu que era muito bom.
- b) A maior parte das notícias diz respeito a desgraças praticadas pelo próprio ser humano. De fato, os seres humanos são adversários e inimigos uns dos outros. Os mais ricos exploram os mais pobres. Os mais poderosos espezinham os mais fracos. Os mais espertos enganam os mais simplórios. Mas a Bíblia afirma que, quando criou o ser humano, Deus também concluiu que havia feito algo bom.

Tudo isso quer dizer o seguinte: não adianta afirmarmos simplesmente que tudo o que Deus criou foi muito bom; não basta dizermos que temos fé na providência e no cuidado de Deus. Temos de ser honestos e reconhecer que o mal está presente no mundo atual. Só não vê o mal quem não quer. O mal existe e se manifesta por toda parte, tanto na natureza como na história.

E o que a Bíblia diz a respeito do mal? O que a Confissão de Fé de Westminster ensina sobre o mal?

NOSSO ENSINO SOBRE O MAL

Sobre essa questão, a Confissão de Fé diz o seguinte:

“Nossos primeiros pais, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, pecaram comendo o fruto proibido. Segundo o seu sábio e santo conselho, foi Deus servido permitir esse pecado deles, havendo determinado ordená-lo para sua própria glória” (CFW 6.1).

A respeito desse parágrafo, que é baseado na narrativa do livro de Gênesis, temos os seguintes comentários a fazer:

1. SOMENTE DISPOMOS DE UMA DESCRIÇÃO DA ENTRADA DO MAL NO MUNDO

Tanto a Bíblia como a Confissão de Fé não nos oferecem uma “explicação” sobre a origem do mal, mas uma simples “descrição” a respeito da entrada do mal no mundo.

O ensino bíblico é o de que a serpente tentou, e o ser humano caiu na tentação. A serpente é identificada como sendo o Diabo ou Satanás, que era uma criatura angelical (Apocalipse 12.9 e 20.2).

Ora, se o Diabo agiu contra a criação de Deus, nós ficamos com a pergunta: como foi que uma criatura angelical se rebelou contra a vontade de Deus? Dizendo de outra maneira: o ser humano pecou porque um anjo de Deus decaído o tentou (Satanás); mas como foi que um anjo de Deus pecou?

Somos obrigados a dizer que não sabemos. Não dispomos de resposta bíblica para esse tipo de pergunta. O mal, na sua origem, não tem explicação para nós. Ele está

presente. Faz parte da nossa realidade. Mas não temos condições de explicá-lo. Em outras palavras, a origem do mal é um mistério para nós.

2. O PECADO VEM DE FORA DO SER HUMANO

A narrativa bíblica da queda do ser humano leva-nos a concluir que o pecado vem de fora. Isso quer dizer que a natureza do ser humano criado por Deus era boa. O mal não foi criado ou iniciado pelo ser humano. O ser humano não é, portanto, essencialmente mau desde a sua criação. O que o ser humano fez foi aceitar a tentação e escolher o mal no lugar do bem.

3. O SER HUMANO USOU SUA LIBERDADE PARA PECAR

O ser humano escolheu o mal, usando a liberdade que lhe tinha sido concedida por Deus. Deus deu ao ser humano a oportunidade de escolher entre viver de acordo com a vontade divina ou viver contra ela. Daí o comentário de um estudioso: “foi oferecida ao ser humano a oportunidade de substituir o ser livre ‘para’ Deus pelo ser livre ‘de’ Deus. Foi isto que Agostinho quis dizer, quando declarou que a essência do pecado é o orgulho. Sentindo-se o ser humano tentado a elevar-se por cima de si mesmo, sucumbiu e, desse modo, precipitou a sua queda”.

4. DEUS É SOBERANO, APESAR DA EXISTÊNCIA DO MAL

Esta é uma forma bem calvinista de interpretar a Bíblia. O calvinismo, que é a doutrina do presbiterianismo, caracteriza-se por enfatizar a soberania de Deus.

Deus é soberano, apesar da realidade do mal no mundo.



Mais ainda: Deus é tão soberano que até mesmo o mal é utilizado por Deus, na realização da sua vontade.

Em outras palavras, a realidade do mal não significa que os planos de Deus fracassaram. Deus realiza os seus planos até mesmo através daquilo que é contra os seus planos. Deus faz a sua vontade até mesmo através das coisas que são contrárias à sua vontade.

É isso o que a Confissão quer dizer quando afirma que Deus “permitiu” o pecado de nossos primeiros pais, bem como o “ordenou para sua própria glória”.

NOSSA REALIDADE DIANTE DA NOSSA DOUTRINA

Tudo o que dissemos até aqui parece ser muita teoria e de pouca utilidade prática. Na verdade, porém, tudo isso é profundamente prático. A partir do que afirmamos até agora, temos muita coisa para mudar na vida. Vamos a alguns exemplos:

1. REVERÊNCIA DIANTE DOS MISTÉRIOS

Não dispomos de uma explicação da origem do mal, bem como não temos muitas outras respostas para perguntas que se colocam diante de nós. Faz parte da natureza humana querer saber tudo e querer tudo explicar. Entretanto, temos de reconhecer que há coisas que são “mistério” para nós.

A Bíblia não explica tudo. O próprio Senhor Jesus confessou, humildemente, que não sabia tudo. Havia coisas que somente Deus, o Pai, sabia. Em Marcos 13.32, por exemplo, encontramos as seguintes palavras de Jesus: *“Mas ninguém sabem nem o dia nem a hora em que tudo*

isso vai acontecer, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai”.

Além disso, o Senhor Jesus deixou bem claro que nosso conhecimento é limitado. Existem coisas que não são da nossa competência. Foi o que ele disse aos seus discípulos, antes de subir aos céus: *“Não cabe a vocês saber a ocasião ou o dia que o Pai marcou com a sua própria autoridade”* (Atos 1.7).

Devemos seguir o exemplo do Senhor Jesus, que admitia os limites de seu conhecimento. Não devemos tentar explicar o que a própria Bíblia não explica. Há mistérios de Deus, frente aos quais temos de nos curvar com reverência.

2. ADMISSÃO DA REALIDADE DO MAL

Se o mal entrou no mundo, ele ainda está presente em nosso mundo. Na verdade, muitas vezes somos ingênuos e não reconhecemos bem a presença do mal. Inventamos formas para fingir que o mal não é tão ruim assim. Ora, precisamos levar o mal a sério. Precisamos desmascará-lo em todas as suas manifestações. A respeito disso, merece nossa atenção o texto de Isaías 64.6, que diz: *“Todos nós nos tornamos impuros, todas as nossas boas ações são como trapos sujos. Somos como folhas secas; e os nossos pecados, como uma ventania, nos carregam para longe”.*

Será que temos sido capazes de admitir essa verdade? Ou será que nos orgulhamos de certas virtudes que possuímos e que se manifestam nas boas ações de que nos orgulhamos?

O texto do profeta é claro: mesmo as nossas melhores obras são corrompidas e não passam de trapos imundos.

3. CORAGEM NO COMBATE AO MAL

Se Deus é soberano, devemos ter a coragem de combater o mal. Vivemos num mundo onde o mal está presente em toda parte. E a atitude mais comum entre nós é a de não nos expormos muito, quando temos de enfrentar o mal. Ficamos sempre preocupados com a nossa segurança, com a nossa sobrevivência, etc. Desculpamo-nos a nós mesmos, dizendo que não podemos correr muitos riscos.

A nossa fé na soberania de Deus tem de se manifestar, exatamente, na luta contra o mal. Se cremos no Deus que triunfa soberanamente sobre o mal, então devemos ser mais ousados em nossa oposição a todas as suas manifestações.

CONCLUSÃO

Há pessoas que acham que o cristão precisa ser uma espécie de otimista ingênuo, dizendo sempre que tudo está muito bem. Esse tipo de atitude subestima a realidade do mal presente em nosso mundo.

Há pessoas que pensam que o cristão deve ser uma espécie de pessimista contumaz, afirmando sempre que tudo está corrompido. Esse tipo de atitude subestima o poder de Deus que reina sobre todas as coisas.

Não podemos ser nem otimistas ingênuos nem pessimistas contumazes. Nossa atitude tem de ser outra. Devemos ser realistas confiantes. Por um lado, temos de levar o mal a sério e reconhecer sua presença e sua força. Por outro lado, temos de confiar no poder de Deus que, em Cristo, triunfou sobre todo o mal.

10

O MAL TOMA CONTA DO ESPETÁCULO

"Por causa do que você fez, a terra é maldita" (Gênesis 3.17)

INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, vimos como o mal entrou em cena. Neste, pretendemos examinar como ele tomou conta do espetáculo. Em outras palavras, vamos ver como o mal tomou conta do mundo todo e de toda a nossa realidade.

A respeito desse assunto, destacamos o seguinte texto da Confissão de Fé de Westminster:

“Nossos primeiros pais...pecaram, comendo do fruto proibido. Por este pecado eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma” (CFW 6.1 e 2).

O MAL QUEBROU A COMUNHÃO DO SER HUMANO COM DEUS

Esta é a primeira coisa que a Confissão de Fé destaca a respeito do mal. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Devemos entender que, por ter sido feito à imagem e semelhança de Deus, o ser humano tinha a possibilidade de estar em comunhão com Deus. Nesse sentido, o ser humano era diferente e superior a todas as outras criaturas. Nenhuma outra era a imagem

e semelhança de Deus. Nenhuma outra tinha o privilégio de se comunicar com o Criador.

É exatamente isso o que descobrimos, quando lemos os primeiros capítulos do livro de Gênesis. Deus, por exemplo, conversa com o primeiro casal humano e lhe diz: *“Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda a terra e a dominem. E tenham poder sobre os peixes do mar, sobre as aves que voam no ar e sobre os animais que se arrastam pelo chão”* (Gênesis 1.28).

Deus também disse ao ser humano: *“Você pode comer as frutas de qualquer árvore do jardim, menos da árvore que dá o conhecimento do bem e do mal. Não coma a fruta dessa árvore; pois, no dia em que você a comer, certamente morrerá”* (Gênesis 2.16-17).

Além disso tudo, na linguagem do primeiro livro da Bíblia, no dia em que nossos primeiros pais pecaram, *“quando soprava o vento suave da tarde, o homem e a mulher ouviram a voz do Senhor Deus, que estava passeando pelo jardim. Então se esconderam dele, no meio das árvores. Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou: - Onde é que você está?”* (Gênesis 3.8-9).

Em todos esses textos bíblicos, nós percebemos que o ser humano vivia em relacionamento com Deus.

Bastou, no entanto, o ser humano cair em tentação para perder essa comunhão com o Criador. Na linguagem do livro do Gênesis, o ser humano sentiu medo de Deus e se escondeu (Gênesis 3.10).

É precisamente nesta situação que se encontra hoje a humanidade. Antes do pecado, o ser humano estava em comunhão com Deus e vivia bem nessa situação. Após

o pecado, o ser humano sente medo de Deus e foge da Sua presença.

O MAL CORROMPEU O SER HUMANO INTEGRALMENTE

A Confissão de Fé é muito clara ao dizer que o pecado corrompeu todas as “faculdades” humanas. O pecado corrompeu todas as “partes do corpo e da alma”.

Foi nesse sentido que Paulo escreveu aos cristãos de Roma, dizendo: *“Eu sou humano e fraco e fui vendido ao pecado para ser seu escravo. Eu não entendo o que faço, pois não faço o que gostaria de fazer. Pelo contrário, faço justamente aquilo que odeio...Eu sei que aquilo que é bom não vive em mim, isto é, na minha natureza humana. Porque, mesmo tendo dentro de mim a vontade de fazer o bem, eu não consigo fazê-lo. Pois não faço o bem que quero, mas justamente o mal que não quero fazer é que eu faço”* (Romanos 7.14,15,18,19).

Vemos aí que o pecado dominou o ser humano integralmente. Paulo dizia que o pecado chegava a fazê-lo a agir contra a sua própria vontade. Em outras palavras, o pecado não tinha tomado conta somente do seu corpo, mas também de sua alma. Ao afirmar que era escravo do pecado, o apóstolo estava dizendo que o mal dominava até mesmo a sua vontade.

Diante disso, não podemos subestimar o mal. Não podemos imaginar que ele toma conta somente de uma pequena parte do nosso ser. Temos de reconhecer que o mal corrompeu o ser humano todo, isto é, todas as “faculdades humanas” e todas as “partes do corpo e da alma”.

O MAL CORROMPEU O RELACIONAMENTO DO SER HUMANO COM SEUS SEMELHANTES

Basta ler atentamente a narrativa da queda do ser humano no livro do Gênesis para se perceber essa grande verdade.

Quando Deus criou a mulher, o homem exclamou com muita satisfação: *“Agora sim! Esta é carne da minha carne e osso dos meus ossos. Ela será chamada de ‘mulher’ porque Deus a tirou do homem”* (Gênesis 2.23). Com tais palavras, o homem estava afirmando que via na mulher a sua companheira ideal, a sua igual, o ser que faria com que não se sentisse solitário.

No entanto, logo após a entrada do mal, o homem mudou a sua forma de ver a mulher. Quando Deus lhe perguntou porque desobedecera a sua ordem, o homem respondeu com uma acusação ao mesmo tempo contra o próprio Deus e contra a mulher: *“A mulher que me deste para ser a minha companheira me deu a fruta, e eu comi”* (Gênesis 3.12). Em outras palavras, antes da queda, a mulher era a companheira ideal, motivo de alegria e satisfação; depois da queda, passou a ser vista como a culpada da desobediência.

E não deixa de ser interessante acrescentar que, logo após a queda, o texto bíblico apresenta a narrativa do primeiro assassinato. Caim matou Abel, isto é, um irmão não conseguiu mais viver com outro e, por isso, acabou com sua vida.

Temos aqui um dos problemas da nossa Confissão de Fé. Ela não faz nenhuma referência explícita às consequências do pecado sobre a vida em comunidade. Ela não

aborda as implicações sociais do pecado. Isso ocorre porque a Confissão de Fé só se preocupa com os efeitos do pecado sobre o indivíduo. Ela menciona a corrupção total de cada ser humano por causa do pecado. Mas não destacou a corrupção das relações entre os seres humanos.

Infelizmente, ainda hoje conservamos essa mesma atitude da Confissão de Fé. Preocupamo-nos muito com nossos pecados individuais, com nossa situação particular diante de Deus. Será que não estamos precisando redescobrir que a Bíblia nos fala do mal também corrompendo o relacionamento com nossos semelhantes?

O MAL CORROMPEU O RELACIONAMENTO DO SER HUMANO COM A NATUREZA

Ao tratarmos desta questão, devemos começar dizendo que não temos, na Confissão de Fé de Westminster, nenhuma palavra a respeito do assunto. Somente a Bíblia é que tem algo a nos dizer sobre isso.

Quando Deus criou o homem e a mulher, disse-lhes as seguintes palavras: *“Para vocês se alimentarem, eu lhes dou todas as plantas que produzem sementes e todas as árvores que dão frutas. Mas, para todos os animais selvagens, para as aves e para os animais que se arrastam pelo chão, dou capim e verduras como alimento”* (Gênesis 1.29-30).

Imediatamente, após a queda do ser humano, Deus falou: *“Você fez o que a sua mulher disse e comeu a fruta da árvore que eu o proibi de comer. Por causa do que você fez, a terra será maldita. Você terá de trabalhar duramente a vida inteira a fim de que a terra produza alimento su-*

ficiente para você. Ela lhe dará mato e espinhos, e você terá de comer ervas do campo. Terá de trabalhar no pesado e suar para fazer com que a terra produza algum alimento; isto até que você volte para a terra, pois dela você foi formado. Você foi feito de terra e vai virar terra outra vez” (Gênesis 3.17-19).

A Confissão de Fé de Westminster nada diz a respeito desse aspecto do mal. Nós também nos esquecemos, frequentemente, dessa realidade que a Bíblia nos ensina.

A verdade é que o mal atingiu todas as coisas criadas por Deus. Por causa do pecado do ser humano, a natureza passou a se voltar contra o próprio ser humano. Todas as coisas que foram criadas para o bem e felicidade do ser humano tornaram-se perigosas e ameaçadoras para a humanidade.

CONCLUSÃO

À medida que caminhamos no estudo da nossa Confissão de Fé, percebemos algumas de suas limitações. Ela nos ajuda no estudo da Bíblia, mas o estudo da Bíblia nos faz perceber as suas omissões.

Não devemos, contudo, ficar impressionados com isso. É natural que, tendo sido preparada no século XVII, a Confissão de Fé reflita as preocupações das pessoas que viviam no século XVII.

Naquela época, a grande preocupação era de natureza individual. Por isso, a Confissão de Fé diz que o pecado quebrou a comunhão do homem com Deus e corrompeu o seu corpo e alma. Ela não vai além disso porque era somente por tais aspectos que as pessoas se interessavam

no tempo em que ela foi preparada.

Atualmente, no início do século XXI, vivemos em uma outra situação. Muito mais do que as pessoas do século XVII, temos consciência dos graves problemas sociais e ecológicos que nos afligem.

A Confissão de Fé nada diz sobre tais aspectos do mal. A Bíblia, no entanto, não os omite nem deles se esquece. Será que não precisamos repensar a Confissão de Fé a partir da Bíblia e tendo em vista a nossa realidade?



11

O MAL CHEGA ATÉ NÓS

"A pessoa que pecar é que morrerá" (Ezequiel 18.4)

“OS PAIS COMERAM UVAS VERDES, MAS FORAM OS DENTES DOS FILHOS QUE FICARAM ÁSPEROS”

Nós temos, nos dias de hoje, muitos provérbios populares. Eles refletem a sabedoria do povo. Dão-nos uma ideia do que o povo pensa, do que o povo crê, de como o povo entende a realidade.

As palavras acima são de um provérbio antigo. Um provérbio usado em Israel na época do profeta Ezequiel.

Ezequiel viveu no período em que o povo de Israel estava no cativeiro na Babilônia. A tendência geral era a de acreditar que as coisas ruins que todos estavam sofrendo representavam uma punição divina aos erros dos antepassados. Os pais erraram e os filhos arcavam com as consequências dos pecados dos pais.

O profeta Ezequiel pregou exatamente contra essa tendência geral. Ele anunciou, em nome de Deus, que a responsabilidade é pessoal. Suas palavras foram estas:

“O Senhor me disse o seguinte: -Por que será que na terra de Israel o povo vive repetindo o ditado que diz: ‘Os pais comeram uvas verdes, mas foram os dentes dos filhos que ficaram ásperos’? - Juro pela minha vida - diz o Senhor Deus - que vocês nunca mais repetirão esse ditado em Israel. Pois a vida de todas as pessoas pertence a mim. Tanto a vida do pai quanto a vida do filho são minhas. A

peessoa que pecar é que morrerá” (Ezequiel 18.1-4).

Nos dois últimos capítulos, nós falamos sobre a entrada do mal no mundo e sobre a sua penetração em toda a realidade. Ficou muito claro que o nosso ponto de referência está em Adão e Eva, bem como na narrativa bíblica a respeito de sua desobediência a Deus.

Daí surge o problema: o que esta história bíblica tem a ver conosco? A narrativa bíblica da queda pode nos ajudar a compreender o problema do surgimento do mal, mas qual a relação entre o pecado de nossos primeiros pais e a nossa vida hoje?

Foi diante desse problema que recordamos o texto do profeta Ezequiel. Será que devemos repetir o provérbio do povo de Israel daquele tempo? Em outras palavras, será que nós estamos sofrendo as consequências do erro de nossos primeiros pais?

O PECADO É UMA HERANÇA?

Uma forma muito comum de se interpretar a questão do nosso relacionamento com o pecado dos primeiros pais é exatamente aquela que está de acordo com o provérbio popular da época do profeta Ezequiel. Tal interpretação afirma que o pecado é transmitido hereditariamente.

Isso quer dizer que, após a queda de Adão e Eva, todos os seus descendentes recebem o pecado como uma herança da qual não conseguem se livrar e pela qual não têm culpa ou responsabilidade alguma.

Essa ideia parece estar presente até em alguns textos bíblicos. Por exemplo, no Salmo 51, nós lemos: “*De fato,*



tenho sido mau desde que nasci; tenho sido pecador desde o dia em que fui concebido” (versículo 5). Davi tinha cometido graves pecados. Quando percebeu seus erros, fez uma oração a Deus confessando suas faltas. No entanto, parece que Davi quis se desculpar diante de Deus, afirmando que pecara porque já tinha nascido no pecado.

Todavia, há um problema com esse tipo de interpretação. Se o pecado é transmitido hereditariamente, sempre o ser humano tem a possibilidade de dizer que não tem culpa pelos seus erros.

Além disso, não podemos nos esquecer de que existem inúmeros textos bíblicos que indicam que a responsabilidade é pessoal. Foi exatamente isso o que pregou o profeta Ezequiel, no texto que focalizamos acima. Outros profetas pregaram, também, a mesma mensagem. Por exemplo, o profeta Jeremias fez a seguinte proclamação: *“Cada um morrerá por causa do seu próprio pecado”* (Jeremias 31.30). Leia Jeremias 31.29-30.

Jesus Cristo também transmitiu o mesmo tipo de ensino. Certa ocasião, em seu ministério terreno, ele recusou-se a aceitar a ideia de que uma determinada pessoa tinha nascido cega por causa de algum pecado cometido anteriormente por seus pais. (Leia João 9.1-7.)

Fica, portanto, muito claro que não podemos aceitar, de forma alguma, a ideia de que o pecado é uma espécie de herança, pela qual não temos nenhuma culpa. Diante de Deus, a responsabilidade é pessoal.

O PECADO DE NOSSOS PRIMEIROS PAIS E O NOSSO PECADO

Voltamos, então, à pergunta inicial: qual é a nossa relação com o pecado cometido por nossos primeiros pais?

Um texto de Paulo aos Coríntios pode nos ajudar a responder. Escreveu o apóstolo: *“Assim como, por estarem unidos com Adão, todos morrem, assim também,*

por estarem unidos com Cristo, todos ressuscitarão” (1 Coríntios 15.22).

Ora, o ensino deste texto é o de que Adão não era simplesmente o nosso primeiro pai. Era muito mais do que isso. Adão era o representante de toda a espécie humana. Na pessoa de Adão, estavam todos os seres humanos.

Em outras palavras, podemos afirmar que a atitude de Adão é também a nossa própria atitude. Quando lemos a narrativa da desobediência de nossos primeiros pais, não temos diante dos olhos uma história do passado, mas a nossa própria história, que se repete continuamente.

Por isso, não podemos nos desculpar diante de Deus e afirmar que não devemos ser condenados pelos nossos erros, já que eles se constituem em herança pela qual não temos responsabilidade alguma. Não podemos, de jeito nenhum, jogar toda a culpa, exclusivamente, nas costas de nossos primeiros pais.

Na verdade, de acordo com o ensino bíblico, estávamos em Adão. O seu pecado é, realmente, o nosso pecado.

E O QUE A CONFISSÃO DE FÉ DIZ SOBRE ESSE ASSUNTO?

Até aqui, discutimos o nosso relacionamento com o pecado de nossos primeiros pais, citando diversos textos da Bíblia. No entanto, nada foi dito a respeito do que ensina a nossa Confissão de Fé. Está na hora de nos voltarmos a ela. São suas as seguintes palavras:

“Sendo eles (Adão e Eva) o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi

imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária” (CFW 6.3).

A respeito desse texto, transcrevemos um comentário explicativo feito por George S. Hendry, em sua obra “*The Westminster Confession for Today*”:

- 1. “Sendo eles o tronco de toda a humanidade...” Já que são nossos primeiros pais a que se faz referência, e já que a ideia de nossa descendência deles é perfeitamente compreensível, parece estranho que a Confissão recorra a uma metáfora, e fale de nossos primeiros pais como tronco. A razão disso é que a Confissão está assinalando o fato de que a nossa relação com nossos primeiros pais não é só questão de descendência, mas também de relação orgânica, como a relação da árvore com a raiz. Não só procedemos de Adão, como também estamos em Adão” (1 Coríntios 15.22).
- 2. “A outra relação que existe entre nós e nossos primeiros pais, através da descendência biológica, é mencionada em segundo lugar porque, no contexto desta doutrina, é consequência da primeira. O que se transmite a nós de nossos primeiros pais, através da herança biológica, e o que recebemos deles, por legado, não é a culpa de seu pecado, que não se pode herdar, mas a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida”.

Frente a tais comentários, podemos dizer que a Confis-

são de Fé de Westminster procura reproduzir exatamente o ensino bíblico a respeito de nosso relacionamento com o pecado de nossos primeiros pais. Por um lado, ela afirma que “estávamos em Adão” e, por outro lado, diz que não herdamos a culpa do pecado de nossos primeiros pais, mas tão somente a sua natureza corrompida pelo pecado.

CONCLUSÃO

Neste estudo que estamos realizando a respeito daquilo que confessamos, é preciso ter coragem. Coragem para enfrentar os problemas apresentados pela doutrina e ensino bíblicos.

As dificuldades são muitas. Deparamo-nos, muitas vezes, com mistérios. Aqui focalizamos a questão da relação entre o pecado original e a nossa própria situação. Uma coisa, pelo menos, deve ficar muito clara: não podemos, jamais, nos desculpar diante de Deus por estarmos arcando com as consequências da queda do primeiro casal.

Nossa atitude deve ser outra: temos de admitir e confessar que somos culpados. Somente a partir dessa atitude pode haver solução e salvação.

12

A DERROTA DO MAL

"Deus nos mostra o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado" (Romanos 5.8)

EM BUSCA DO PARAÍSO PERDIDO

Nestes últimos dois séculos, o ser humano tem ficado cada vez mais deslumbrado com os progressos alcançados pela ciência e tecnologia. Nunca, em toda a história, o ser humano conseguiu tantas conquistas e efetuou tantas descobertas.

Veja, por exemplo, este texto escrito, com muita euforia, por Mark Twain por ocasião do 70º aniversário de Walt Whitman:

“Você viveu os setenta anos que foram justamente os maiores na história do mundo e os mais ricos em benefício e desenvolvimento para os povos. Estes setenta anos fizeram muito mais para aumentar a distância entre os homens e os outros animais do que o que se fez nos cinco séculos que os precederam. Você tem testemunhado importantes nascimentos: o barco a vapor, o trem, o telégrafo, a luz elétrica, a aplicação da anestesia (pela qual o antigo domínio da dor, que começou com a primeira criação da vida, terminou neste mundo para sempre). Sim, na verdade, você viu muito. Mas espere mais um pouco que o máximo ainda está para vir. Você verá maravilhas sobre maravilhas somadas às que viu; e, acima de tudo, verá o resultado – o ser humano, finalmente, no seu desenvolvimento máximo”.

O que temos aí? Nada mais, nada menos do que a esperança de construção de um paraíso aqui na terra, através da ciência e da tecnologia.

No entanto, esse texto, nós sabemos, está totalmente ultrapassado. Temos constatado que todas as conquistas científicas têm trazido soluções, ao mesmo tempo em que criam novos problemas. Apesar de todo progresso e desenvolvimento, sentimos que nos encontramos muito distantes do paraíso.

Apesar de ultrapassado, esse texto serve para mostrar que o ser humano vive em busca do paraíso perdido. A pesquisa, o estudo e o trabalho do ser humano, ao longo da história, têm por objetivo a solução dos problemas existentes e a conquista de melhor qualidade de vida.

Quando houve a queda de nossos primeiros pais, Deus disse a Adão: *“Você terá de trabalhar pesado e suar para fazer com que a terra produza algum alimento; isso até que você volte para a terra, pois dela você foi formado. Você foi feito de terra e vai virar terra outra vez”* (Gênesis 3.19). Tais palavras indicam a exclusão do paraíso. Desde então, o ser humano tem desenvolvido a ciência e o conhecimento tanto para produzir alimento sem muito suor como para prolongar a vida e adiar a morte. Em outras palavras, todo esforço é feito para restaurar o paraíso perdido.

Daí, então, a pergunta: será que é impossível ao ser humano restaurar o paraíso perdido? Será que, depois que o mal entrou no mundo, tomou conta do espetáculo e chegou até nós, não existe mais nenhuma saída ou solução?

O SER HUMANO NÃO CONSEGUE VENCER O MAL

Para entender essa questão, temos o capítulo VII da Confissão de Fé de Westminster. Tal capítulo está dividido em seis parágrafos e nós pretendemos examiná-lo de uma forma bem geral neste capítulo.

Antes de mais nada, vejamos o título do capítulo VII: “Do pacto de Deus com o homem”.

Tomemos a palavra “pacto”. O que ela quer dizer?

Qual é o seu significado? A palavra pacto tem o sentido de acordo, aliança, ajuste, contrato, etc. Quando duas pessoas se casam, por exemplo, elas estão fazendo um pacto, no qual prometem amor e fidelidade mutuamente.

A Bíblia apresenta vários pactos feitos entre Deus e o ser humano. Recordemos alguns deles:

- Em Gênesis 15.12-21, Deus fez um pacto com Abraão, no qual prometeu dar a terra da Palestina à sua descendência, visto que Abraão tinha obedecido à voz do Senhor e saíra de sua terra (Gênesis 12.1-9).
- Em Êxodo 20.1-17, Deus fez um pacto com o povo de Israel, exigindo obediência aos mandamentos e prometendo que o povo de Israel seria o seu povo e uma nação santa (Êxodo 19.5-6).
- Em Neemias 8.32-38, o povo fez um pacto com Deus, prometendo servir ao Senhor por causa de sua misericórdia e de sua fidelidade.
- Em 1 Coríntios 11.23-26, Jesus fez um pacto com seus discípulos, no qual ofereceu o seu corpo e sangue para salvação de todo aquele que nele crer.

Em todos esses pactos, sempre vemos Deus de um lado

e o ser humano de outro. Dizendo de outra maneira, tais pactos não foram pactos somente entre pessoas, sem a presença de Deus.

O que isso quer dizer? A resposta é a seguinte: do ponto de vista bíblico, o ser humano não consegue resolver seus problemas sozinho. Na verdade, quando o ser humano tenta encontrar soluções sozinho, sem o auxílio de Deus, ele acaba criando novos problemas.

Foi exatamente isso o que ocorreu na edificação da torre de Babel (Gênesis 11.1-9). As pessoas se reuniram e disseram: *“Agora vamos construir uma cidade que tenha uma torre que chegue até o céu. Assim ficaremos famosos e não seremos espalhados pelo mundo inteiro”* (Gênesis 11.4).

Podemos afirmar que a história da torre de Babel sempre se repete. Quando o ser humano tenta “chegar até o céu” pelos seus próprios esforços, o fracasso sempre acaba sendo o resultado final.

A mensagem bíblica, portanto, é exatamente esta: o ser humano não consegue vencer o mal sem Deus. É impossível ao ser humano restaurar o paraíso perdido sem o auxílio divino.

DEUS TOMA A INICIATIVA

É por causa dessa incapacidade humana de restaurar o paraíso que Deus tomou a iniciativa. Deus resolveu, por sua livre e espontânea vontade, chamar Abraão e fazer dele um povo.

Deus resolveu, por sua livre e espontânea vontade, chamar Moisés e libertar o povo de Israel da terra do Egito.

Deus resolveu, por sua livre e espontânea vontade, enviar Jesus Cristo ao mundo para salvar a todo aquele que nele crê.

A Confissão de Fé de Westminster ensina esta verdade ao dizer:

“Tão grande é a distância entre Deus e a criatura que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual foi ele servido significar por meio de um pacto” (CFW 7.1).

Tais palavras indicam que o ser humano nunca teria condições de receber alguma “recompensa” de Deus. Isto quer dizer que, em nenhum momento, o ser humano poderia fazer nada para, em resposta, Deus ajudá-lo.

Por isso, Deus tomou a iniciativa voluntariamente. Foi o que Paulo afirmou, quando escreveu: Deus nos mostra o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado” (Romanos 5.8).

DEUS AGE POR AMOR

Para restaurar a criação, Deus realizou uma série de atos na história. O que Deus fez constitui aquilo que chamamos de História da Salvação. É exatamente tal história que está registrada no texto bíblico.

Logo após a queda de nossos primeiros pais, Deus dis-

se que a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente (Gênesis 3.15). Para nós, isso significa que um filho da mulher haveria de vencer o mal personificado na pessoa de Satanás. E Jesus Cristo foi a pessoa em quem se cumpriu essa promessa do Senhor Deus.

Nós perguntamos: por que Deus fez essa promessa? Por que Deus passou a agir, desde a queda do ser humano, no sentido de fazer com que a “cabeça da serpente fosse esmagada”?

Só existe uma resposta: foi por amor. Deus agiu graciosamente, misericordiosamente, dadivosamente.

TODOS OS PACTOS DE DEUS SÃO UM SÓ PACTO

No final do capítulo VII da Confissão de Fé de Westminster, que trata do pacto de Deus com os seres humanos, encontramos a seguinte afirmação:

“Não há, pois, dois pactos de graça diferentes em substância, mas um e o mesmo pacto sob várias dispensações” (CFW 7.6).

Tal afirmação é muito estranha. Parece que Deus fez dois pactos com o ser humano: o primeiro pacto foi feito com o povo de Israel e constitui o Antigo Testamento; o segundo pacto foi feito com toda a humanidade e constitui o Novo Testamento. Costumamos até diferenciar esses dois pactos, dizendo que o primeiro foi o pacto da lei, ao passo que o segundo, da graça. Em outras palavras, o primeiro pacto foi o da salvação pelas obras e o segundo, é o da salvação pela fé.

Porém, a Confissão de Fé vem nos dizer algo diferente: os dois pactos são um só. O que isso significa? O que isso quer dizer?

Em primeiro lugar, isso significa que Deus sempre teve um só e mesmo objetivo: o de promover a salvação do ser humano.

Em segundo lugar, isso quer dizer que Deus sempre agiu pela sua graça e pela sua misericórdia.

É por isso que, ao estudarmos a Bíblia, ao lado das diferenças existentes entre o Antigo e o Novo Testamento, devemos ter sempre em mente a unidade que há entre ambos. No seu conjunto, a Bíblia apresenta o pacto de Deus para a salvação e restauração da humanidade caída.

CONCLUSÃO

Este capítulo enfatizou que a vitória sobre o mal é propiciada por Deus que toma a iniciativa, age por amor e faz um pacto de salvação pela graça com o ser humano.

Para concluir, nada melhor do que recordar as palavras do apóstolo Paulo que, escrevendo aos cristãos de Roma, assim se expressou: *“Será que temos motivo para ficarmos orgulhosos? De modo nenhum! E por que não? Será que é porque obedecemos à lei? Não; não é. É porque cremos em Cristo. Assim percebemos que a pessoa é aceita por Deus pela fé e não por fazer o que a lei manda”* (Romanos 3.27-28).

Existe, pois, a possibilidade de recuperar o paraíso perdido. O caminho, porém, não foi construído pelo ser humano. Foi concedido por Deus. O caminho é Jesus.

13

JESUS, O CENTRO DE NOSSA FÉ

"Jesus é a cabeça do corpo, que é a Igreja, e é ele quem dá vida ao corpo. Ele é o primeiro Filho, que foi ressuscitado para que somente ele tivesse o primeiro lugar em tudo"

(Colossenses 1.18)

QUAL O LUGAR DE JESUS NA NOSSA FÉ?

No livro de Atos dos Apóstolos, há uma pequena referência muito curiosa e importante. Diz o texto que, em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos (Atos 11.26).

Diante desse texto, colocamos duas questões:

- a) Como eram chamados os cristãos anteriormente?
- b) Como somos chamados hoje?

Para responder à primeira pergunta, basta ler um pouco o livro de Atos dos Apóstolos, antes do capítulo onze. Descobrimos que os cristãos eram chamados de “discípulos” (Atos 6.1; 9.1; 9.10), “os do Caminho” (Atos 9.2) etc.

Para responder à segunda pergunta, temos de lembrar como as outras pessoas falam, quando fazem referência a nós. Somos chamados de “crentes”, “evangélicos” ou “protestantes”.

Percebemos, portanto, que há uma variação grande de designações. E o problema é descobrirmos porque as designações variam ao longo da história. Por que os seguidores de Jesus não tiveram sempre um mesmo nome? Por que, de acordo com a época ou lugar, foi modificada a forma de se referir aos membros da Igreja?

A resposta é a seguinte: os outros nos chamam da forma

que nos identificam; os outros nos designam através de palavras ou nomes que melhor refletem aquilo que somos, fazemos e falamos. Assim, os discípulos foram chamados de cristãos, em Antioquia, porque eles falavam muito a respeito de Cristo. Cristo era o centro de sua fé. Cristo era o centro de sua pregação. Por isso, o melhor termo para identificá-los foi chamá-los de cristãos.

Com isso chegamos a uma importante indagação: será que Cristo continua a ser o centro de nossa fé? Será que Cristo continua a ser o centro de nossa pregação?

JESUS, O CENTRO DA NOSSA FÉ

Esse tipo de pergunta serve para introduzir o assunto de nossos quatro próximos capítulos. Vamos estudar, neles, o que a Confissão de Fé de Westminster ensina a respeito de Jesus Cristo. Antes de mais nada, fazemos duas observações:

1. Nos capítulos anteriores, já vimos parte do conteúdo da Confissão de Fé de Westminster. Estudamos o seu ensino sobre:

- a) a revelação e a Bíblia;
- b) Deus e a criação;
- c) a queda do ser humano e a presença do mal no mundo.

Com tais estudos, chegamos até o capítulo oitavo de nossa Confissão de Fé. Portanto, há uma sequência lógica no material apresentado. Depois de termos estudado a queda do ser humano, vamos examinar a obra realizada por Jesus Cristo, o nosso Salvador.

2. A Confissão de Fé de Westminster reconhece que

Jesus Cristo ocupa o lugar central em nossa fé. Por isso, ela valoriza o seu estudo. Nesse sentido, a Confissão de Fé é muito importante para nós. Se temos deslocado Jesus Cristo do centro de nossa fé, a Confissão vai nos ajudar a corrigir essa falha.

O USO DE TÍTULOS PARA IDENTIFICAÇÃO

Neste capítulo, vamos ficar somente no estudo do primeiro parágrafo do capítulo oitavo da Confissão de Fé de Westminster, que diz o seguinte:

“Aprova a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, a Cabeça e o Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do Mundo; e deu-lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado” (CFW 8.1).

Diante desse texto, a primeira questão que temos de examinar é: por que ocorre o uso de tantos títulos? Será que essa é a melhor maneira de explicar o que Jesus Cristo representa? Será que a Confissão de Fé não poderia tratar de Jesus e sua obra de outra forma?

Para responder a tais questões temos de lembrar, antes de mais nada, **que Jesus Cristo é uma pessoa**. Em outras palavras, Jesus Cristo não é um objeto ou um assunto. Como pessoa, **Jesus Cristo fez e continua a fazer muitas**

coisas.

Em outras palavras, nós conhecemos Jesus Cristo pela sua ação ou através dos atos que ele realizou e continua a realizar.

Ao usar títulos para se referir a Jesus, a Confissão de Fé de Westminster está valorizando Jesus Cristo como pessoa que fez e faz muitas coisas. Os títulos aplicados a Jesus Cristo referem-se à sua obra. Cada um dos títulos usados pela Confissão de Fé aponta para um dos aspectos daquilo que o Senhor realizou e continua a realizar.

Dessa maneira, precisamos voltar a nossa atenção a tais títulos e estudá-los. Precisamos descobrir o que tais títulos querem dizer e se estão de acordo com a Bíblia. É o que faremos daqui para a frente.

ALGUNS TÍTULOS DE JESUS:

1. MEDIADOR

Esse título aparece em alguns textos bíblicos como, por exemplo, os seguintes: 1 Timóteo 1.5; Hebreus 8.6; 9.15; 12.24.

Atualmente, mediador costuma ser entendido como aquele que atua como árbitro entre as partes que estão numa disputa qualquer. Como tal, a principal qualidade ou característica de um mediador deve ser a neutralidade ou a imparcialidade.

Jesus Cristo não deve ser compreendido como tal espécie de mediador. Ele é Deus mesmo, que se apresenta em nosso meio e que atua para nos ajudar. Sua obra não é a de neutralidade. Ele tomou posição a nosso favor.

Por isso, devemos entender que Jesus Cristo é a pessoa por meio da qual temos acesso a Deus. Jesus é o mediador

por ter realizado uma obra que nos reconcilia com Deus.

2. O PROFETA

Esse título está associado ao conteúdo do Antigo Testamento. O que era um profeta no Antigo Testamento? Qual era a principal tarefa do profeta?

Atualmente, a concepção mais difundida é a de que os profetas são pessoas com capacidade para adivinhar o futuro ou para realizar milagres. É verdade que alguns dos profetas do Antigo Testamento chegaram a realizar tais coisas, de vez em quando. Mas, sem dúvida alguma, a maior característica dos profetas do Antigo Testamento foi o fato de terem sido pregadores em nome de Deus. Eles se apresentavam ao povo para proclamar: “Assim diz o Senhor”.

Nesse sentido, Jesus não é, simplesmente, mais um profeta. Ele é, de fato, “o profeta”. Em outras palavras, ele é Deus mesmo falando a nós (Lucas 24.19; João 4.19; 6.14; 7.40).

3. O SACERDOTE

No Antigo Testamento, os sacerdotes eram os responsáveis pelos rituais e sacrifícios realizados no templo. Através de tais rituais e sacrifícios, ocorria a expiação de pecados e as pessoas entravam em comunhão com Deus.

Segundo o texto de Hebreus, Jesus é o sacerdote que se ofereceu a si mesmo em sacrifício, de uma vez por todas, para que tenhamos o perdão de pecados e a comunhão com Deus (Hebreus 7.26-28; 9.11, 12; 10.12; 10.19-22).



4. O REI

No Antigo Testamento, o rei era o “ungido” ou “escolhido” por Deus não para simplesmente ter poder ou autoridade, mas para dirigir o povo de Israel segundo a vontade de Deus (Deuteronômio 17.14-20).

Nesse sentido, Jesus Cristo é o Rei. Como rei, ele nos conduz e nos orienta a fim de que vivamos como um povo que faz a vontade de Deus (1 Timóteo 1.17; 6.15; Apocalipse 19.16).

5. CABEÇA DA IGREJA

Essa linguagem aparece no Novo Testamento (Efésios 5.22-23) e aponta para a união que existe entre Cristo e a sua Igreja.

Sobre isso, destacamos as palavras de um comentarista que disse o seguinte: *“Pertencer à Igreja significa pertencer à companhia dos que vão em marcha com Cristo, em direção à vinda do reino, quando ele cumprirá o propósito que Deus tem para toda a sua criação”*.

CONCLUSÃO

Jesus Cristo deve ocupar o lugar central na nossa fé. Infelizmente, isso não tem ocorrido muitas vezes. Se não vivemos em paz e reconciliação com Deus, Jesus deixa de ser mediador para nós.

Se deixamos de ouvir, atentamente, seus ensinamentos, procurando compreendê-los cada vez mais, ele deixa de ser profeta para nós.

Se não permanecemos em comunhão com Deus, com fé no sacrifício de Jesus em nosso lugar, ele deixa de ser o nosso sacerdote.

Se não vivemos neste mundo de acordo com os padrões do Reino de Deus, procurando cumprir a vontade de Jesus em nossa existência, ele deixa de ser o nosso rei.

Se, como povo de Deus, deixamos de seguir a orientação que Jesus oferece, ele deixa de ser a cabeça da Igreja.

Essas verdades não devem permanecer no plano teórico. Temos de viver segundo o que sabemos e cremos a respeito de Jesus.

14

JESUS CRISTO: DEUS OU SER HUMANO?

"A Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós, cheia de amor e de verdade. E nós vimos a revelação da sua natureza divina, natureza que ele recebeu como Filho único do Pai"
(João 1.14)

O PESO DA TRADIÇÃO

Jesus Cristo é Deus ou ser humano? Para nós, essa pergunta parece totalmente ultrapassada. Estamos cansados de ouvir falar que Jesus é Deus e ser humano ao mesmo tempo. Temos uma longa tradição doutrinária que enfatiza as duas naturezas de Jesus: a divina e a humana.

É nessa tradição que está também a Confissão de Fé de Westminster, que diz o seguinte a respeito desse assunto:

“Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e terno Deus, da mesma substância do Pai e igual a Ele, quando chegou o cumprimento do tempo, tomou sobre si a natureza humana com todas as suas propriedades essenciais e enfermidades comuns, contudo sem pecado, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria e da substância dela. As duas naturezas, inteiras, perfeitas e distintas – a divindade e a humanidade – foram inseparavelmente unidas em uma só pessoa, sem conversão, composição ou confusão; essa pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém, um só Cristo, o único mediador entre Deus e o homem” (CFW 8.2).

A longa tradição que afirma a divindade e a humanidade de Jesus pesa muito sobre nós. Aceitamos essa tradição como uma coisa muito natural e não analisamos o seu significado. Recebemos essa tradição e esquecemos que foi muito difícil e demorada a sua formação. Aqui, queremos fazer exatamente o seguinte:

- em primeiro lugar, vamos estudar como se chegou à doutrina que temos hoje a respeito de Jesus;
- em segundo lugar, pretendemos examinar o significado dessa doutrina para os nossos dias.

COMO SE FORMOU A NOSSA TRADIÇÃO?

Lendo os evangelhos, percebemos que, desde o início, Jesus de Nazaré foi um problema e um desafio. As pessoas não conseguiam compreendê-lo. A grande pergunta que sempre acompanhou todo o seu ministério foi: quem é Jesus?

Logo que Jesus começou o seu ministério, *“todos ficaram espantados e diziam uns para os outros: - Que quer dizer isso? É um novo ensinamento dado com autoridade. Ele manda até nos espíritos maus, e eles obedecem”* (Marcos 1.27).

Pouco depois, quando as pessoas começaram a observar os amigos de Jesus, *“perguntaram aos discípulos: -Por que ele come e bebe com essa gente?”* Marcos 2.16).

Até mesmo os discípulos não o compreendiam. Quando Jesus acalmou uma tempestade, eles, *“cheios de medo, diziam uns aos outros: - Que homem é este que manda até no vento e nas ondas?”* (Marcos 4.41).

Percebemos que Jesus foi mesmo um problema e um desafio à interpretação. E podemos acrescentar que Jesus foi um desafio e um problema à interpretação porque:

- era um homem que fazia coisas que só Deus poderia fazer (curas, ressurreição de mortos, poder sobre a natureza, etc.);
- era um homem que fazia coisas que todos os homens faziam (comia, bebia, dormia, etc).

Depois que Jesus morreu, ressuscitou e foi aos céus, continuaram as discussões a respeito de sua pessoa. E duas grandes correntes de interpretação se formaram:

1. A PRIMEIRA CORRENTE AFIRMAVA QUE JESUS ERA DIVINO

Sendo assim, Jesus não teria chegado a ser, realmente, um ser humano. Na verdade, Jesus tinha a aparência de um ser humano. Mas isso não passava de uma aparência.

2. A SEGUNDA CORRENTE ENSINAVA QUE JESUS ERA HUMANO

Dessa maneira, Jesus não seria, de fato, Deus. Na realidade, Jesus foi um homem tão bom, tão perfeito, tão justo que, por causa disso tudo, Deus resolveu adotá-lo como seu filho.

Foi contra essas duas grandes correntes de interpretação que se formou e se estabeleceu a doutrina cristã.

Todavia, a doutrina cristã que temos atualmente não se formou da noite para o dia. A história da Igreja mostra que foi somente no Concílio de Calcedônia, no ano de

451, que se chegou à “*verdade fundamental de que Jesus é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, total e simultaneamente*”.

Hoje, com uma enorme facilidade e sem problema algum, dizemos que Jesus é Deus e ser humano. Tudo parece muito simples e muito claro. Na verdade, porém, essa afirmação de nossa fé levou mais de quatro séculos para ser formulada com segurança.

Devemos agora examinar o seguinte: será que essa tradição que afirma que Jesus é Deus e ser humano, ao mesmo tempo, é realmente importante para nós? Será que, em pleno século XXI, precisamos ficar gastando tempo estudando esse assunto?

Para responder a esse tipo de indagação, vamos descobrir como seriam as coisas, se não tivéssemos tal doutrina.

E SE JESUS FOSSE SOMENTE DEUS?

Se não tivéssemos a doutrina que temos, Jesus poderia ser visto somente como Deus. Haveria alguma desvantagem nisso? Haveria algum problema, se isso acontecesse?

O autor da carta aos Hebreus nos ajuda a responder essa pergunta dizendo o seguinte:

“Fiquemos firmes na fé que anunciamos, pois temos um Grande Sacerdote poderoso, Jesus, o Filho de Deus, o qual entrou na própria presença de Deus. O nosso Grande Sacerdote não é como aqueles que não são capazes de compreender as nossas fraquezas. Pelo contrário, temos um Grande Sacerdote que foi tentado do mesmo modo que nós, mas não pecou” (Hebreus 4.14-15).

Tais palavras são de fundamental importância. Indicam que, se Jesus fosse somente Deus, não teríamos razão nenhuma para pensar que ele compreende bem a nossa situação.

Infelizmente, é isso que tem ocorrido com muita gente em nossas Igrejas. A divindade de Jesus é tão exaltada que a sua humanidade acaba sendo esquecida. A partir daí, Jesus aparece como um ser muito distante, lá em cima no céu, incapaz de compreender as fraquezas, tropeços e quedas de nossa vida.

Foi por tal motivo que alguém já afirmou que, se Jesus fosse somente Deus, então não teríamos de fato a salvação.

E SE JESUS FOSSE SOMENTE SER HUMANO?

Esse é o outro lado da moeda. Jesus pode ser visto simplesmente como um ser humano especial, diferente e superior a todos os outros, mas ainda um ser humano. Há algum problema com essa posição? Há alguma dificuldade nesse tipo de interpretação? Se Jesus tivesse sido somente um ser humano, que conseguiu agradar plenamente a Deus, isso significaria reconhecer que é possível a qualquer ser humano fazer a mesma coisa. Bastaria que cada um se esforçasse para conseguir viver uma vida correta do ponto de vista moral e espiritual, e pronto, Deus iria aceitar qualquer ser humano, da mesma forma que aceita Jesus.

Todavia, esse não é o ensino bíblico. Escrevendo aos cristãos de Roma, Paulo disse o seguinte:

“Pois ninguém é aceito por Deus por fazer o que a lei manda, porque a Lei faz com que as pessoas saibam que

são pecadoras. Mas agora Deus já mostrou que o meio pelo qual ele aceita as pessoas não tem nada a ver com a lei. A Lei de Moisés e os Profetas dão testemunho do seguinte: Deus aceita as pessoas por meio da fé que elas têm em Jesus Cristo. É assim que ele trata todos os que crêem, pois não existe nenhuma diferença entre as pessoas. Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus” (Romanos 3.20-23).

JESUS: DEUS E SER HUMANO

Ainda hoje, continua a ser importante afirmar que Jesus é Deus e ser humano.

Sendo Deus, percebemos que não podemos nos salvar por nós mesmos, pois o próprio Deus veio ao mundo para nos salvar através da fé.

Sendo ser humano, percebemos que Deus nos compreende assim como somos, pois Deus experimentou, em Jesus, o que significa ser humano.

Para terminar, vamos acrescentar duas observações. É muito comum as pessoas fazerem perguntas sobre Deus e sobre o ser humano. Dizem assim: como Deus é? O que significa ser humano?

Nós, os cristãos, afirmamos que Jesus é Deus e ser humano. Em outras palavras:

- Se quisermos saber algo sobre Deus, temos de olhar para Jesus, pois nele vemos a pessoa de Deus;
- Se quisermos saber algo a respeito do ser humano, também temos de olhar para Jesus, pois ele nos mostra, com sua vida, o que significar ser humano.



CONCLUSÃO

Este capítulo nos mostra que devemos ficar atentos. Nossa doutrina ensina que Jesus foi plenamente Deus e plenamente ser humano. Não é fácil sustentar tal afirmação. É muito mais fácil afirmar a divindade de Jesus às custas da negação de sua plena humanidade. E, também, é muito mais simples afirmar a humanidade de Jesus através da negação de sua plena divindade.

Contra essas duas tendências, firmemo-nos no ensino bíblico e de nossa Confissão de Fé: Jesus foi plenamente humano e plenamente divino.

15

O QUE JESUS CRISTO FEZ

"Deus os comprou e pagou o preço. Portanto, usem o seu corpo para a glória dele" (1 Coríntios 6.20)

OS EVANGELHOS SÃO RESUMOS DA VIDA DE JESUS

Existem dois textos do evangelho de João para os quais queremos chamar a atenção, no início deste capítulo:

- *“Ainda há muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem escritas, uma por uma, acho que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos”* (João 21.25);
- *“Jesus fez diante dos discípulos muitos outros milagres que não estão escritos neste livro”* (João 20.30).

Pense um pouco nesses dois versículos. Note que eles estão no final do evangelho de João. João estava terminando de relatar a vida de Jesus, quando acrescentou que ele tinha feito muitas outras coisas que não foram registradas no texto bíblico.

Devemos perguntar: qual foi o critério que orientou João na redação do seu evangelho? Como foi que ele selecionou os fatos que registrou?

Essa pergunta é muito importante!

João escreveu um evangelho e disse que sabia de muitas coisas que Jesus fizera e que não foram escritas. Houve, portanto, uma seleção de fatos. João escolheu algumas coisas para contar e colocou outras de lado. Certamente, houve um critério para a seleção dos fatos



que foram postos no texto. Qual foi, pois, esse critério?

O próprio evangelho de João responde: “*Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, crendo, tenham vida por meio dele*” (João 20.31).

À vista disso, podemos afirmar que o evangelho de João é uma espécie de resumo da vida de Jesus, no qual somente algumas coisas foram narradas, com o objetivo de conduzir à fé.

Podemos também afirmar que essa afirmação é válida para os outros evangelhos. Todos eles são resumos da vida de Jesus.

Jesus viveu trinta e três anos entre homens e mulheres da Palestina. Realizou muitas coisas nesse tempo todo. E os evangelhos só nos trazem resumos de sua vida. Através de tais resumos, Jesus Cristo é apresentado. Através de tais resumos, a obra de Jesus é divulgada aos que ainda não o conhecem.

OUTROS RESUMOS DA OBRA DE JESUS

Devemos reconhecer que os evangelhos formam um texto relativamente longo. Apesar de serem resumos da vida de Jesus, contam muitos fatos em vários capítulos. Com o tempo, a Igreja sentiu a necessidade de ter fórmulas mais breves para dizer, em poucas palavras, quem tinha sido e o que fizera Jesus Cristo. Foi assim que surgiram as afirmações de fé e os credos.

O exemplo mais conhecido é o do Credo Apostólico. Nele, nós temos um resumo da vida de Jesus colocado nos seguintes termos:

“Creio em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao céu e está sentado à mão direita de Deus Pai, Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos”.

Seguindo essa mesma linha, a Confissão de Fé de Westminster também oferece um resumo da vida de Jesus, que diz o seguinte:

“Este ofício (Mediador) o Senhor Jesus empreendeu mui voluntariamente. Para que pudesse exercê-lo, foi feito sujeito à lei, que ele cumpriu perfeitamente; padeceu imediatamente em sua alma os mais cruéis tormentos e em seu corpo os mais penosos sofrimentos; foi crucificado e morreu; foi sepultado e ficou sob o poder da morte, mas não viu a corrupção; ao terceiro dia, ressuscitou dos mortos, com o mesmo corpo com que tinha padecido; com esse corpo subiu ao céu, onde está sentado à destra do Pai, fazendo intercessão; de lá voltará no fim no mundo para julgar os homens e os anjos” (CFW 8.4).

É para esse resumo da vida e obra de Jesus Cristo da Confissão de Fé de Westminster que queremos chamar a atenção, no estudo de hoje. De acordo com esse resumo, o que Jesus Cristo fez? Qual foi o significado da obra realizada por Jesus?

DEUS TOMOU A INICIATIVA

Antes de fazer um resumo da vida e obra de Jesus, a Confissão de Fé de Westminster explica que Jesus não tomou para si o ofício de mediador entre Deus e os seres humanos por sua própria iniciativa. O texto da Confissão diz assim:

“Este ofício ele não tomou para si, mas para ele foi chamado pelo Pai, que lhe pôs nas mãos todo o poder e todo o juízo e lhe ordenou que o exercesse” (CFW 8.3).

Temos aqui um ponto muito importante a respeito da obra de Jesus: ela representa Deus tomando a iniciativa de salvar o ser humano.

O ser humano pecou e quebrou o seu relacionamento com Deus. A culpa, portanto, estava no ser humano. Deus não teve nenhuma responsabilidade pela queda do ser humano e pela situação de desgraça que o mundo passou a viver.

Caberia, pois, ao ser humano voltar-se para Deus e fazer alguma coisa para reparar o seu erro. No entanto, o que aconteceu foi exatamente o oposto. O ser humano nada fez para buscar e agradar a Deus. Todas as pessoas continuaram de costas para Deus, sem nenhum interesse na reconciliação com Ele.

A vida e obra de Jesus significam que foi Deus quem tomou toda a iniciativa. Deus não tinha culpa alguma, mas não ficou esperando que os seres humanos se voltassem para Ele. Foi exatamente isso o que Paulo escreveu aos romanos: *“Mas Deus nos mostrou o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado. E, agora que fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na cruz, é mais certo ainda que ficaremos livres, por meio dele, do castigo de Deus. Nós éramos inimigos de Deus, mas ele nos tornou seus amigos por meio da morte do seu Filho. E, agora que somos amigos de Deus, é mais certo ainda que seremos salvos pela vida de Cristo”* (Romanos 5.8-10).

DEUS AGIU

Outro ponto para o qual queremos chamar a atenção é que a vida e obra de Jesus representam a ação de Deus

pela redenção humana. Em outras palavras, Deus tomou a iniciativa de se interessar pela situação da humanidade, e esse interesse se manifestou, concretamente, em atos que Deus realizou.

É importante ressaltar isso porque, hoje em dia, vemos outras espécies de manifestação de “amor”. Vemos, por exemplo, manifestação de amor somente através das emoções. Vemos, também, manifestações de amor somente por meio de palavras escritas ou faladas.

Felizmente, não foi assim com Deus. Deus não ficou somente emocionado com a dramática situação do ser humano após a queda. Deus não se limitou a ficar falando o que o ser humano tinha de fazer para resolver o seu problema. Deus foi muito além. Deus atuou na história da humanidade. Ele realizou atos históricos para demonstrar o seu amor por nós.

É isso o que temos na Bíblia toda. No Antigo Testamento, encontramos Deus agindo na história de Israel, em demonstração de seu amor. No Novo Testamento, deparamo-nos com Deus atuando na vida e obra de Jesus, comprovando o seu amor por nós por meio de gestos e atos concretos.

DEUS PAGOU A CONTA

A última coisa para a qual queremos chamar a atenção é que a vida e obra de Jesus representam Deus mesmo pagando a dívida que tínhamos para com Ele.

A Confissão de Fé de Westminster resume a vida de Jesus dizendo que:

1. Ele se sujeitou à lei e a cumpriu perfeitamente, ou seja, obedeceu à vontade de Deus como deveriam ter feito os nossos primeiros pais ao serem criados;
2. Ele padeceu em sua alma e em seu corpo, isto é, na integralidade do seu ser;
3. Ele foi crucificado e morreu, foi sepultado e ficou sob o poder da morte, embora seu corpo não tenha conhecido a corrupção.

Tudo isso representa um preço muito alto. Nós devíamos muito a Deus e não tínhamos como pagar essa conta. Era elevada demais para as nossas poucas possibilidades. Por isso, Deus tomou a iniciativa. Ele atuou na história e pagou toda a nossa dívida.

É por isso que temos a certeza do amor de Deus. Esse amor custou muito caro para Deus.

CONCLUSÃO

Os evangelhos nos oferecem resumos de sua vida, e nós procuramos, com o estudo da Confissão de Fé de Westminster, descobrir o que representa a sua vida para os seres humanos. Deus tomou a iniciativa, agiu na história e sofreu para nos salvar. Resta agora a pergunta: como é que devemos nos colocar diante desse Deus revelado em Jesus Cristo?

16

JESUS CRISTO NÃO FEZ AS COISAS PELA METADE

"Eu estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos"
(Mateus 28.20)

O QUE JESUS ESTÁ FAZENDO HOJE?

Para muita gente, esta é uma pergunta difícil de ser respondida. O que mais se diz sobre Jesus Cristo é que ele está no céu, à direita de Deus Pai, de onde voltará para julgar os vivos e os mortos.

De acordo com isso, temos uma visão da ação de Jesus nos três tempos:

- Tempo passado – Jesus Cristo veio ao mundo, viveu por trinta e três anos na Palestina, foi morto crucificado, ressuscitou e subiu ao céu;
- Tempo futuro – Jesus Cristo voltará, reunirá todas as pessoas e promoverá um grande julgamento final;
- Tempo presente – É somente o tempo da espera. Jesus fez tudo o que tinha para fazer pela salvação da humanidade. Agora, ele está aguardando que se complete o tempo determinado por Deus para voltar e julgar. Ele atuou no passado, fazendo toda a obra de salvador e redentor, e atuará no futuro, como juiz supremo. Atualmente, porém, está simplesmente na expectativa do fim, quando voltará a ter atuação.

Ora, essa interpretação da obra de Jesus Cristo não está de acordo com aquilo que Jesus mesmo disse sobre a atuação de Deus e sobre a sua própria atuação. Certa vez, durante seu ministério terreno, Jesus realizou a cura

de um parálítico, num dia de sábado. Os judeus mais legalistas não gostaram disso, apesar de ter sido uma boa obra. O sábado era considerado um dia sagrado, no qual nada se deveria fazer. Segundo a narrativa da criação no livro do Gênesis, Deus fizera toda a sua obra em seis dias e, no sétimo, descansara. Por isso, no sábado não era permitido realizar qualquer trabalho.

Jesus Cristo, no entanto, disse aos judeus: “*O meu Pai trabalha até agora, e eu também trabalho*” (João 5.17).

Estas palavras nos transmitem uma nova ideia sobre a ação de Deus e de Jesus. Deus nunca cessa de atuar e Jesus Cristo também atua sem cessar.

Mesmo nos dias de hoje, Jesus Cristo está atuando. O tempo atual não é somente o tempo da espera. No tempo atual, existe uma obra que está sendo realizada por Jesus. Daí a nossa pergunta: o que Jesus está fazendo hoje?

A CONFISSÃO DE FÉ E A OBRA ATUAL DE JESUS

No capítulo sobre Jesus Cristo, o mediador, a Confissão de Fé de Westminster diz algumas coisas a respeito do que Jesus está fazendo hoje. Suas palavras são as seguintes:

“Cristo, com toda a certeza e eficazmente, aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais ele a adquiriu. Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles e revelando-lhes na palavra e pela palavra os mistérios da salvação, persuadindo-os pelo seu Espírito a crer e a obedecer, dirigindo os corações deles pela sua palavra e pelo seu onipotente poder e sabedoria, da maneira e pelos meios mais

conformes com a sua admirável e inexcrutável dispensação” (CFW 8.8).

Devemos observar que todos os verbos desse parágrafo não estão no passado nem no futuro. Ao contrário, todos eles se referem à atuação que Jesus Cristo está tendo agora.

Com sua morte e ressurreição, Jesus tem poder de salvar a todos os que nele creem. Esse foi o resultado de sua atuação no passado. Mas, no presente, Jesus Cristo “aplica e comunica a salvação”. Essa é, portanto, a sua obra atual: a aplicação e a comunicação da salvação.

Temos de perguntar: como é realizada essa obra? De que maneira Jesus “aplica e comunica a salvação”?

JESUS INTERCEDE POR NÓS

A primeira coisa que a Confissão de Fé de Westminster nos diz é que Jesus Cristo intercede por nós no momento atual.

Esse ensino é profundamente bíblico. Quando escreveu aos romanos, Paulo afirmou: *“Foi Cristo quem morreu, ou melhor, quem foi ressuscitado e está à direita de Deus. E ele pede a Deus em favor de nós”* (Romanos 8.34).

O mesmo ensino é transmitido na primeira epístola de João: *“Se alguém pecar, temos Jesus Cristo, que faz o que é correto: ele nos defende diante do Pai”* (1 João 2.1).

Esse ensinamento deve nos encher de confiança e coragem. Nós não dependemos de nós mesmos ou exclusivamente de nossas orações. Também não dependemos

das orações de outras pessoas que tenham mais acesso aos ouvidos de Deus do que nós.

Jesus Cristo viveu como um ser humano em nosso meio. Ele sabe perfeitamente o que significa ser humano. E, agora, ele está junto de Deus intercedendo por nós. Em outras palavras, nós dependemos de Jesus Cristo que:

- é ouvido por Deus;
- entende as nossas fraquezas e as nossas falhas;
- suplica a Deus em nosso favor.

JESUS CRISTO NOS FAZ CRER E OBEDECER

Outra coisa que aprendemos na Confissão de Fé de Westminster é que Jesus Cristo, pelo seu Espírito, nos faz crer e obedecer.

Foi esse o ensino de Jesus Cristo registrado no evangelho de João. Pouco antes de sua crucificação, Jesus conversou longamente com seus discípulos. Eles estavam preocupados porque Jesus disse que, em breve, haveria de deixá-los. Foi por isso que o Mestre lhes disse: *“Eu falo a verdade quando digo que é melhor que eu vá. Pois, se não for, o Auxiliador não virá; mas, se eu for, eu o enviarei a vocês. Quando o Auxiliador vier, ele convencerá as pessoas do mundo de que elas têm uma ideia errada a respeito do pecado e do que é direito e justo e também do julgamento de Deus. As pessoas do mundo estão erradas a respeito do pecado porque não creem em mim”* (João 16.7-9).

Por aí, percebemos que, por nós mesmos, não nos convencemos de nossos pecados. Por nós mesmos, sempre

nos justificamos e achamos que somos boas pessoas. É somente pelo Espírito Santo, que Jesus Cristo enviou, que sentimos e reconhecemos que somos pecadores. É somente pelo Espírito Santo, que Jesus Cristo enviou, que podemos ter fé. Foi este também o ensino de Paulo, quando escreveu: *“Pela graça de Deus vocês são salvos por meio da fé. Isso não vem de vocês, mas é um presente dado por Deus”* (Efésios 2.8).

JESUS CRISTO DIRIGE A NOSSA VIDA

Outro ponto que aprendemos com a Confissão de Fé de Westminster é que Jesus Cristo orienta e conduz a nossa existência.

Lembramos aqui, mais uma vez, o ensino de Jesus, quando disse o seguinte: *“Eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Auxiliador, o Espírito da verdade, para ficar com vocês para sempre... O Auxiliador, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ensinará a vocês todas as coisas e fará com que lembrem de tudo o que eu disse a vocês”* (João 14.16 e 26).

E o apóstolo Paulo acrescentou: *“Aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque o Espírito que vocês receberam de Deus não torna vocês escravos e não faz com que tenham medo. Pelo contrário, o Espírito torna vocês filhos de Deus; e pelo poder do Espírito dizemos com fervor a Deus: Pai, meu Pai!”* (Romanos 8.14-15).

É por isso que os cristãos não estão mais debaixo do jugo da lei. A lei foi dada para especificar o que os seres humanos devem ou não devem fazer. No entanto, a lei

é muito limitada, pois sempre existem situações novas e diferentes que nos deixam confusos e sem saber como agir. Diante delas, porém, contamos com a indispensável orientação de Jesus, através do seu Espírito, que nos ensina todas as coisas e nos mostra como temos de proceder.

Toda essa orientação de Jesus, pelo seu Espírito, nos vem pela sua palavra. E onde é que encontramos a sua palavra para nos guiar? A resposta é uma só: nas Sagradas Escrituras. Isso quer dizer que, se quisermos contar realmente com a orientação de Jesus na nossa vida, por meio do seu Espírito, temos de nos dedicar à leitura e ao estudo da Bíblia.

CONCLUSÃO

Somos obrigados a concluir que Jesus desenvolve, nos momentos atuais, uma importante e intensa atuação. Ele não está parado, descansando, à espera do julgamento final. Ele continua trabalhando

E, quando analisamos a obra que Jesus está realizando, vemos que toda sua atuação é feita em nosso benefício.

Por isso, como cristãos, não podemos ser orgulhosos nem nos considerarmos superiores. Nada fazemos por nós mesmos. Nenhuma virtude temos por vivermos de acordo com os princípios do evangelho. Tudo o que somos e fazemos é somente pela graça e pela misericórdia de Deus em Cristo Jesus, que atua em nós pelo seu Espírito.



17

A IGREJA É IMPORTANTE?

"Antes, vocês não eram o povo de Deus, mas agora são o seu povo" (1 Pedro 2.10)

UMA PERGUNTA PARA SER LEVADA A SÉRIO

Existem jornais sensacionalistas que publicam, diariamente, manchetes em letras garrafais, que chamam muito a atenção de quem passa diante das bancas. É muito comum as pessoas comprarem tais jornais por causa das manchetes. E é muito comum também essas pessoas descobrirem que as manchetes não tinham nada a ver com o conteúdo da reportagem. As manchetes são puro engodo. Não passam de um recurso para despertar a curiosidade e motivar a compra do jornal.

Pode parecer que o título deste capítulo se assemelhe a tais manchetes de jornais. Você pode ficar com a impressão de que essa pergunta não é para ser levada a sério. Afinal, onde já se viu alguém fazer esse tipo de questionamento em plena aula de Escola Dominical? Onde já se viu alguém duvidar de sua importância em um material feito para uso na Igreja?

Queremos, porém, que você desfaça esse tipo de impressão. O título não é nenhuma manchete sensacionalista. Ele foi colocado dessa forma para ser levado a sério. Todas as pessoas que estão na Igreja afirmam que a Igreja é importante. Todavia, existe uma grande distância entre o que se diz e o que se vive na prática. Dizer que a Igreja é importante é fácil. No entanto, viver de modo a

valorizá-la é muito difícil.

Neste capítulo, não vamos nos limitar a responder que a Igreja é importante. Vamos percorrer um caminho diferente. Pretendemos examinar os motivos que nos fazem duvidar de sua importância.

O INDIVIDUALISMO MODERNO

Um fato inegável é que nós vivemos numa sociedade em que o individualismo é a filosofia de vida dominante. Com isso, estamos querendo dizer que, na prática, a lei que impera para valer é aquela que diz: “Cada um para si e Deus para todos”.

Na verdade, nós estamos tão habituados a essa maneira de viver que, muitas vezes, não paramos para questioná-la. Será que as coisas não poderiam ser diferentes? Será que a gente não viveria melhor de outra forma?

O ser humano é um animal social. A nossa forma de vida é sempre em grupo. Em qualquer grupo, ninguém é autossuficiente. Ao contrário, cada um depende dos outros. Dessa maneira, nós deveríamos viver olhando para as outras pessoas como companheiras. Teríamos de olhar para elas e dizer: “Nós precisamos de vocês e vocês precisam de nós”.

Entretanto, não é nada disso o que acontece. Ao invés de existir a colaboração entre as pessoas, o que existe é a competição. Ao invés de se ver o outro como companheiro, vê-se o outro como adversário. Ao invés de lutarmos juntos pela vida, lutamos uns contra os outros. Assim, a nossa sociedade, como já afirmou alguém, “foi atomizada, ouvindo-se agora, em consequência e pela primeira vez,

do homem nessa economia industrial de nossa era”. Isso significa que nós não somos mais capazes de enxergar os grupos, os conjuntos das pessoas, mas somente os indivíduos, os “átomos” que formam a sociedade.

A IGREJA E O INDIVIDUALISMO

Tudo o que dissemos até aqui sobre o individualismo refere-se à nossa sociedade em geral. Devemos examinar agora se a Igreja tem aceitado a influência do individualismo moderno.

A questão é a seguinte: no mundo, o que vale é a filosofia do “cada um para si”; na Igreja, será que as coisas são diferentes? No mundo, as pessoas competem entre si e se veem como adversárias; na Igreja, será que as pessoas se veem como companheiras?

Alguém escreveu o seguinte:

“Mesmo as Igrejas vêm refletindo nossa preocupação moderna com o homem individual, de modo que, na prática, as congregações são simples reuniões de indivíduos que pouco conhecem da comunidade cristã no sentido bíblico e pouco esperam dela. À semelhança de clubes seculares, reúnem-se em seus vários grupos para ouvirem pregadores a respeito de assuntos diferentes, que em geral estão pouco relacionados, elaborados e iluminados pela fé cristã. A adoração da Igreja foi pesadamente influenciada pelo pietismo individualista, bastante preocupado não com o organismo social, mas com a necessidade de paz, de descanso e de alegria do indivíduo em meio às tormentas e às marés da vida. A egocentralização da procura pietista da salvação tende a excluir o interesse

vigoroso pela comunidade. Em consequência, o cristão moderno examina sua Bíblia de maneira não muito diferente do estudo que o pagão faz de sua literatura sagrada, tendo como objetivo encontrar inspiração, devoção e iluminação moral para a vida pessoal e nada mais”.

O texto acima é um pouco longo. Mas ele diz bem o que ocorre em nossas Igrejas. Na verdade, nossas Igrejas estão profundamente contaminadas pelo individualismo moderno. Elas não chegam a ser verdadeiramente Igrejas, mas um amontoado de indivíduos que buscam os seus próprios interesses.

A CONFISSÃO DE FÉ E O INDIVÍDUO

Devemos agora dar mais um passo e perguntar: será que a Confissão de Fé de Westminster é diferente? Será que a Confissão de Fé tem uma contribuição a dar contra o individualismo de nosso mundo e de nossas Igrejas?

Infelizmente, somos obrigados a reconhecer que também na Confissão de Fé de Westminster o individualismo está presente. Basta examinar o índice dos assuntos da Confissão de Fé para se perceber isso.

Ela começa tratando das Sagradas Escrituras. Depois, traz capítulos sobre:

- a) Deus e a criação;
- b) a queda do ser humano e a presença do mal no mundo;
- c) Jesus Cristo e sua obra;
- d) a vida do cristão.

Finalmente, só no seu vigésimo quinto capítulo é que

a Confissão de Fé diz alguma coisa a respeito da Igreja.

A impressão que fica é que o importante mesmo é o indivíduo, sua salvação, sua vida, etc. A Igreja seria simplesmente uma espécie de apêndice, algo que existe somente porque existem vários crentes.

Existe um outro dado que deve ser mencionado. A Igreja adota a Confissão de Fé de Westminster e o Catecismo Menor. Ora, o Catecismo Menor não traz absolutamente nada a respeito da Igreja. Para o Catecismo Menor, o que existe são só os indivíduos.

No estudo que estamos fazendo da Confissão de Fé de Westminster, devemos examiná-la criticamente, à luz da Bíblia. Por isso, devemos estudar o que a Bíblia diz sobre o individualismo presente no nosso mundo, na nossa Igreja e na nossa Confissão de Fé.

A BÍBLIA E O INDIVIDUALISMO

É lógico que o indivíduo não deixa de ter importância no ensino bíblico. Mas, examinando o Antigo e o Novo Testamento que, quando Deus chama indivíduos, Ele os chama para formarem o seu povo. Inúmeros textos bíblicos poderiam ser lembrados aqui. Destacamos somente dois:

Gênesis 12.1-2 – “Certo dia o Senhor Deus disse a Abrão: Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa do seu pai e vá para uma terra que eu lhe mostrarei. Os seus descendentes vão formar uma grande nação. Eu o abençoarei, o seu nome será famoso, e você será uma bênção para os outros”. Temos aqui o chamado de Deus a Abrão. Como indivíduo, Abrão foi desafiado a deixar tudo para obedecer a Deus. Mas está bem claro que o



HOLY BIBLE
&

objetivo final de Deus, no chamado feito a um indivíduo, foi o de formar uma grande nação. Em outras palavras, a intenção de Deus foi a de constituir um povo ou uma comunidade.

1 Pedro 2.9-10 – “Vocês são a raça escolhida, os sacerdotes do Rei, a nação completamente dedicada a Deus, o povo que pertence a Ele. Vocês foram escolhidos para anunciar os atos poderosos de Deus, que os chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz. Antes, vocês não eram o povo de Deus, mas agora são o seu povo; antes, não conheciam a misericórdia de Deus, mas agora já receberam a sua misericórdia”. A ideia da carta de Pedro explora o fato de que os cristãos são um povo. Antes de estarem em Cristo, eles eram indivíduos isolados. Foi exatamente o fato de se unirem a Cristo que os tornou povo.

CONCLUSÃO

Nos próximos capítulos vamos estudar o que a Confissão de Fé de Westminster ensina a respeito da Igreja. Este capítulo serve como uma espécie de introdução geral a esse assunto.

Precisamos redescobrir a importância da Igreja. Precisamos afirmar a sua importância até na nossa Confissão de Fé.

Tudo isso só poderá ser feito mediante um estudo sério da Bíblia, que valoriza muito a comunidade, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

18

A IGREJA QUE VEMOS E A IGREJA QUE NÃO VEMOS

"Lembrem-se do quanto vocês caíram! Arrependam-se dos seus pecados e façam o que faziam no princípio" (Apocalipse 2.5)

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

De uma forma geral, existe um grande desconhecimento dos acontecimentos da história da Igreja em nosso meio. Estamos tão absorvidos pelo presente e tão preocupados com o futuro que acabamos deixando de lado o passado.

É curioso observar o interesse pelo futuro que existe entre as pessoas de nossas Igrejas. Basta aparecer alguém que se diga entendido em escatologia para que, imediatamente, inúmeras pessoas queiram ouvi-lo. Quando se anuncia uma série de estudos sobre o final dos tempos, um grande número de crentes se esforça em comparecer.

No entanto, ocorre exatamente o oposto quando o assunto é a história e o passado. É muito estranho isso! Muito estranho porque nós cremos em um Deus que atua na história! Logo, ao estudarmos a história, descobrimos o que foi que Deus fez e o que é que Deus está fazendo. Portanto, o nosso amor a Deus deveria se manifestar no interesse pelo estudo da história.

Era isso o que acontecia com o povo de Israel nos tempos do Antigo Testamento. Continuamente, aquele povo recordava os eventos do passado em que Deus tinha atuado: a libertação da escravidão no Egito, a peregrinação pelo deserto, a conquista da terra prometida, etc.

No Novo Testamento, aconteceu a mesma coisa. O

próprio Senhor Jesus nos ensinou a valorizar o passado, quando estabeleceu a celebração da Santa Ceia. Ele recomendou: “Fazei isto em memória de mim”.

Aqui trataremos da Igreja invisível. Esse assunto só pode ser bem entendido no contexto da Reforma Protestante do Século XVI. É impossível entender bem o que a Confissão de Fé de Westminster diz sobre a Igreja se ignorarmos o contexto histórico da Reforma. Por isso, começamos destacando a importância da história. Precisamos conhecer a história da Reforma do Século XVI para compreender a nossa Confissão de Fé.

UM PROBLEMA QUE OS REFORMADORES ENFRENTARAM

No século XVI, tivemos grandes reformadores como Martinho Lutero, João Calvino, João Knox, etc. Eles atuaram em lugares diferentes, tendo em comum a mesma preocupação: promover uma reforma na Igreja a partir dos ensinamentos bíblicos.

É lógico que essa tarefa foi gigantesca. A Igreja daquela época estava solidamente organizada e possuía muito poder. Foi por isso que os reformadores enfrentaram grandes problemas.

Neste estudo, queremos destacar o problema da organização da Igreja. Que problema foi esse? Qual foi o seu conteúdo?

Nos dias de hoje, temos várias igrejas organizadas. Nós, protestantes do Brasil, desenvolvemos o hábito de considerarmos todas as Igrejas evangélicas como cristãs.



Recebemos membros de outras denominações sem qualquer dificuldade. Ninguém duvida que as outras Igrejas evangélicas sejam irmãs.

Na época da Reforma do Século XVI, as coisas eram muito diferentes. Durante muitos séculos, a Europa conheceu somente a Igreja que estava organizada como Igreja Católica Apostólica Romana. Esta era o que se entendia como a Igreja cristã, com seus bispos, cujo cabeça era o bispo de Roma ou papa.

A Igreja Católica Romana tinha vários argumentos para defender a ideia de que ela era a autêntica Igreja de Cristo. Apontava para o fato de que tinha sido fundada por Jesus. Dizia que, desde a sua origem, sem qualquer interrupção, tinha permanecido atuando como Igreja cristã. Proclama-

va que o Espírito Santo a tinha protegido o tempo todo para que não perdesse a sua identidade, caindo no erro.

Esses argumentos eram difíceis de ser rebatidos pelos reformadores. Muitas vezes, os reformadores eram acusados de estarem somente dividindo a Igreja de Jesus Cristo. Muitas pessoas afirmavam que as Igrejas protestantes e reformadas estavam sendo fundadas pelos reformadores, não tendo, portanto, origem em Jesus Cristo.

Toda essa discussão era de vital importância. Estava em jogo todo o trabalho dos reformadores. Estava em questão a validade ou não de se reformar a Igreja. O problema levantado dizia respeito à autenticidade das Igrejas protestantes e reformadas.

A RESPOSTA DOS REFORMADORES

Foi exatamente por causa dessa discussão que surgiu a distinção Igreja entre a Igreja que vemos e a Igreja que não vemos. Ou, para usar a linguagem da nossa Confissão, a Igreja visível e a Igreja invisível.

Que Igrejas são essas? Para responder, vejamos o próprio texto da Confissão de Fé de Westminster. No seu capítulo 25, parágrafo 1, ela fornece a seguinte explicação sobre a Igreja invisível:

“A Igreja católica ou universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas.” (Efésios 1.10, 22, 23).

Sobre a Igreja visível, a Confissão de Fé diz o seguinte, no capítulo 25, parágrafo 2:

“A Igreja visível consta de todos aqueles que pelo mundo inteiro professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos; é o Reino do Senhor Jesus, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação (1 Coríntios 1.2 e 12.12-13; Gênesis 17.7; Romanos 9.16; Mateus 13.31; Colossenses 1.13; Filipenses 1.19 e 3.15; Mateus 10.32-33; Atos 2.47)”.

Nessas duas definições, destacamos os seguintes pontos:

- a) a Igreja visível é formada pelos cristãos que estão vivos conosco; a Igreja invisível é formada pelos cristãos de todos os tempos;
- b) não existem de fato duas Igrejas: não se pode dizer que uma Igreja se opõe à outra ou que uma Igreja é falsa e outra Igreja é verdadeira; na realidade, a Igreja visível integra a Igreja invisível;
- c) a Igreja visível não se identifica com uma instituição como, por exemplo, a Igreja Católica Apostólica Romana; ao contrário, ela subsiste em todas as denominações em que a “verdadeira religião” é professada.

Dessa maneira, os reformadores justificaram o aparecimento de várias Igrejas cristãs. Elas não são, na verdade, Igrejas diferentes, mas partes diferentes da mesma Igreja, a Igreja invisível, integrada por todos os cristãos.

A IGREJA PRECISA DE REFORMAS

Depois de fazer essa distinção entre Igreja visível e Igreja invisível, a Confissão de Fé acrescenta o seguinte no capítulo 25, parágrafos 4 e 5:

“As Igrejas particulares, que são membros da Igreja visível, são mais ou menos puras conforme nelas é, com mais ou menos pureza, ensinado e abraçado o evangelho, administradas as ordenanças e celebrado o culto público (Romanos 11.2-4; Atos 2.41-42; 1 Coríntios 5.6-7)”.

“As Igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro; algumas têm degenerado ao ponto de não serem mais Igrejas de Cristo, mas sinagogas de Satanás; não obstante, haverá sempre sobre a terra uma Igreja para adorar a Deus segundo a vontade dele mesmo (1 Coríntios 1.2 e 13.12; Mateus 13.24-30; Romanos 11.20-22; Apocalipse 2.9; Mateus 16.18)”.

Esses dois parágrafos são muito importantes e atuais. Neles fica bem claro que as Igrejas que temos são sempre imperfeitas e sempre sujeitas ao erro. É exatamente por causa disso que precisam sempre de reformas e correções, segundo a Palavra de Deus.

Foi isso que os reformadores fizeram. A partir da Bíblia, eles promoveram uma reforma da Igreja no tempo em que viveram. Sua intenção era fazer com que a Igreja voltasse a sua fidelidade a Deus.

É isso também que precisamos fazer continuamente.

Não podemos nos limitar a conservar a Igreja como ela é ou como se apresenta. A Igreja sempre tem falhas a serem corrigidas segundo o ensino das Escrituras Sagradas.

É por isso que o lema da Reforma Protestante do Século XVI foi: “Igreja Reformada e Sempre se Reformando”.

Portanto, temos de prosseguir reformando a Igreja, corrigindo seus desvios e erros, sob a orientação da Bíblia, procurando sempre ser mais fiéis a Deus.

CONCLUSÃO

Não foi fácil fazer a Reforma do Século XVI. Todavia, com a graça de Deus, os reformadores tiveram a coragem de realizá-la. Foi um processo lento e doloroso. Foi um movimento de exigiu muita consagração e sacrifícios.

No entanto, nem sempre nós aprendemos as lições da história na qual Deus está atuando. Muitas vezes, caímos no erro que os reformadores combateram. Colocamo-nos contra as reformas. Até em nome da fidelidade a Deus, insistimos em conservar as coisas exatamente como estão.

Por isso, a distinção da Confissão de Fé de Westminster continua a ser útil para nós. Nós somos a Igreja visível. Estamos sempre sujeitos aos erros. Precisamos, pois, ficar promovendo reformas contínuas na Igreja, sob a inspiração do ensino das Escrituras.

19

PARA QUE SERVE A IGREJA?

"Vocês são o sal para a humanidade... Vocês são a luz para o mundo..." (Mateus 5.13 e 14)

COMO SERIA A VIDA SEM A IGREJA?

Você já imaginou como seria a vida, se não houvesse a Igreja? Vale a pena pensar um pouco nesse assunto. O fato é que muitas pessoas acham que é impossível passar a vida sem a existência da Igreja. Elas já têm um esquema de atividades bem organizado. Trabalham de segunda a sexta ou de segunda a sábado e reservam o resto do tempo disponível para a Igreja. Dessa forma, tais pessoas não precisam se preocupar nem um pouco com o que farão no domingo ou no sábado. Já existe algo para ocupar esse espaço de tempo.

É muito bom estarmos envolvidos com a Igreja. É muito bom termos um compromisso sério com a Igreja. Devemos, porém, examinar um outro lado desta questão. Muitas vezes, a Igreja tem sido vista como a instituição que serve para preencher o tempo vazio da semana. Eis aí, para muita gente, a sua grande utilidade: ela evita qualquer preocupação a respeito do que fazer com o domingo!

Quando chega o final da semana, lá está a Igreja à disposição. Ela oferece um bom ambiente. Nela estão os amigos e as amigas, os parentes e os conhecidos. Além disso, a Igreja promove certas atividades interessantes. Em outras palavras, a Igreja é uma espécie de ponto de encontro e um local para cultivo da vida social.

Tudo isso é muito bom! Se a Igreja tem servido para tudo isso, ótimo! Todavia, será que é só para isso que a Igreja serve? Será que é para isso que existe? Qual é, afinal, a sua função?

COM A PALAVRA A CONFISSÃO DE FÉ

A nossa Confissão de Fé, com a linguagem que lhe é característica, responde a esse tipo de indagação. Vamos ler com atenção o que ela diz no capítulo 25, parágrafo 3º:

“A esta Igreja católica visível Cristo deu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para congregamento e aperfeiçoamento dos santos nesta vida, até o fim do mundo, e pela sua própria presença e pelo seu Espírito, os torna eficazes para esse fim, segundo a sua promessa (Romanos 11.3-4; Atos 2.4142; 1 Coríntios 5.6-7)”.

Aí está! Esse é o ensino da Confissão de Fé de Westminster a respeito das funções da Igreja. Devemos entender que, ao dizer Igreja católica visível, a Confissão de Fé está se referindo a todos os cristãos existentes no mundo. Não devemos, portanto, entender que suas palavras são a respeito de qualquer instituição ou de qualquer denominação em particular.

O nosso problema agora é o de tentar compreender o que a Confissão de Fé ensina sobre a função da Igreja, comparando o seu ensino com o ensino que nos vem da Bíblia.

AS FUNÇÕES DA IGREJA

O texto da Confissão emprega três palavras para explicar a função da Igreja: ministério, oráculos e ordenanças de Deus.

A) O MINISTÉRIO

A palavra ministério é de origem latina. Seu significado equivale ao significado da palavra grega “diaconia”. Não devemos, portanto, pensar que o termo ministério refere-se aos pastores que a Igreja tem. Ao contrário, ele se aplica ao serviço que a Igreja deve realizar.

É exatamente esse o significado da palavra grega “diaconia”, como afirmou um comentarista que disse: “A palavra diaconia se aplica antes de tudo a serviços materiais necessários à comunidade, como o serviço das mesas (Atos 6.1-4) e a coleta para os pobres de Jerusalém (Atos 11.29; 12.25; 2 Coríntios 8.4; Romanos 15.31; 1 Coríntios 16.15; etc.)”.

Temos aí uma primeira razão para a existência da Igreja. Ela existe para o ministério, isto é, para o serviço a Deus. Isso quer dizer que a Igreja não existe para si mesma. Sua função não é fazer com que um grupo de pessoas se sinta bem. Sua tarefa não é agradar a quem quer seja, satisfazendo caprichos e vaidades. A Igreja existe para servir a Deus.

É lógico que você pode perguntar agora: O que significa servir a Deus? Qual é o serviço que Deus quer que seja feito?

Para saber a resposta, nada melhor do que olhar para

a pessoa de Jesus Cristo. Ele foi o servo de Deus por excelência, conforme apresentação feita pelo profeta Isaías (Isaías 53).

Como servo de Deus, Jesus Cristo explicou o que fazia: *“Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho”* (Mateus 11.5).

Dá para perceber que, ao servir a Deus, Jesus Cristo serviu às pessoas. No serviço a Deus, Jesus Cristo satisfaz as necessidades dos homens e das mulheres do seu tempo. No serviço a Deus, Jesus Cristo atendeu as carências do mundo.

O mesmo deve ocorrer com a Igreja. Ela existe para servir a Deus, isto é, ela existe para servir aos homens e às mulheres do nosso mundo.

B) ORÁCULO

A palavra oráculo é interpretada normalmente com o significado de adivinhação. Assim, qualquer explicação sobre o futuro ou sobre as coisas que acontecerão seria um oráculo.

Todavia, não é nesse sentido que a Confissão de Fé emprega a palavra oráculo. Na Confissão de Fé, o termo oráculo refere-se à pregação ou à proclamação da Igreja. Ou seja, a Igreja existe para anunciar ao mundo a palavra de Deus.

Essa responsabilidade é muito séria! O fato é que existe uma palavra de Deus. Isso é o mesmo que afirmar que Deus quer estabelecer comunicação com as pessoas. Mas essa comunicação utiliza como veículo a Igreja.



Se o mundo de hoje se queixa da ausência da palavra de Deus, devemos entender, então, que isso não se deve a um silêncio da parte de Deus. A queixa da ausência da palavra de Deus depõe contra a própria Igreja. Se tal ausência se faz sentir, é sinal que a Igreja não tem cumprido a sua função.

C) ORDENANÇAS

Por ordenanças devemos entender os sacramentos. Jesus Cristo determinou certas coisas que a Igreja deve realizar. Essas coisas são as ordenanças ou os sacramentos.

É a própria Confissão de Fé que explica quais são os sacramentos ou ordenanças deixados por Jesus Cristo,

segundo o Novo Testamento.

O primeiro é o batismo: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”* (Mateus 28.19).

O segundo é a santa ceia: *“O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim”* (1 Coríntios 11.13-24).

O QUE ACONTECE QUANDO A IGREJA REALIZA SUAS FUNÇÕES

Vimos que a Igreja existe para exercer “o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus”. Devemos perguntar ainda quais são as finalidades dessas funções.

Há muita gente que faz certas coisas mecanicamente, por costume ou tradição, sem saber porque. Não deve ser assim. Temos de saber qual é a finalidade do serviço da Igreja. Precisamos conhecer qual o objetivo da pregação da Igreja. Devemos entender porque a Igreja batiza e celebra a ceia do Senhor.

O texto da Confissão de Fé ensina que a Igreja realiza suas funções “para o congregamento e aperfeiçoamento dos santos nesta vida, até o fim do mundo”. Em outras palavras, quando a Igreja cumpre sua missão, acontecem certos fenômenos, como a reunião e o aperfeiçoamento dos cristãos.

Foi esta a experiência da Igreja primitiva. Os cristãos *“perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”* (Atos 2.42). *“Com grande*

poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (Atos 4.33). Com isso, “todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum” (Atos 2.44) e “da multidão dos que creram era um o coração e a alma” (Atos 4.32).

Não é, portanto, só o mundo que se beneficia quando a Igreja cumpre a sua missão. Quando isso acontece, ela própria sai ganhando. Seus membros se reúnem e se aperfeiçoam à medida em que atuam, fazendo a vontade de Deus.

CONCLUSÃO

Quando a gente pensa nas tarefas que a Igreja tem para cumprir, ocorre, com frequência, o desânimo. Sentimo-nos incapazes de realizar tanta coisa.

Devemos, no entanto, pensar que Deus não nos pede o que não podemos fazer. Devemos reconhecer que Deus mesmo nos capacita para as tarefas que temos para desempenhar.

É essa a promessa de inúmeros textos bíblicos. É essa a promessa que encontramos no final do evangelho de Mateus, quando Jesus ordenou a seus discípulos que fossem fazer outros discípulos, batizando-os e ensinando-os. Foram suas, nessa ocasião, as seguintes palavras: *“Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 29.20).*

20

QUEM MANDA NA IGREJA?

"...o mais importante deve ser como o menos importante; e o que manda deve ser como o que é mandado" (Lucas 22.26)

A AMBIÇÃO AO PODER

Sempre que há eleições para os mais diversos cargos públicos em nosso país, aparecem muitos candidatos. Os candidatos são em número muito superior ao número de cargos a serem preenchidos. A maior parte dos candidatos não é eleita. Uma pequena minoria consegue chegar aos ambicionados cargos. Cada candidato tem de se desdobrar e de gastar muito dinheiro em propaganda para ter alguma chance de se eleger.

Diante de tudo isso, devemos perguntar: por que tanto esforço e trabalho? Por que tantos gastos? Qual o motivo de tanto empenho por um cargo político?

Quase todos os candidatos dizem que querem servir à nação. Eles garantem que têm planos para o bem-estar da sociedade. Mas a grande verdade é que a maior parte dos candidatos está sendo impulsionada pela ambição ao poder.

Aí está a palavra mágica – “poder”. O poder exerce uma grande força de atração sobre o ser humano.

Podemos descobrir, em nossa sociedade, inúmeras manifestações dessa realidade. Há luta pelo poder nos lares. Há luta pelo poder nas instituições sociais. Há luta pelo poder nos meios de comunicação. Há luta pelo poder até mesmo na Igreja.

ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DA LUTA PELO PODER

Frequentemente, ouvimos falar que o tempo presente é um tempo de decadência em todos os sentidos. É por isso que fica a impressão de que outros tempos foram melhores do que o nosso. Dessa forma, a Igreja do passado teria sido mais perfeita do que aquela que nós somos hoje.

Será que isso é verdade? Será que encontramos, por exemplo, a luta pelo poder na Igreja primitiva? Será que houve luta pelo poder entre os discípulos de Jesus Cristo?

Examine o texto de Marcos 10.35-45. Esse texto narra um episódio muito interessante da vida de Jesus Cristo. Tiago e João pediram a Jesus que, no seu Reino, tivessem o privilégio de ocupar os lugares mais importantes: um ficaria à direita e outro, à esquerda do Senhor. Quando souberam desse pedido, os outros discípulos ficaram indignados.

Nessa história, fica claro que os discípulos tinham ideias erradas a respeito do Reino de Deus. Fica também claro que uns não eram melhores do que outros: todos queriam um lugar de destaque no Reino.

Examine ainda o texto de Atos 15.1-5. A mesma luta pelo poder aparece aí. Os judeus (especialmente aqueles que pertenciam à seita dos fariseus) queriam ter o controle sobre a Igreja. Os outros, chamados gentios, deveriam sujeitar-se às suas ideias e aceitar a lei de Moisés.

Poderíamos continuar com outros exemplos. Mas os que indicamos já são suficientes para comprovar aquilo que dissemos: o poder exerce uma grande atração sobre os seres humanos e até mesmo dentro da Igreja existe a luta pelo poder.

O QUE A CONFISSÃO DE FÉ DIZ SOBRE O ASSUNTO?

A Confissão de Fé de Westminster aborda esse assunto quando diz:

“Não há outro Cabeça da Igreja senão o Senhor Jesus Cristo; em sentido algum pode ser o papa de Roma o cabeça dela, mas ele é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição que se exalta na Igreja contra Cristo e contra tudo o que se chama Deus” (Capítulo 25, parágrafo 6º).

Há duas coisas que nos chamam a atenção nesse parágrafo:

- a) Negativamente, a Confissão afirma que o papa não é o cabeça da Igreja de Jesus Cristo. Essa foi uma das grandes disputas da Reforma do século XVI. E, ainda hoje, esse é um dos pontos de maior atrito entre católicos e protestantes. O fato é que não aceitamos, em hipótese alguma, que qualquer outra pessoa se coloque como o cabeça da Igreja;
- b) Positivamente, a Confissão afirma que o único cabeça da Igreja é o Senhor Jesus Cristo. Essa posição é profundamente bíblica. O texto de Paulo aos Efésios diz claramente: “Falando a verdade com espírito de amor, cresçamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. É ele quem faz com que o corpo todo fique bem ajustado e todas as partes fiquem ligadas entre si por meio da união

de todas elas. E, assim, cada parte funciona bem, e o corpo todo cresce e se desenvolve por meio do amor” (Efésios 4.15-16). E a mesma ideia está na carta aos Colossenses: *“Ele (Jesus) é a cabeça do corpo, que é a Igreja, e é ele quem dá vida ao corpo. Ele é o primeiro Filho, o que foi ressuscitado para que somente ele tivesse o primeiro lugar em tudo”* (Colossenses 1.18).

QUEM MANDA NA IGREJA?

Diante disso, temos condições agora de responder à pergunta que vem como título. De acordo com a Bíblia, a nossa Confissão de Fé afirma que Jesus Cristo é o único cabeça da Igreja. Em outras palavras, só Jesus Cristo deve comandá-la.. Essa é a função da cabeça em qualquer organismo. Ela é que orienta. Ela é que dirige. Ela é que determina o que cada parte do corpo deve fazer.

Os católicos têm o papa como cabeça da Igreja. Eles dizem que o papa é a cabeça visível, ao passo que Jesus Cristo é a cabeça invisível.

A história, porém, tem demonstrado o perigo dessa posição. O fato é que colocar uma pessoa como cabeça visível desloca Jesus Cristo do comando e do centro da Igreja. Quando se coloca uma pessoa como cabeça visível, ela fica com demasiado poder e isso sempre traz resultados negativos.

Mas, além de condenar o papado, precisamos dar um passo a mais. Temos de examinar se são só os católicos que colocam alguém como cabeça da Igreja. Será que entre nós, os protestantes, não têm também surgidos outros cabeças da Igreja?

A NOSSA REALIDADE

A verdade é que a tentação do poder é muito grande. Sempre temos sido tentados a colocar outras cabeças na Igreja de Jesus Cristo.

Às vezes, são os pastores que pretendem controlar a Igreja segundo a vontade deles. Assumem a postura de donos dela e de infalíveis proprietários de toda verdade.

Às vezes, são presbíteros que se arvoram em cabeças da Igreja, querendo que todos os membros se curvem aos seus desígnios.

Às vezes, são grupos ou famílias que pretendem mandar na Igreja, como se ela lhes pertencesse.

Tudo isso constitui uma realidade que temos experimentado frequentemente em nossas comunidades. Contra tudo isso, devemos afirmar que, biblicamente, só temos um cabeça: Jesus Cristo.

Por outro lado, devemos reconhecer que a Igreja é uma instituição terrena. Ela precisa ter seus dirigentes. Ela precisa ter uma estrutura. Ela não pode deixar de ter uma autoridade.

Como é que podemos aceitar as autoridades da Igreja, se temos Jesus Cristo como o único cabeça? Como é que podemos conciliar a existência de líderes na Igreja, se temos a Jesus como supremo líder?

A resposta que damos a esse tipo de pergunta está no sistema presbiteriano de governo. Esse sistema é representativo. São os membros da Igreja que a dirigem através dos seus representantes. São os seus membros que delegam autoridade a algumas pessoas da própria



um determinado

funciona correta-
seja o cabeça da
ge a participação
funcionar bem.

grande luta pelo
dentro da Igreja,

ra evitar as tenta-
aqueles que têm
vitem ser cabeças

tação do Senhor
eis deste mundo
dores são chama-
cês não pode ser
e deve ser como o
e ser como o que

r Jesus tem sido

21

UMA PESSOA FAMOSA MAS DESCONHECIDA

"Quando Ele viver, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo" (João 16.8)

UM LADO DA MOEDA

Se examinarmos o índice da Confissão de Fé de Westminster e procurarmos um capítulo sobre o Espírito Santo, iremos ter uma grande surpresa: não existe nenhum capítulo com esse título. A Confissão de Fé de Westminster tem um capítulo sobre Deus e a Santíssima Trindade, bem como um capítulo sobre Cristo, o mediador. Mas não tem um capítulo especialmente dedicado ao estudo do Espírito Santo. Não é estranha essa omissão?

É claro que a Confissão de Fé de Westminster não se esquece do Espírito Santo. Várias vezes, no texto de nossa Confissão de Fé, o Espírito Santo é mencionado e sua obra é comentada.

Foi exatamente com base nessa realidade que alguém fez o seguinte comentário: “O fato de que os autores da Confissão não tenham concentrado sua teologia no Espírito Santo em um só capítulo é indício de que existiu neles certa insensibilidade, característica do pensamento teológico da época, para com o valor e o significado reais desse tema”.

Esse comentário é muito importante! A nossa Confissão de Fé foi redigida no século XVII, na Inglaterra. Naquela época, a doutrina do Espírito Santo não despertava muito interesse nem provocava grandes discussões.

Não devemos ficar impressionados com isso! Sempre, durante todo o transcorrer da história da Igreja, houve temas bíblicos que foram mais valorizados e temas bíblicos que foram esquecidos. Cada época dá mais importância a uma determinada doutrina. Cada período se preocupa com determinados assuntos.

No século XVII, a Igreja da Inglaterra tinha certas preocupações e interesses, que a levaram a não valorizar muito a doutrina do Espírito Santo. Por isso, a Confissão de Fé de Westminster, produzida naquela ocasião, não dedicou um capítulo especial à pessoa do Espírito Santo.

O OUTRO LADO DA MOEDA

Tudo o que afirmamos até aqui corresponde somente a um dos lados da moeda. Existe outro lado que precisa ser examinado. Esse outro lado corresponde à nossa situação como Igreja, nos dias atuais.

Se, no século XVII, a doutrina do Espírito Santo não estava em debate, o que ocorre com esse tema nos tempos em que vivemos?

Não é difícil responder a essa indagação. É fácil constatar que a doutrina do Espírito Santo é uma das mais importantes nos dias de hoje. As livrarias evangélicas estão repletas de livros sobre esse assunto, que é também tema de artigos e estudos em jornais evangélicos e de muitas discussões.

As denominações divergem quanto a essa doutrina. Até mesmo divisões têm ocorrido por causa das diferentes interpretações da pessoa e obra do Espírito Santo.

Aí estão, portanto, os dois lados da moeda. No século XVII, a doutrina do Espírito Santo não estava sendo debatida. Agora, quando vivemos o início do século XXI, ela se tornou uma das mais importantes na vida da Igreja.

Essa situação cria um problema para nós. Temos uma Confissão que não trata especificamente de um dos temas mais controvertidos na vida de nossas Igrejas.

UMA BREVE RECORDAÇÃO

Até aqui já estudamos os seguintes temas:

- a) A importância da Confissão de Fé;
- b) Deus e a criação;
- c) O problema do mal;
- d) Jesus Cristo, o mediador;
- e) A Igreja.

Neste capítulo, e nos próximos três, vamos nos dedicar ao estudo da vida cristã. Esse assunto está profundamente relacionado com o Espírito Santo, pois é Ele quem nos guia e nos dá forças para vivermos testemunhando segundo a vontade de Deus. Foi o próprio Senhor Jesus quem disse a seus discípulos antes de sua ascensão aos céus: *“Quando o Espírito Santo descer sobre vocês, vocês receberão poder e serão minhas testemunhas...”* (At 1.8).

Portanto, apesar de não existir um capítulo específico na Confissão de Fé sobre o Espírito Santo, vamos dedicar este capítulo ao estudo dessa doutrina.

O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA

A primeira coisa a se destacar sobre o Espírito Santo é que Ele é uma pessoa. Sobre isso escreveu o Rev. Abival Pires da Silveira: *“Se o Espírito Santo é o próprio Deus, Ele é alguém e não alguma coisa. Um erro muito comum é pensar no Espírito Santo como sendo algo neutro. Temos mesmo a tendência de pensar nele como sendo uma espécie de poder impessoal, como uma espécie de energia que certo modo atinge o ser humano. Assim, uma analogia muito usada é aquela que compara o Espírito Santo a eletricidade. Essa analogia é falsa porque faz do Espírito Santo algo impessoal, despersonaliza o Espírito e despersonaliza o próprio ser humano. O Espírito de Deus não é nenhuma espécie de corrente elétrica espiritual”*.

De fato, temos aí um bom ponto de partida para o estudo da doutrina do Espírito Santo. A Bíblia não o apresenta como se fosse simplesmente uma energia ou uma força. Ao contrário, a Bíblia ensina que o Espírito Santo é Deus. Em outras palavras, é uma pessoa da Santíssima Trindade.

Isso é muito importante! Ao pensarmos no Espírito Santo, temos de aprender a pensar numa pessoa. Ao nos relacionarmos com o Espírito Santo, temos de lembrar que estamos nos relacionamento com uma pessoa. Sendo uma pessoa, o Espírito Santo age como uma pessoa. Por isso, temos de perguntar: qual é a atuação do Espírito Santo?

A ATUAÇÃO DA PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

A Bíblia apresenta um amplo relato da atuação do Espírito Santo. A sua obra não é relatada somente por Paulo nem

se encontra somente na Primeira Epístola aos Coríntios. Na verdade, desde o Gênesis até o Apocalipse, temos inúmeros textos que nos explicam qual é a atuação do Espírito Santo.

1) O Espírito Santo é o criador – O segundo versículo do livro do Gênesis diz que “*a terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito Santo de Deus pairava por sobre as águas*” (Gênesis 1.2). Esse versículo aponta para o fato de que o Espírito de Deus é o criador e o sustentador do universo. Isso quer dizer que as coisas materiais não podem ser consideradas como coisas más, que se opõem ao Espírito. Ao contrário, a matéria é criação do Espírito Santo.

2) O Espírito Santo falou através dos profetas – Os profetas nunca disseram que as mensagens que traziam eram deles mesmos. Eles pregavam em nome de Deus. Era o Espírito Santo quem falava por intermédio deles (2 Crônicas 24.20; Ezequiel 11.5). Isso significa que era o Espírito Santo quem guiava o povo de Israel através da pregação dos profetas. A pregação dos profetas era seu instrumento para orientar o povo.

3) O Espírito Santo “*convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo*” - Precisamos ouvir mais o que Jesus ensinou sobre o Espírito Santo (João 14 a 16). Segundo o ensino de Jesus, a grande obra do Espírito Santo é fazer com que as pessoas se sintam pecadoras, se arrependam, tenham fé em Cristo e sejam salvas (João 16.8-11; 1 Coríntios 12.3).



4) O Espírito Santo orienta a nossa vida – Nesse sentido, Ele nos faz lembrar do ensino de Jesus (João 14.6-26) e nos conduz para uma vida nova, cuja característica maior é o amor (1 Coríntios 12.31 a 13.13; Gálatas 5.22-23).

5) O Espírito Santo faz com que os cristãos vivam em união – Num mundo marcado pela rivalidade e egoísmo, o Espírito Santo cria uma vida comunitária diferente, na qual as pessoas se sentem como se tivessem uma só coração e uma só alma (Romanos 8.6; Efésios 4.1-6; 1 Coríntios 12.11-27).

A Bíblia apresenta muitos outros textos sobre o Espírito Santo. No entanto, os que indicamos acima servem para nos oferecer uma visão geral a respeito do assunto. Devemos examiná-los cuidadosamente, comparando com o que tem sido divulgado. Esses textos dizem o que a pessoa do Espírito Santo realiza. Será que o que se diz por aí a respeito do Espírito Santo está de acordo com tais textos? Nossa obrigação é examinar e conferir.

CONCLUSÃO

A história da Igreja registra que, por volta do ano 156, um indivíduo chamado Montano atuou na região da Frigia, Ásia Menor, dando origem a um movimento chamado montanismo. “O montanismo representava exatamente a noção de dispensação especial do Espírito Santo, combinada com uma nova manifestação de entusiasmo profético primitivo e com a convicção de que o fim dos tempos estava próximo. Montano proclamou-se instrumento passivo, mediante o qual falava o Espírito Santo. Nessa nova revelação, Montano declarou cumprida a promessa de Cristo e inaugurada a dispensação do Espírito Santo. A ele juntaram-se logo duas profetisas, Priscila e Maximila. Proclamando-se porta-vozes do Espírito, afirmavam então que estava próximo o fim do mundo”.

Devemos notar que tudo isso aconteceu no ano 156. De lá para cá, muitos outros movimentos semelhantes aconteceram na história da Igreja. Será que algo semelhante não está tornando a ocorrer nos dias de hoje?

22

EVANGELHO E PROPAGANDA

"...o Senhor abriu a mente dela para que compreendesse o que Paulo dizia" (Atos 16.14)

A PROPAGANDA É A ALMA DO NEGÓCIO

O mundo de hoje, sem dúvida alguma, é o mundo da propaganda. A propaganda utiliza todos os meios de comunicação: rádio, televisão, jornais, revistas, etc. E ninguém fica imune à propaganda. Se a propaganda for bem-feita e atingir grande número de pessoas, certamente ela conseguirá mudar hábitos e ideias. É por isso que as grandes empresas e os governantes gastam rios de dinheiro com a propaganda de seus produtos e de suas realizações.

É sobre a propaganda que queremos chamar a atenção aqui. Existe, nas propagandas, uma certa técnica. Nem toda propaganda é boa. Nem toda propaganda atinge seus objetivos. Para que a propaganda seja boa e atinja seus objetivos ela precisa apresentar certas características.

Vejamos, por exemplo, a propaganda de cigarros. Ela nunca mencionará os males que o cigarro provoca no organismo humano. Ao contrário, invariavelmente, as diversas propagandas de cigarro apresentam jovens bonitos, saudáveis e bem-sucedidos. Dessa forma, a propaganda incentiva todos os jovens a fumarem, fazendo-os ter a ilusão de que, fumando, todos serão belos, sadios e bem-sucedidos.

Tudo isso quer dizer que a propaganda manipula as pes-

soas, fazendo-as tomarem certas atitudes. A propaganda repete muitas vezes a mesma mensagem, forçando os indivíduos a fazerem determinadas coisas. A propaganda nunca se refere a coisas desagradáveis, que podem estragar um bom negócio.

Diante disso, formulamos a seguinte pergunta: como temos feito a pregação do evangelho? Será que, na pregação do evangelho, não temos imitado as modernas técnicas de propaganda? A proclamação do evangelho não tem se transformado simplesmente numa propaganda do evangelho?

Observemos as pregações evangelísticas. Examinemos as campanhas de evangelização. Os pregadores não passaram a ser propagandistas que usam todos os recursos para convencerem os indivíduos a aceitarem Jesus como salvador? Em última análise, não acreditamos que certos pregadores têm poder para levar as pessoas à conversão?

É DEUS QUEM CHAMA

A Confissão de Fé de Westminster tem um capítulo sobre esse assunto. É o capítulo 10, que tem o seguinte título: “*Da vocação eficaz*”. O seu conteúdo é este:

“Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só esses, é ele servido, no tempo por ele determinado e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transpondo-os para a graça e salvação. Isto ele o faz, iluminando os seus entendimentos espiritualmente a fim

de compreenderem as cousas de Deus para a salvação, tirando-lhes os seus corações de pedra e dando-lhes corações de carne, renovando as suas vontades e determinando-as pela sua onipotência para aquilo que é bom e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça. Essa vocação eficaz é só da livre e especial graça de Deus e não provém de qualquer coisa prevista no homem; na vocação o homem é inteiramente passivo, até que, vivificado e renovado pelo Espírito Santo, fica habilitado a corresponder a ela e a receber a graça nela oferecida e comunicada” (CFW, Parágrafos 1 e 2).

Nesses dois parágrafos, observamos que:

- a) A Confissão de Fé, como já estudamos (capítulo 6), defende a doutrina da predestinação, valorizando a soberania de Deus (Efésios 1.3-14; Romanos 8.28-30);
- b) A Confissão de Fé ensina que é Deus quem chama os pecadores, que são como pessoas mortas, para que recebam o evangelho, o que significa ressurreição e vida (Romanos 6.5-11; Colossenses 2.11-12; João 5.21-24);
- c) A Confissão de Fé afirma que o chamado de Deus é feito pela sua palavra e pelo seu Espírito (Atos 10.44-48; 16.14-15).

Em outras palavras, os que pregam o evangelho não convertem ninguém. Não é uma técnica de pregação que

produz a conversão. Ao contrário, Deus é quem converte, através da atuação do Espírito Santo, que atua nos indivíduos, usando a palavra lida e proclamada.

QUANDO DEUS CHAMA, OCORRE O ARREPENDIMENTO

Existe um outro aspecto a ser lembrado. Nenhuma propaganda chama a atenção para coisas desagradáveis ou negativas. No entanto, em se tratando do evangelho, sempre que ele é anunciado, deve haver um convite ao arrependimento, que é algo profundamente doloroso. Isso quer dizer que quem é chamado por Deus passa necessariamente pelo arrependimento.

E o que é esse arrependimento? Deixemos que a própria Confissão de Fé nos explique:

“O arrependimento para a vida é uma graça evangélica, cuja doutrina deve ser tão pregada por todo ministro do evangelho como a da fé em Cristo... O pecador, pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com Ele em todos os caminhos dos seus mandamentos” (CFW, Capítulo 15, parágrafos 1º e 2º).

Nesses parágrafos da Confissão de Fé, notamos que:

- a) O arrependimento é uma graça, isto é, nós não nos arrependemos por nossa própria vontade. É Deus quem nos chama ao arrependimento (Filipenses 2.13;

Mateus 3.2; Atos 2.38);

- b) O arrependimento é uma resposta do ser humano ao chamado de Deus. Nessa resposta, o ser humano “sente e aborrece os seus pecados”, abandona-os e busca viver segundo a vontade de Deus (Ezequiel 18.30-32; Jeremias 31.18-19; Mateus 21.28-32);
- c) O arrependimento deve acontecer sempre em nossas vidas e não somente uma vez, no momento de nossa conversão. É isso o que ensina a Confissão de Fé, dizendo:

“Os homens não devem se contentar com um arrependimento geral, mas é dever de todos procurar arrependerem-se particularmente de cada um dos seus pecados (Salmo 19.13; Lucas 19.8; 1 Timóteo 1.13-15) (Capítulo 15, Parágrafo 5º)”.

d) Não é por causa do arrependimento que Deus nos perdoa. Como afirma a Confissão de Fé: “...*não devemos confiar no arrependimento como sendo de algum modo uma satisfação pelo pecado ou em qualquer sentido a causa do perdão dele*” (Capítulo 15, Parágrafo 3º). Ao contrário, nós somos perdoados unicamente pela graça e misericórdia de Deus, manifestadas em Cristo Jesus (Romanos 3.24-26). Todavia, ao mesmo tempo, não existe pecador perdoado sem arrependimento;

e) O perdão e o arrependimento não servem somente para um bom relacionamento com Deus, mas também para um bom relacionamento com os semelhantes. Assim como temos reconciliação com Deus, com perdão e arrependimento, da mesma forma devemos buscar



reconciliação com nosso próximo, com arrependimento e perdão.

CONCLUSÃO

Voltamos agora à pergunta inicial: não temos feito somente propaganda do evangelho?

Quando se faz propaganda do evangelho, pelo menos duas coisas acontecem:

- a) Pretendemos que a nossa pregação substitua o chamado de Deus;
- b) Não enfatizamos o arrependimento porque não é um bom elemento de propaganda.

Diante disso, o capítulo se constitui num verdadeiro desafio a todos nós. Ele nos leva a concluir que:

- a) É Deus quem chama o ser humano;
- b) O chamado divino está unido inseparavelmente ao arrependimento.

23

MOCINHOS OU BANDIDOS?

"Quando quero fazer o que é bom, só consigo fazer o que é mau" (Romanos 7.21)

OS FILMES DE FAROESTE

Você já reparou como são os enredos dos tradicionais filmes de faroeste? De um modo geral, são enredos simples e sem muitas complicações. De um lado, está o mocinho. De outro, está o bandido. O mocinho é o herói. O bandido é o vilão da história. Todas as virtudes pertencem ao mocinho. Todos os defeitos ficam com o bandido. O mocinho é o representante do bem. O bandido é a encarnação do mal.

Na verdade, essa extrema diferenciação dos personagens está presente também em muitas histórias em quadrinhos, novelas de televisão, romances etc. Há aqueles que só fazem coisas boas, e aqueles que só praticam atos ruins. E tudo é apresentado em cores nítidas e contrastantes. Não há nenhuma dificuldade para se perceber quem é bom e quem não é.

Diante disso, perguntamos: será que a realidade é assim? Será que as pessoas de nossa sociedade são boas ou más?

É claro que não! A realidade é muito mais complexa!

Notamos que, muitas vezes, os considerados melhores elementos cometem erros, ao passo que os piores chegam a apresentar virtudes. Em outras palavras, não existe ninguém totalmente bom e ninguém completamente mau.

A Bíblia, no entanto, parece, em muitos textos, distinguir as pessoas, afirmando que umas são justas e outras injustas, umas são boas e outras são más. Leia, por exemplo, o Salmo 1 e Mateus 5.45. Com base nesses textos, são muitos os membros de nossas Igrejas que pensam que a Bíblia ensina que os seres humanos dividem-se em duas grandes categorias: os bons e os maus.

É exatamente essa a questão que estudaremos aqui, utilizando os capítulos 11, 12, 14 e 16 da Confissão de Fé de Westminster, que tratam da justificação, da adoção, da fé salvadora e das boas obras.

A JUSTIFICAÇÃO

Ao tratar desse tema, a Confissão de Fé assim se expressa:

“Os que Deus chama eficazmente, também livremente justifica. Essa justificação não consiste em Deus infundir neles a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, que não têm de si mesmos, mas que é dom de Deus” (Capítulos 11, Parágrafo 1º).

De acordo com esse texto, fica bem claro que:

- a) Todos os seres humanos são pecadores, isto é, não há ninguém justo por si mesmo. Ninguém é justificado porque realizou qualquer ato meritório. Nem mesmo a fé representa uma boa obra humana, pois ela é dom de Deus.
- b) A justificação do cristão depende exclusivamente da graça de Deus, isto é, não há nada que o ser humano possa fazer por merecê-la ou desmerecê-la. Sobre isso, escreveu o Rev. Abival Pires da Silveira: “Na verdade, o significado da justificação é muito simples. Ele parece ser complicado somente porque nos dá a impressão de ser muito bom para ser verdade. Justificação pela graça como um dom (Romanos 3.24) significa tão somente: nós não necessitamos comprar o amor e a aceitação de Deus, porque Ele nos amou e nos aceitou sem qualquer condição ou pré-requisito. Deus não diz através da justificação: Eu o amarei, se você for bom. Ele simplesmente afirma: Eu o amo assim como você é”.
- c) A justificação pela graça ocorre em consideração à obra de Jesus Cristo. Isso quer dizer que, com o sacrifício de Jesus Cristo, Deus manifestou seu amor por nós, assumindo a culpa que era nossa e oferecendo-nos a possibilidade de uma nova vida.

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ E ADOÇÃO

Ao tratar da justificação, a Confissão de Fé de Westminster tem também um capítulo a respeito da adoção. Na verdade, as duas coisas estão muito relacionadas. Gra-



ciosamente, Deus nos justifica através da fé em Jesus Cristo. Dessa maneira, nós somos aceitos por Deus como seus filhos.

É exatamente esse o ensino do evangelho de João, que diz: *“Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber: aos que creem no seu nome”* (João 1.12).

É esse também o ensino de Paulo: *“Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”* (Romanos 8.14). *“Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”* (Gálatas 4.4-5).

Essa doutrina esclarece até que ponto chega a nossa justificação diante de Deus. Somos justificados a ponto de passarmos a ser considerados como membros de sua família. Somos justificados a ponto de sermos considerados seus filhos, apesar de nossas imperfeições e pecados.

JUSTIFICAÇÃO E BOAS OBRAS

Alguém poderia perguntar: se somos justificados graciosamente por Deus pela fé em Jesus Cristo, como é que fica a questão das boas obras? A nossa justificação graciosa nos dispensa da realização de boas obras?

Seguindo o ensino bíblico, a nossa Confissão de Fé tem também uma orientação a respeito disso. Ela dedica todo um capítulo, o de número 16, ao tema das boas obras. Nesse capítulo, destacamos as seguintes afirmações:

- a) “*Boas obras são somente aquelas que Deus ordena em sua santa palavra*”. Leia, por exemplo, o texto de Miquéias 6.8. Essa afirmação esclarece um ponto muito controvertido dos dias atuais. As pessoas têm dificuldade para saber o que é bom e o que não é. Ora, do ponto de vista bíblico, bom é tudo aquilo que está de acordo com a vontade de Deus.
- b) As boas obras são “o fruto e as evidências de uma fé verdadeira” e o poder para praticá-las “provém inteiramente do Espírito de Cristo”. Leia a esse respeito os textos de Tiago 2.18-22 e João 15.4-6.
- c) Apesar de praticar boas obras, o cristão deve se considerar sempre indigno, alguém que não faz mais do que o seu próprio dever. Leia sobre isso o texto de Lucas 17.10.
- d) Apesar de praticar boas obras, o cristão não deve confiar nelas para justificar-se diante de Deus nem para conquistar suas bênçãos e sua graça. A respeito disso, leia Romanos 3.20 e Efésios 2.8-9.

CONCLUSÃO

Voltamos agora à pergunta feita no início: somos “mocinhos” ou somos “bandidos”? Em outras palavras, é correta essa forma de classificação dos seres humanos como justos e injustos, bons e maus?

Diante do conteúdo apresentado, somos obrigados a responder que:

- a) na verdade, todos os seres humanos são “bandidos”, isto é, todos nós somos pecadores e injustos

aos olhos de Deus;

- b) os cristãos são justificados graciosamente por Deus através da fé em Jesus Cristo;
- c) essa fé associa-se à apresentação de boas obras, que são produzidas pela presença do Espírito Santo na nossa vida;
- d) em última análise, o cristão é, ao mesmo tempo, justo e injusto, pecador e santo, “mocinho e bandido”. Como tal, o cristão deve sempre se humilhar na presença de Deus, reconhecendo a sua condição de pecador por mais correta que pareça ser a sua vida, mas, ao mesmo tempo, o cristão deve confiar e ter paz, sabendo que é justificado pela fé e é aceito como filho de Deus.

24

A GUERRA DO CRISTÃO

"O que a nossa natureza humana quer é contra o que o Espírito quer, e o que o Espírito quer é contra o que a natureza humana quer" (Gálatas 5.17-26)

UMA HISTÓRIA DA VIDA

No dia 17 de julho de 1505, as portas do mosteiro agostiniano de Erfurt, na Alemanha, se abriram para receber um jovem de vinte e um anos de idade, chamado Martinho Lutero. Ele era um estudante que estava se preparando na área de direito. Ao entrar para o convento, Lutero praticamente se desligou de sua vida no mundo. Abandonou seus amigos, sua família, seus estudos, seus projetos de vida, para consagrar-se inteiramente a Deus.

Na verdade, naquele tempo, Lutero não foi o único a agir dessa maneira. Eram muitas as pessoas que desejavam consagrar-se a Deus, e o caminho indicado para elas era sempre o mesmo: tinham de desligar-se do mundo, entrar para um mosteiro e, a partir daí, a vida delas passaria a pertencer somente a Deus.

Nós sabemos que, no mosteiro, Lutero dedicou-se ao estudo da Bíblia. Foi, então, descobrindo qual era o plano de Deus para a sua vida. E, finalmente, acabou saindo do mosteiro. Lutero chegou à conclusão de que, para consagrar-se a Deus, não precisava desligar-se do mundo. Ao contrário, exatamente porque se consagrava a Deus é que deveria participar da vida em sociedade. Era entre as pessoas que precisava atuar como servo de Deus. Era no mundo que precisava trabalhar com dedicação ao Senhor.

Eis aí uma história real! É uma história da vida!

Diante dela, nós paramos para fazer uma pergunta: qual tem sido a nossa atitude como cristãos? Como é que temos procurado viver a vida cristã?

Vamos explicar um pouco melhor. O assunto aqui é a santificação. Esse é um assunto que sempre é mencionado em nossas Igrejas. São muitos os sermões, os estudos bíblicos e as lições de Escola Dominical sobre a santificação. Pois bem, o que é que nos vem à mente, quando o assunto é santificação? Como é que nós pensamos que deve agir uma pessoa que santifica a sua vida?

Essas perguntas são feitas tendo em vista a experiência de vida de Lutero. Nós, protestantes, não temos mosteiros. Mas será que, quando falamos em santificação, não pensamos em fazer a mesma coisa que Lutero fez? Santificação não significa isolamento e distanciamento em relação ao mundo? A santificação não tem sido interpretada como vida em um mundo à parte, em um mundo espiritual?

A SANTIFICAÇÃO

A nossa Confissão de Fé dedica todo um capítulo, o de número 13, ao tema da santificação. Vejamos o que ela nos diz:

“Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo criado em si um novo coração e um novo espírito, são além disso santificados real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, pela sua palavra e pelo seu Espírito, que neles habita; o domínio do corpo do pecado é neles todo destruído, as

suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá a Deus” (Capítulo 13, Parágrafo 1º).

É interessante observar que, como lemos acima, a Confissão de Fé relaciona a justificação com a santificação ao afirmar: “...os que são eficazmente chamados e regenerados... são além disso santificados real e pessoalmente”.

De fato, a justificação e a santificação são duas coisas que caminham juntas. Não é possível separá-las. As pessoas que creem em Jesus Cristo como Senhor e Salvador são justificadas por Deus. A vida de tais pessoas passa a ser, necessariamente, de santificação. Em outras palavras, é impossível crer em Cristo e não passar por nenhuma transformação na forma de viver.

O texto de Tiago diz exatamente isso ao afirmar: “Alguém poderá dizer: Você tem fé, e eu tenho ações. Eu respondo: Então me mostre como é possível ter fé sem que ela seja acompanhada de ações. Eu vou lhe mostrar a minha fé por meio das minhas ações. Você crê que há somente um Deus? Ótimo! Os demônios também creem e tremem de medo. Seu tolo! Vou provar-lhe que a fé sem ações não vale nada” (Tiago 2.18-20).

A SANTIFICAÇÃO EM SOCIEDADE

Ao chamarmos a atenção para o fato de que a justificação e a santificação estão juntas, deve ter ficado claro que não



é possível ser cristão sem a experiência da santificação. Em outras palavras, a santificação não é alguma coisa só para um pequeno número de cristãos. Ao contrário, assim como todos os cristãos são justificados, da mesma maneira todos os cristãos são santificados.

Isso nos faz voltar à história de Lutero, para lembrar que é na vida em comunidade que a santificação deve se manifestar. Lutero chegou a entrar para um mosteiro para se santificar. Ao estudar a Bíblia, descobriu que tinha de sair do mosteiro para viver no mundo, mas em consagração a Deus. Isso se aplica a todos os cristãos. É em nossa sociedade que devemos viver a santificação.

Foi precisamente essa a experiência do profeta Isaías, quando foi chamado por Deus para ser profeta (Isaías 6.1-8). É interessante observar que:

- a) Isaías teve uma visão de Deus na qual sentiu intensamente a santidade do Senhor (Isaías 6.3);
- b) Isaías reconheceu que havia uma enorme distância entre ele e Deus, pois era um ser humano pecador (Isaías 6.5);
- c) Isaías aceitou o chamado de Deus para ser enviado à sociedade de seu tempo, transmitindo a mensagem do Senhor (Isaías 6.8).

Isso tudo quer dizer que o profeta Isaías, que foi perdoado por Deus dos seus pecados, não pretendeu se isolar no templo para preservar a sua santidade. O seu povo era um povo de lábios impuros, ao passo que ele, Isaías, já tivera os seus lábios purificados por Deus. Apesar disso, Isaías estava disposto a ir até o seu povo, correndo todos

os riscos, para viver em seu meio, anunciando a palavra de Deus.

Na verdade, é isso também o que Deus quer de nós. Vivemos numa sociedade imperfeita e pecadora. Somos justificados por Deus em Cristo Jesus. E somos chamados a viver em santificação no meio de nosso povo, contribuindo para que a justificação e a santificação ocorram também entre outras pessoas.

SANTIFICAÇÃO E LUTA

A Confissão de Fé de Westminster faz também referência ao fato de que a santificação não é um processo tranquilo, mas uma verdadeira luta:

“Essa santificação é no homem todo, porém imperfeita nesta vida; ainda persistem em todas as partes dele restos de corrupção, e daí nasce uma guerra contínua e irreconciliável – a carne lutando contra o espírito e o espírito contra a carne” (Capítulo 13, Parágrafo 2º).

Isto quer dizer que:

- a) Por mais que nós nos esforcemos nesta vida, nunca poderemos chegar à perfeição. Sempre seremos pecadores justificados por Deus em Cristo Jesus. Leia, sobre isso, o texto de Filipenses 3.12-16.
- b) Sempre passaremos por altos e baixos em nossa vida cristã. Ela não é uma vida pacífica, mas de muita luta. Nessa luta, estamos sujeitos às quedas. Leia, a respeito disso, os seguintes textos: Gálatas 5.16-16 e

1 Coríntios 10.7-13.

- c) A vida cristão deve ser uma vida de crescimento em meio à luta. É o que nos ensina Paulo no seu texto aos Efésios 4.7-16.

CONCLUSÃO

Este ensino apresenta um grande desafio. Ele nos diz que a justificação caminha com a santificação. Devemos reconhecer que temos ficado satisfeitos com a justificação e, muitas vezes, não temos buscado a santificação.

Ele nos ensina que a santificação é uma guerra, quando, na verdade, temos nos acomodado, procurando uma vida tranquila e sem oposição ao pecado. Ele nos afirma que a vida cristã deve ser uma vida de constante crescimento, quando, muitas vezes, não apresentamos nenhum desenvolvimento na nossa vida cristã.

Aí está o desafio! Cabe a nós aceitá-lo e vivermos vidas santificadas!

25

A ESPERANÇA CRISTÃ

"O que agora vemos é como uma imagem imperfeita num espelho embaçado, mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é imperfeito, mas depois conhecerei perfeitamente, assim como sou conhecido por Deus"

(1 Coríntios 13.12)

“A ESPERANÇA É UMA CORDA”

Você, certamente, já ouviu falar do faquir ou malabarista que faz uma certa mágica com uma corda. Não se sabe como, a corda começa a se elevar do chão, subindo sempre mais alto, sem que nada esteja a puxá-la para cima. Finalmente, a corda fica totalmente no sentido vertical. Para provar que ela está firme, presa no ar, o faquir ou malabarista termina subindo pela corda.

Foi exatamente pensando nesse tipo de coisa que um sociólogo afirmou que “a esperança é uma corda”.

O que é que ele quis dizer com isso? É fácil entender. A esperança é uma corda no sentido de que nós a lançamos para o futuro, sem que nada visível esteja a sustentá-la. Dessa forma, com a esperança, construímos uma ponte que nos permite transpor o presente. Com a esperança, podemos subir da realidade em que nos encontramos para outras realidades mais elevadas.

A comparação entre a esperança e a corda do faquir é importante. Ela nos mostra que a esperança tem um grande valor. Sem esperança, ninguém avança para o futuro. Sem esperança, ninguém se eleva para o alto. A esperança nos faz sonhar e também nos impulsiona para que os sonhos sejam transformados em realidade.

Diante disso, devemos perguntar: os cristãos têm esperança? Qual é a esperança cristã?

RECORDAR É VIVER

Estamos iniciando mais um capítulo sobre a Confissão de Fé de Westminster. É importante lembrar o que já estudamos:

- a) Deus e a criação;
- b) A queda e a salvação do ser humano;
- c) O Espírito Santo e a Igreja.

Agora, vamos caminhar mais um pouco, examinando o que a Confissão de Fé ensina sobre a esperança cristã.

A base para esse estudo está nos dois últimos capítulos da Confissão de Fé de Westminster e nos inúmeros textos bíblicos que eles nos indicam. Aqui, vamos fazer somente uma introdução geral ao assunto. Queremos destacar alguns pontos fundamentais para uma boa compreensão do conteúdo da esperança cristã.

É DESACONSELHÁVEL PRETENDER SABER A RESPEITO DO MOBILIÁRIO DO CÉU OU DA TEMPERATURA DO INFERNO

Quando tratamos da esperança cristã, devemos, antes de tudo, tomar muito cuidado a fim de permanecermos bastante humildes.

Ao escrever a sua primeira carta, João afirmou o seguinte: *“Meus queridos amigos, agora nós somos filhos de Deus, mas ainda não sabemos o que vamos ser. Porém*



sabemos isto: quando Cristo aparecer, ficaremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é realmente” (1 João 3.2).

Quando se despediu dos discípulos, Jesus foi interrogado sobre tempos e épocas, e respondeu: “*Não cabe a*

vocês saber a ocasião ou o dia que o Pai marcou pela sua própria autoridade” (Atos 1.7). E isso foi dito depois de Jesus já ter ensinado durante o seu ministério: “Quanto ao dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai” (Mateus 24.36; Marcos 13.32).

Outros textos bíblicos poderiam ser acrescentados. Esses, porém, são mais do que suficientes. Eles indicam que devemos ser humildes. Não podemos pretender saber tudo sobre o futuro. Ou, como afirmou um teólogo, “é desaconselhável que nós, cristãos, pretendamos saber tanto a respeito do mobiliário do céu como da temperatura do inferno; ou de quaisquer detalhes do Reino de Deus no qual a história de consumará”. Essa afirmação é importante! Se nem Jesus sabia tudo, tendo dito que certas coisas pertenciam ao Pai, por que é que deveríamos ter a pretensão de saber tudo?

Precisamos aceitar o que Paulo nos ensinou: “O que vemos agora é como uma imagem confusa num espelho, mas depois veremos face a face. Agora conheço somente em parte, mas depois conhecerei completamente, assim como sou conhecido por Deus” (1 Coríntios 13.12).

MUITAS VEZES, A LINGUAGEM DA BÍBLIA É SIMBÓLICA

O segundo ponto que destacamos é que devemos tomar muito cuidado com a linguagem bíblica quando assuntos referentes à esperança são tratados.

Ocorre que, muitas vezes, a linguagem bíblica é simbólica.

Observe, por exemplo, o seguinte exemplo. No Novo Testamento, o inferno é apresentado de duas maneiras:

- a) como um lugar de fogo (Mateus 18.8-9 e 25.41);
- b) como um lugar de trevas (Mateus 8.12 e 22.13).

Poderíamos perguntar: como é possível tal coisa? Se o inferno é um lugar de fogo, não pode ser um lugar de escuridão. Se é escuro, não pode ter fogo. É claro, portanto, que temos aqui uma linguagem simbólica.

Aliás, não poderia ser de outra maneira. A esperança cristã trata de coisas que estão muito acima de nossa capacidade de compreensão. Por isso, a Bíblia lança mão de uma linguagem simbólica, fazendo comparações com aquilo que conhecemos, a fim de que saibamos algumas coisas sobre o futuro.

Sendo simbólica a linguagem bíblica, precisamos tomar cuidado. Seria um grave erro interpretá-la ao pé da letra.

BÍBLIA NOS AJUDA A MELHOR COMPREENDER A BÍBLIA

A última observação que queremos fazer neste estudo é que, na própria Bíblia, existe um progresso no conhecimento do futuro.

Eis um exemplo disso: nas épocas mais recuadas da história, o povo judeu não sabia bem o que ocorre após a morte; havia uma ideia de que os mortos iam todos para um só lugar, onde ficavam dormindo e esquecidos de Deus para sempre; tal lugar era chamado de “sheol” ou “terra da escuridão e da sombra da morte” (leia: Salmos 88.10-12 e Jó 10.21-22).

Mais tarde, alguns textos bíblicos surgiram indicando a ressurreição dos mortos (Daniel 12.2). Mesmo assim, quando Jesus Cristo veio ao mundo, ainda havia uma grande confusão a respeito desse assunto. Tanto é que os fariseus e os saduceus discutiam muito sobre isso. Os fariseus aceitavam a doutrina da ressurreição; os saduceus, não (Mateus 22.23).

É claro que para nós, que já temos a Bíblia toda e que vivemos após a primeira vinda de Jesus Cristo, tais discussões estão ultrapassadas. O ensino de Jesus nos permite ter uma ideia mais clara a respeito do futuro. A própria ressurreição de Cristo nos esclarece sobre a nossa ressurreição (leia 1 Coríntios 15.1-58).

Fica, portanto, nítido que, na Bíblia, existe um progresso no conhecimento do futuro. Os que viveram em épocas mais recuadas sabiam menos do que os que viveram em épocas posteriores.

Qual é a importância disso? A partir dessa constatação, não temos o direito de ler qualquer texto bíblico e interpretá-lo sem procurar outros textos da própria Bíblia que tratam do mesmo assunto.

Além disso, precisamos ler cada texto, situando-o na sua época e comparando-o com outros textos. Fazendo isso, descobriremos que a Bíblia ajuda no estudo e compreensão da própria Bíblia.

CONCLUSÃO

Vamos começar um estudo sobre a esperança cristã. Ao longo dos três próximos capítulos, não podemos nos esquecer do que afirmamos:

- a) precisamos ser humildes, reconhecendo que não saberemos tudo;
- b) precisamos ser cuidadosos, sabendo que a linguagem bíblica é simbólica ao tratar do assunto;
- c) precisamos comparar os textos bíblicos, descobrindo que há neles uma progressão no seu pensamento.

Para terminar, uma última observação. Não devemos nunca utilizar o estudo do futuro para uma fuga do presente. Há muita gente que age dessa maneira. Nosso procedimento deve ser muito diferente. O estudo da esperança cristã deve nos remeter ao presente, a fim de que atuemos hoje como fiéis seguidores de Jesus Cristo.

26

A RESSURREIÇÃO DO CORPO

"Jesus afirmou: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (João 11.25)

NOSSAS CERIMÔNIAS FÚNEBRES

Você já participou de alguma cerimônia fúnebre em nossa Igreja? Essa não parece ser uma boa pergunta para começo de um texto. Seria preferível começar de uma forma mais amena ou mais alegre. Todavia, para o estudo de hoje é importante que você recorde o que acontece durante uma cerimônia fúnebre.

Em tais cerimônias, manifestam-se as nossas concepções a respeito da morte. Na hora de consolar a família, no momento da pregação, nos hinos cantados e nas orações feitas, ficam visíveis as ideias que temos na Igreja a respeito da morte.

Que concepções são essas? Quais as ideias mais comuns e difundidas em nosso meio? Poderíamos dizer que, de um modo geral, nossas concepções são as seguintes:

- a) Explora-se muito a ideia de que, neste mundo, existe muito sofrimento, cansaço e tristeza, ao mesmo tempo em que se afirma a existência de outra realidade melhor, no céu, com o Senhor, para todos os que têm fé em Jesus como Senhor e Salvador;
- b) Enfatiza-se que a morte é somente do corpo, pois a alma é imortal, o que significa dizer que a morte é vista como simples separação entre a alma e o corpo;
- c) Anuncia-se, com convicção, que, se a pessoa fa-

lecida era cristã, sua alma já está com Deus, numa situação bem melhor do que a dos que permanecem vivos;

- d) Apela-se para que todos os presentes depositem a sua fé em Jesus, para que, na hora da morte, as suas almas sejam salvas.

Confira essas afirmações com a realidade. Cremos que, de um modo geral, é isso o que acontece.

Diante dessa realidade, devemos perguntar: isso tudo é bíblico? Isso tudo encontra fundamento e apoio nas Escrituras?

O QUE DIZ A CONFISSÃO DE FÉ

Para nos ajudar a examinar essa questão, vamos utilizar a Confissão de Fé de Westminster. Ela trata desse assunto no capítulo 32, que diz o seguinte:

“Os corpos dos homens, depois da morte, convertem-se em pó e veem a corrupção; mas as suas almas (que nem morrem nem dormem), tendo uma substância imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus onde veem a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final. Além desses dois lugares destinados às almas separadas dos seus respectivos corpos, as Es-

***crituras não reconhecem nenhum outro lugar.
(Referências: Gênesis 3.19; Atos 13.36; Lucas
23.43; Eclesiastes 12.7; Apocalipse 7.4, 15; 2
Coríntios 5.1; Filipenses 1.23; Atos 3.21; Efésios
4.10; Romanos 8.23; Lucas 16.24-26.)***

Podemos perceber que as ideias e concepções que circulam em nosso meio sobre a morte estão mais ou menos de acordo com o que ensina a nossa Confissão de Fé. O texto da Confissão de Fé expressa as seguintes posições:

- a) o ser humano é formado de corpo e alma;
- b) a alma é imortal e o corpo é mortal;
- c) após a morte, as almas vão para o céu ou para o inferno;
- d) nesses lugares, as almas ficam aguardando o último dia, em que ocorrerá a ressurreição do corpo e, então, elas se juntarão aos seus corpos.

Todavia, como sempre temos afirmado, devemos lembrar que a nossa atitude não deve ser de aceitação passiva do texto da Confissão de Fé de Westminster. Nossa atitude deve ser outra. Devemos comparar o texto da Confissão de Fé com a Bíblia. Temos de verificar se o texto da Confissão de Fé não precisa ser modificado ou aperfeiçoado a partir do ensino bíblico.

No que diz respeito ao assunto que estamos tratando, as posições da Confissão de Fé de nossa Igreja apresentam algumas dificuldades:

- a) Na verdade, a morte não é levada muito a sério, pois é vista como sendo simplesmente a separação

entre a alma e o corpo.

- b) Sente-se que existe uma valorização maior da alma do que do corpo. A alma é entendida como coisa imortal. Após a morte do corpo, elas vão para Deus ou para o inferno.
- c) A ressurreição do corpo parece ser uma espécie de apêndice final, que não chega a ter grande importância nem muita razão de ser, visto que, após a morte, a alma do justo já vai para os céus.

A RESSURREIÇÃO DO CORPO

Diante de tudo isso, devemos fazer uma comparação entre as afirmações da Confissão de Fé e as colocações bíblicas. Vejamos, por exemplo, os seguintes textos:

João 11.25-26 – Esse texto trata da ressurreição. Nele, a morte é levada muito a sério. Aliás, a morte é levada tão a sério que chega a fazer com que Jesus Cristo chore (João 11.33-36). Além disso, diante da morte, Jesus se apresenta como aquele que vence a morte, através da ressurreição, não permitindo que os que nele creem morram eternamente. Em outras palavras, a vitória sobre a morte não ocorre por intermédio da imortalidade da alma, mas pela ressurreição do corpo.

Atos 2.31 e 17.18-32 – Como em vários outros textos do livro de Atos dos Apóstolos, esses textos mostram que a ressurreição ocupava um lugar central na pregação apostólica. A ressurreição não era um apêndice final e desnecessário. Era o ponto que mais chamava a atenção. É interessante observar que os gregos já criam, há muito tempo, na imortalidade da alma. Na verdade, os gregos

valorizavam a alma humana e desprezavam o corpo. Chegavam a considerar o corpo como uma prisão da alma. Exatamente por causa disso, os gregos não gostavam nem de ouvir falar a respeito da ressurreição do corpo. A ressurreição do corpo era considerada por eles como coisa negativa.

1 Coríntios 15.12-14 – Paulo mostra que a ressurreição de Jesus e a nossa ressurreição são elementos fundamentais da fé cristã. Alguns cristãos de Corinto não acreditavam na ressurreição do corpo. A orientação de Paulo mostra que, eliminando-se a doutrina da ressurreição, os cristãos “não têm nada para anunciar e nada para crer”.

1 Coríntios 15.52-57 – Nesse texto, fica muito claro que a vitória sobre a morte não ocorre por intermédio da imortalidade da alma, mas por meio da ressurreição do corpo.

CONCLUSÃO

Como afirmamos no capítulo anterior, devemos ser humildes para podermos reconhecer que nem tudo na Bíblia é claro e que nem todas as respostas são encontradas.

Mesmo assim, diante do que estudamos hoje, podemos chegar a algumas conclusões importantes para a nossa vida cristã:

A ressurreição do corpo é doutrina fundamental da fé cristã. Infelizmente, ela tem sido muito esquecida em nosso meio. Infelizmente, não temos utilizado a doutrina da ressurreição do corpo na esperança cristã. Está, portanto, na hora de redescobri-la e de valorizá-la. E a redescoberta da doutrina da ressurreição do corpo irá nos obrigar a reformular uma série de ideias e atitudes que temos tido



em relação ao corpo.

A ressurreição do corpo nos ensina que devemos valorizar o corpo assim como valorizamos a alma. Jesus Cristo veio para salvar o ser humano todo, isto é, não somente o seu corpo e nem somente a sua alma, mas a totalidade do seu ser. Isso está de acordo com a doutrina da criação. Foi Deus quem criou o corpo. Foi Deus quem criou todas as coisas materiais. Logo, a matéria não é má em si mesma. O corpo não representa um fardo ou uma prisão para a alma. Ao contrário, o corpo é dádiva de Deus. Por isso, haverá a ressurreição do corpo.

27

O ESTADO INTERMEDIÁRIO

"Não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu santo experimente a corrupção" (Atos 2.27)

LEMBRANDO O Credo APOSTÓLICO

Nos cultos em sua Igreja, é costume haver um momento de afirmação de fé, em que o Credo Apostólico é pronunciado em voz alta por todas as pessoas presentes?

Essa pergunta é pertinente porque nem todas as nossas Igrejas têm esse costume. Alguns crentes brasileiros chegam até a pensar que essa é uma prática somente da Igreja Católica Apostólica Romana. Na verdade, porém, essa é uma tradição antiga da Igreja Cristã.

Estamos mencionando isso só por uma razão: é que no Credo Apostólico, na parte referente a Jesus Cristo, temos as seguintes palavras:

“Creio em Jesus Cristo, seu filho unigênito, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu ao terceiro dia; subiu ao céu e está sentado à mão direita de Deus Pai, Todo-poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos”.

O que destacamos é que, após referir-se à morte de Jesus, o Credo Apostólico diz que ele desceu ao Hades.

Algumas versões do Credo omitem essa afirmação. No

entanto, ela é bíblica. No dia de Pentecostes, por exemplo, ao pregar à multidão que estava em Jerusalém, Pedro disse: *“Deus, porém, o ressuscitou, livrando-nos do poder do Hades. Não era mesmo possível que fosse retido em seu poder. Porque a respeito dele diz Davi: ‘...não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu santo experimente a corrupção’”* (Atos 2.24-27).

É verdade que as traduções que circulam em nosso meio não trazem a palavra Hades. Ela é substituída pela palavra morte. No entanto, a palavra Hades constitui-se na melhor tradução, visto que corresponde aos textos originais gregos.

Tudo isso coloca diante de nós a questão do estado intermediário. É essa questão que estudaremos aqui.

O ESTADO INTERMEDIÁRIO

Nós, os protestantes, não gostamos muito de falar a respeito do estado intermediário. Parece-nos que tal assunto pertence somente aos católicos romanos. Por isso, antes de mais nada, devemos esclarecer bem as coisas.

Voltemos ao capítulo anterior. Ficou claro que precisamos redescobrir a doutrina da ressurreição do corpo. Ela está meio esquecida em nosso meio, apesar de fazer parte fundamental da proclamação apostólica e do ensino bíblico.

É exatamente a partir da afirmação da importância da doutrina da ressurreição do corpo que se coloca a questão do estado intermediário. Estado intermediário quer dizer precisamente isso: um estado provisório, uma situação de passagem entre uma realidade e outra.



Nós cremos, como cristãos, na ressurreição do corpo para a vida eterna. Foi a crença na ressurreição do corpo que Jesus usou para consolar a família de Lázaro, que lamentava a sua morte (João 11.25-26). É essa esperança que é fundamental para os seguidores de Jesus Cristo, como afirmou o apóstolo Paulo:

“Se Cristo não ressuscitou, não temos nada para anunciar, e vocês não têm nada para crer. E mais ainda: nesse caso estaríamos mentindo contra Deus, porque temos afirmado que Ele ressuscitou Cristo. E, se é verdade que os mortos não ressuscitam, então Deus não ressuscitou Cristo. Porque, se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, a fé que vocês têm não vale nada, e vocês continuam perdidos nos seus próprios pecados. Se é assim, os que morreram crendo em Cristo estão perdidos. Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, somos as pessoas mais infelizes deste mundo” (1 Coríntios 15.14-19).

A partir daí, está colocado o problema do estado intermediário. No estado intermediário estão todos aqueles que já morreram e aguardam a ressurreição do corpo. Chama-se estado intermediário porque a esperança final é a ressurreição do corpo e não somente a salvação da alma.

O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE ESSE ASSUNTO

A Bíblia emprega duas palavras para se referir ao estado intermediário: a palavra hebraica Sheol, no Antigo Testamento, e a palavra grega Hades, no Novo Testamento.

No texto de Números 16.28-35, há uma narrativa que mostra como os judeus entendiam o Sheol. O Sheol seria

um lugar subterrâneo, entendido como o mundo dos mortos. Esse mesmo lugar é mencionado nos seguintes textos do Antigo Testamento: Salmo 16.10, 49.15-16, 139.8; Ezequiel 31.15-17; Amós 9.2; Jó 26.6; etc.

No Novo Testamento, o mundo dos mortos é chamado Hades. Confira nos seguintes textos: Atos 2.24-27; Apocalipse 20.13-15. (Lembramos que as nossas traduções não costumam usar a palavra Hades. Algumas vezes empregam a palavra morte; outras vezes, a palavra inferno.)

Ora, esse mundo dos mortos é apresentado na Bíblia como um lugar de felicidade para os salvos e como um lugar de sofrimento para os perdidos. Quando foi crucificado, Jesus prometeu a um dos ladrões: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23.43). Quando escreveu aos filipenses, Paulo manifestou uma indecisão entre o desejo de morrer para estar com Cristo e o desejo de continuar vivo para desenvolver o seu ministério (Filipenses 1.21-26). Na parábola do rico e Lázaro, Jesus fez referência ao consolo de Lázaro e aos tormentos do rico, após a morte de ambos (Lucas 16.19-31).

Outros textos poderiam ser acrescentados. Acreditamos, porém, que esses são suficientes para concluirmos que o estado intermediário é de felicidade e bem-aventurança para os salvos, e de sofrimento e tormento para os ímpios. Trata-se, porém, de um estado intermediário porque é uma situação de expectativa. Todos estão aguardando a ressurreição do corpo e o juízo final.

O QUE DIZ A CONFISSÃO DE FÉ SOBRE ESSE ASSUNTO

Antes de concluirmos, é importante focalizar o que a nossa Confissão de Fé tem a dizer sobre o estado intermediário. No seu capítulo 32, temos as seguintes palavras:

“As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus, onde veem a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final. Além desses dois lugares destinados às almas separadas dos seus respectivos corpos, as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar”.

De acordo com o texto da Confissão, percebemos o seguinte:

- a) A Confissão de Fé preocupa-se em enfatizar a doutrina da imortalidade da alma e, conseqüentemente, em enfatizar que, logo após a morte, ela vai para o céu ou para o inferno;
- b) A Confissão de Fé preocupa-se em combater a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana que reconhece a existência do purgatório como lugar de aperfeiçoamento daqueles que morrem na graça de Deus;
- c) A Confissão de Fé não se preocupa muito com a

doutrina da ressurreição do corpo e, consequentemente, não deu maior atenção ao estudo do estado intermediário.

CONCLUSÃO

um comentarista de nossa Confissão de Fé escreveu o seguinte: *“O foco da esperança cristã, segundo o Novo Testamento, está no fim do mundo, ao qual acompanham a vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a disposição final do gênero humano”*.

Diante dessa colocação, devemos perguntar: será que a nossa esperança segue o padrão do Novo Testamento? Será que a nossa esperança também se volta para o retorno de Cristo, a ressurreição do corpo e o juízo final?

Acreditamos que tem havido um desvio. Temos enfatizado demais a imortalidade da alma. Temos enfatizado demais que a alma vai para o céu ou para o inferno logo após a morte. Dessa maneira, a volta de Cristo, a ressurreição do corpo e o juízo final perderam grande parte de seu sentido e de sua importância.

Precisamos redescobrir e recuperar a perspectiva bíblica. É nesse sentido que estudamos aqui o estado intermediário. Esperamos que, com esse estudo, possamos valorizar muito mais a doutrina da ressurreição do corpo, a doutrina da volta de Cristo e a doutrina do juízo final.

28

O JUÍZO FINAL

"Todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas" (Mateus 25.32)

UM ASSUNTO QUE CAUSA MEDO

Você certamente já participou de algum culto em que o sermão tratou do juízo final. Tal tipo de sermão é feito, com frequência, em cultos de evangelização. Pois bem, queremos formular a você a seguinte pergunta: qual foi a sua impressão? Qual o resultado desse tipo de pregação?

Normalmente, quando um pregador faz esse tipo de sermão, sua intenção é a de fazer com que as pessoas se decidam por Jesus Cristo. Dessa maneira, ao apresentar o juízo final, o pregador se preocupa em descrevê-lo com cores bastante carregadas. No final do sermão, os ouvintes devem ficar apavorados. Será mais fácil assim convencê-los a aceitarem a Jesus como salvador, para que não sejam remetidos ao inferno eternamente.

Na verdade, o tema “Juízo Final” não é um tema agradável. Causa-nos medo! Provoca em nós tristeza pelo fim de todas as coisas deste mundo. Além disso, reconhecemos que ninguém gosta de ser julgado, pesado e avaliado.

Por isso, devemos perguntar: é essa a perspectiva bíblica? O juízo final existe para nos fazer ficar com medo? Deus usa o juízo final para ficarmos submissos a Ele por causa do temor do castigo?

Para responder a tais perguntas, vejamos o que a Bíblia e a nossa Confissão de Fé têm a dizer sobre esse assunto.

O CRITÉRIO DO JULGAMENTO

A Confissão de Fé de Westminster estabelece que:

“Deus já determinou um dia em que, segundo a justiça, há de julgar o mundo por Jesus Cristo, a quem foram pelo Pai entregues o poder e o juízo. Nesse dia não somente serão julgados os anjos apóstatas, mas também todas as pessoas que tiverem vivido sobre a terra comparecerão ante o tribunal de Cristo, a fim de darem conta dos seus pensamentos, palavras e obras, e receberão o galardão segundo o que tiverem feito, bom ou mau, estando no corpo” (Capítulo 25, parágrafo 1º).

Podemos perceber, como disse um estudioso, que a *“Confissão reflete fielmente a maneira como influíram sobre o pensamento cristão as descrições que o Novo Testamento usa para apresentar esse aspecto do evangelho, e em especial a figura do grande tribunal de Mateus 25, ante o qual, reunida a raça humana inteira, comparece, por assim dizer, para escutar dos lábios do juiz a sentença que corresponde a cada um”*.

O texto da Confissão e o texto de Mateus 25 fazem referência expressa ao critério do julgamento, dizendo que serão levados em consideração os “pensamentos, palavras e obras”.

Contudo, não devemos interpretar essa referência isoladamente. Não podemos concluir, a partir dela, que o julgamento final será com base tão somente nos méritos pessoais.

Precisamos recordar que, na perspectiva cristã, as obras são manifestações da fé. E são muitos os textos bíblicos que estabelecem a fé em Jesus Cristo como o critério para a salvação. (Leia, por exemplo, os seguintes: João 1.12-13; 3.16-21; 5.24-28; Romanos 3.21-31; 5.1-2; 7.15-25.)

Portanto, o critério do juízo final será a fé em Jesus Cristo. Os que creram serão salvos e os que não creram serão condenados. Todavia, o ensino bíblico é que a fé frutifica em boas obras. Sem elas, a fé está morta (Tiago 2.14-26).

A FINALIDADE DO JULGAMENTO

A Confissão de Fé explica esse ponto da seguinte maneira:

“O fim que Deus tem em vista, determinando esse dia, é manifestar a sua glória – a glória da sua misericórdia na salvação dos eleitos e a glória da sua justiça na condenação dos réprobos, que são injustos e desobedientes. Os justos irão para a vida eterna e receberão aquela plenitude de gozo e alegria procedente da presença do Senhor; mas os ímpios, que não conhecem a Deus nem obedecem ao evangelho de Jesus Cristo, serão lançados nos eternos tormentos e punidos com a destruição eterna proveniente da presença do Senhor e da glória do seu poder” (Capítulo 33, parágrafo 2º).

Entendemos por aí que o julgamento final terá como propósito a manifestação da glória de Deus e o restabelecimento da ordem divina.

Isso quer dizer que, na situação atual do mundo, há uma grande desordem em todas as coisas criadas. Tal desordem é resultado da presença do pecado no mundo.

Através do julgamento, Deus separará os perdidos dos salvos, como o joio é separado do trigo. Foi isso exatamente o que Jesus Cristo ensinou na parábola registrada no evangelho de Mateus 13.24-30 e 36-43.

Isso nos leva a concluir que a finalidade do julgamento final será, acima de tudo, restabelecer a ordem da criação segundo a vontade de Deus. Tal ordem da criação é aquela apresentada no livro do Gênesis, em seu primeiro capítulo, quando Deus criou todas as coisas e “viu que tudo era muito bom”.

Em outras palavras, o julgamento final não ocorrerá simplesmente para punir e castigar, destruir e arruinar, mas para estabelecer um reino de paz e de justiça que nunca terá fim.

Nesse sentido, o julgamento final deve servir para alimento de nossa esperança. O nosso mundo não se apresenta repleto de desgraças, misérias, injustiças, corrupção e violência? Tal situação não nos aborrece e não nos inquieta? Contudo, o fato de crermos que virá um juízo final nos faz ter a esperança de que a situação que enfrentamos não prevalecerá para sempre. Um dia, Deus julgará os vivos e os mortos e estabelecerá definitivamente o seu reino.

A RAZÃO DE SER DA DOCTRINA DO JUÍZO FINAL

O último parágrafo da nossa Confissão de Fé diz assim:

“Assim como Cristo, para afastar os homens do pecado e para maior consolação dos justos nas suas adversidades, quer que estejamos firmemente convencidos de que haverá um dia de juízo, assim também quer que esse dia não seja conhecido dos homens, a fim de que eles se despojem de toda confiança carnal, sejam sempre vigilantes, não sabendo a que hora virá o Senhor, e estejam prontos para dizer: ‘Vem logo, Senhor Jesus!’” (Capítulo 33, parágrafo 3º).

Devemos entender aqui duas coisas:

- a) em primeiro lugar, a doutrina do juízo final, segundo a Confissão, serve para afastar o ser humano do pecado e para o consolo dos justos nos problemas que enfrentam;
- b) em segundo lugar, a ignorância do dia do juízo final, segundo a Confissão, serve para que os cristãos permaneçam sempre vigilantes e sempre ansiosos pela vida do Senhor.

Tudo isso está de acordo com os seguintes textos bíblicos, que deixamos para você conferir: Lucas 21.27-28; Mateus 24.31-44; Lucas 12.35-48; Apocalipse 22.18-20.



CONCLUSÃO

Neste capítulo, vimos que:

- a) o julgamento final será com base na nossa fé manifestada através de nossas obras;
- b) o julgamento final restabelecerá a ordem de Deus na criação;
- c) o julgamento final serve para nos confortar e nos deixar em estado de expectativa. A partir desses três pontos, devemos concluir que a doutrina do juízo final não deve ser explorada para provocar medo ou tristeza, nem deve ser usada para ameaçar. Ao contrário, o juízo final é um ponto de nossa doutrina que alimenta a nossa esperança e a nossa alegria.

29

CULTO: ADORAÇÃO OU ESPETÁCULO?

"Por causa da grande misericórdia divina, peço que vocês se ofereçam a Deus completamente, como sacrifício vivo, dedicado ao seu serviço, e agradável a ele. Esta é a verdadeira adoração que vocês devem oferecer" (Romanos 12.1)

O CULTO TEM PASSADO POR MUDANÇAS

Uma coisa clara para as pessoas que frequentam a Igreja há vários anos é que o culto tem passado por grandes e profundas mudanças. Antigamente, o culto tinha como centro o sermão pregado pelo pastor. O sermão durava de quarenta a cinquenta minutos. A maior parte das Igrejas tinha corais. O instrumento musical era o harmônio e, em seu lugar mais tarde, foi colocado o órgão eletrônico. A Igreja participava cantando hinos do hinário “Salmos e Hinos” e fazendo uma leitura bíblica alternada.

Atualmente, o culto está ficando diferente. O sermão deixou de ter tanta importância quanto antes. Muitas Igrejas já não possuem conjuntos corais. No lugar do órgão está o teclado, ao lado de guitarras e bateria. A Igreja canta os chamados “corinhos”. No lugar do hinário, são usadas transparências que colocam as letras dos cânticos na parede do templo. E o chamado “louvor” consome boa parte do culto, entremeado por pequenas mensagens transmitidas por jovens que lideram a Igreja nos cânticos.

Apontamos somente algumas das muitas mudanças que têm ocorrido nos cultos. A conclusão evidente é que o culto, realmente, tem mudado muito.

Isso provoca reflexão e discussão. Muitos não gostam das inovações. Outros gostam das novidades. Os pasto-

res, responsáveis pela liturgia, sentem dificuldades para agradar a todos.

Diante dessa realidade, precisamos examinar o que a Bíblia e a Confissão de Fé de Westminster ensinam a respeito do culto.

RECORDAR É VIVER

Com este capítulo, estamos iniciando mais uma etapa de estudos com base na Confissão de Fé de Westminster. Nós já estudamos os seguintes assuntos:

- a) Deus e a criação;
- b) A queda do ser humano e a salvação em Jesus Cristo;
- c) O Espírito Santo e a Igreja;
- d) A esperança cristã.

A partir daqui, vamos abordar os seguintes tópicos:

- a) O culto cristão;
- b) Os sacramentos;
- c) A organização da Igreja.

Para tratar do culto cristão, utilizaremos o capítulo 21 da Confissão de Fé de Westminster e os textos bíblicos indicados.

A QUEM PRESTAMOS O CULTO?

Esta é a primeira pergunta que devemos responder, quando pensamos na realização do culto.

A Confissão de Fé de Westminster diz o seguinte:

“A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força...” (Capítulo 21, Parágrafo 1º).

O que a Confissão de Fé está afirmando é que, observando a natureza, vendo todas as coisas que foram criadas, o ser humano chega à conclusão de que há um só Deus, que domina sobre todas as coisas e que, por isso, deve receber o nosso culto.

Ao fazer esse tipo de afirmação, a Confissão de Fé está de acordo com os textos bíblicos como, por exemplo, o Salmo 19, que diz: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos”. Ou ainda o Salmo 8, cujas palavras são as seguintes: “Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade”.

Todavia, nós devemos questionar a nossa Confissão de Fé: será que prestamos culto a Deus somente porque, observando a criação, concluímos que Deus domina sobre todas as coisas?

A Bíblia é muito clara ao ensinar que, por causa do pecado, o ser humano está tão corrompido que não consegue buscar a Deus por si mesmo. Em outras palavras, podemos dizer que o pecado faz com que o ser humano se torne cego, a ponto de não perceber o poder de Deus que se manifesta nas coisas criadas.

É exatamente isso o que nos diz o texto de Romanos

3.9-12: “Como dizem as Escrituras Sagradas: Não há ninguém justo, nenhum que entenda; não há quem busque a Deus. Todos andam afastados de Deus, todos se perderam. Não há ninguém que faça o bem, ninguém mesmo”.

Além disso, a Bíblia ensina que, apesar de não buscarmos a Deus, Ele nos buscou em primeiro lugar, na pessoa de Jesus Cristo. Não fomos nós que tomamos a iniciativa de um encontro com Deus. Ao contrário, foi Deus quem nos buscou, quando não nos lembrávamos dele.

É isso o que ensina o texto de Romanos 5.8 e 10: “*Mas Deus nos mostrou o quanto nos ama: quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós... Éramos inimigos de Deus, mas Ele nos fez seus amigos por meio da morte do seu Filho*”.

À vista disso tudo, chegamos à conclusão de que o nosso culto deve ser prestado somente a Deus não porque “a luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo”, como diz a Confissão de Fé. Na verdade, devemos prestar culto a Deus por causa do seu amor por nós, manifesto em Jesus Cristo, o nosso Senhor. Aliás, foi exatamente isso o que Paulo nos ensinou, quando escreveu: “*Portanto, meus irmãos, por causa da grande misericórdia divina, peço que vocês se ofereçam completamente a Deus... Esta é a verdadeira adoração que vocês devem oferecer*” (Romanos 12.1).

Devemos, pois, prestar o nosso culto somente a Deus. Ele nos ama. Ele manifesta o seu amor na pessoa de Jesus. Nenhum outro ser e nenhuma outra coisa devem ser objeto da nossa adoração.

A partir daí, devemos afirmar também que não devemos

fazer o culto de acordo com os nossos próprios desejos. O culto não é feito para agradar a nós mesmos ou a quem quer que seja. O culto é prestado a Deus e precisa agradar a Deus.

É isso o que a Confissão de Fé ensina, quando diz:

“...o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações ou invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras” (Capítulo 21, parágrafo 1º).

Tudo isso quer dizer que devemos buscar na Bíblia a orientação a respeito do “modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus”. Não podemos manter formas tradicionais de culto só porque elas nos agradam. Também não podemos inovar só por gostarmos de novidades. A nossa obrigação é a de buscar orientação bíblica, para que o nosso culto seja realmente agradável a Deus.

AS VÁRIAS PARTES DO CULTO

A Confissão de Fé de Westminster, com base na Bíblia, procura também dar uma orientação sobre as várias partes que integram o culto. Vamos examiná-las rapidamente:

1. A ORAÇÃO

“A oração com ações de graças, sendo uma parte especial do culto religioso, é por Deus

exigida de todos os homens; e, para que seja aceita, deve ser feita em nome do Filho, pelo auxílio do seu Espírito, segundo a sua vontade, e isto com inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança. Se for vocal, deve ser proferida em uma língua conhecida dos circunstantes. A oração deve ser feita por coisas lícitas e por todas as classes de homens que existem atualmente ou que existirão no futuro, mas não pelos mortos, nem por aqueles que se saiba terem cometido o pecado para a morte” (Capítulo 21, Parágrafos 3º e 4º).

Chamamos a atenção para os seguintes aspectos que aparecem nesse texto da Confissão:

- a) A oração deve ser feita com ações de graças – É esse o ensino bíblico: “Não se preocupem com nada, mas em todas as orações peçam a Deus o que vocês precisam e sempre orem com o coração agradecido” (Filipenses 4.6).
- b) A oração deve ser feita de forma inteligente e inteligível – Isso está de acordo com a orientação do apóstolo Paulo: “Porque, se eu orar em língua estranha, meu espírito de fato ora, mas minha inteligência não toma parte nisso. Que farei então? Vou orar com o meu espírito, mas também com a minha inteligência; vou cantar com o meu espírito, mas também com a minha inteligência... Nas reuniões da Igreja, prefiro falar cinco palavras que possam ser entendidas, para ensinar também os outros, a falar milhares de palavras em línguas estranhas” (1 Coríntios 14.14-15 e 19).



2. A LEITURA, A PREGAÇÃO, OS CÂNTICOS E OS SACRAMENTOS

“A leitura das Escrituras, com o temor divino, a sã pregação das palavras e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé, e reverência; o cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo - são partes do ordinário culto a Deus, além dos juramentos religiosos, votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais...” (Capítulo 21, Parágrafo 5º).

Chamamos a atenção para os seguintes aspectos;

- a) A leitura bíblica e a pregação merecem todo o cuidado tanto por parte de quem as faz como de quem as ouve – Este é o ensino bíblico: “Procure dedicar-se à leitura em público das Escrituras Sagradas, à pregação do evangelho e ao ensino cristão. Não se descuide do dom que você tem...” (1 Timóteo 4.13 e 14); “Você mesmo deve ser, em tudo, exemplo de boas ações. Seja sincero e sério em seu ensino” (Tito 2.7).
- b) Os cânticos e os sacramentos fazem parte ordinária do culto, além do, que podem existir outros elementos para necessidades especiais da vida da Igreja (juramentos religiosos, votos, jejuns, etc.).

3. O LOCAL DA ADORAÇÃO

De acordo com a Confissão de Fé, o culto não precisa acontecer somente em um templo. Na verdade, Deus

deve ser adorado em todo lugar, em espírito e verdade (Capítulo 21, Parágrafo 6º).

4. O DIA DA ADORAÇÃO

O ensino da Confissão de Fé é o de que o dia reservado ao culto a Deus é o primeiro dia da semana, por ter sido nesse dia que aconteceu a ressurreição do Senhor.

CONCLUSÃO

Nós participamos de muitos cultos. Em geral, depois de cada culto, as pessoas fazem suas avaliações. Dizem ou simplesmente pensam que o culto foi bom ou não. Dizem ou simplesmente pensam que o culto agradou ou desagradou.

Na maior parte das vezes, quando agimos assim, fazemos o culto girar ao redor de nossa própria pessoa. Avaliamos os cultos de acordo com nossos gostos, conveniências ou caprichos.

Este estudo é um desafio para que modifiquemos tal tipo de comportamento. O culto é prestado a Deus. Portanto, tudo deve ser feito para agradar somente a Deus.

30

MISTÉRIOS NUM MUNDO SEM MISTÉRIOS

"Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria! Quem pode explicar as suas decisões?" (Romanos 11.33)

O QUE SÃO MISTÉRIOS?

Você acredita em mágicos?

Essa pergunta é aparentemente absurda. No mundo de hoje, não existe mais lugar para a crença em mágicos ou em magia. Desde o início dos tempos modernos, nós só confiamos na razão e nas explicações racionais para todas as coisas. Foi-se o tempo em que o ser humano acreditava em coisas misteriosas. Foi-se o tempo em que se pensava que forças sobrenaturais manipulavam o universo.

Hoje em dia, de vez em quando, nos circos e nos espetáculos de televisão, os mágicos continuam a aparecer. Eles continuam a encantar, principalmente as crianças. No entanto, ninguém acredita nas suas mágicas. Todos nós sabemos que tudo o que os mágicos fazem não passa de truque. Para tudo o que eles realizam, acreditamos que existe uma explicação lógica.

Estamos fazendo essas afirmações para que possamos enxergar bem como a razão é valorizada em nosso mundo. Nós sempre buscamos explicações lógicas para as coisas que acontecem! Nós acreditamos que tudo pode ser racionalmente entendido! Não há nada sem uma explicação! Não há nada que não possa ser desvendado e compreendido pela mente humana!

Dessa maneira, não existe mais espaço para o mistério.

Quando falamos de coisas misteriosas, não pensamos em algo que não pode ser explicado, mas em algo que ainda não foi explicado.

Compare esta nossa situação com a situação das pessoas que viveram séculos atrás. Leia, por exemplo, o Salmo 19. O autor deste salmo revela que estava deslumbrado com o movimento do sol, que nascia numa extremidade da terra e morria na outra extremidade. Misteriosamente, no dia seguinte, o sol tornava a nascer no mesmo lugar. Naquela época, não havia explicação lógica para algo tão simples como o nascer do sol. Hoje, no entanto, qualquer criança sabe explicar os movimentos da terra que dão origem aos dias, noites e estações do ano.

Estamos fazendo referência a tudo isso para introduzir nosso tema. Vamos analisar o Capítulo 27 da Confissão de Fé de Westminster, que trata dos sacramentos.

Todos nós estamos habituados à palavra sacramento. Ao ouvirmos a palavra sacramento, automaticamente pensamos no batismo e na santa ceia. Todavia, queremos chamar a atenção para o significado do termo sacramento. A verdade é que o termo “sacramento” corresponde à tradução do termo grego “mistério”. Os “sacramentos” são “mistérios”. Mas como podemos falar em “sacramentos” num mundo em que não existe mais espaço para os “mistérios”?

SACRAMENTOS SÃO MISTÉRIOS

A Confissão de Fé fornece uma definição para a palavra sacramento. Diz ela:

“Os sacramentos são santos sinais e selos do pacto da graça, imediatamente instituídos por Deus para representar Cristo e os seus benefícios e confirmar o nosso interesse nele, bem como para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à Igreja e o resto do mundo, e solenemente obrigá-los ao serviço de Deus em Cristo, segundo a sua palavra” (Capítulo 27, Parágrafo 1º).

Ao lermos o texto da Confissão de Fé, podemos entender porque sacramento é mistério.

Em primeiro lugar, sacramento é mistério porque é um “sinal”. Isto quer dizer que o sacramento não é palavra. Ou, dizendo de outra maneira, o sacramento não pode ser transformado num discurso ou numa pregação. O sacramento é um sinal e está além das palavras.

Eis aí algo de fundamental importância! Tudo o que podemos explicar nós colocamos em palavras. As nossas palavras capturam tudo o que a nossa razão consegue alcançar. Sendo sinal, o sacramento não pode ser capturado pelas palavras. Sendo sinal, está além da nossa capacidade de compreensão.

Em segundo lugar, o sacramento é mistério porque é um sinal da “graça” de Deus. E a graça de Deus é inexplicável. Por que Deus nos ama? Por que Deus veio ao mundo, na pessoa de Jesus, para sofrer e morrer por nós? Existe alguma explicação para isso? Deus nos amou porque nós tomamos a iniciativa de buscar a sua presença?

Na verdade, o amor de Deus não tem explicações. Foi



isso o que Paulo afirmou quando escreveu aos cristãos da cidade de Roma: “Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria! Quem pode explicar as suas decisões? Quem pode entender os seus planos?” (Romanos 11.33).

Precisamos redescobrir que sacramento é mistério. A verdade é que nos preocupamos demais em explicá-los racionalmente. Com isso, acabamos esquecendo que eles são “mistérios”, isto é, eles são sinais e não palavras, que nos fazem ver o inexplicável amor de Deus por nós.

SACRAMENTO E PROMESSA

Continuando a tratar dos sacramentos, a Confissão de Fé afirma:

“Em todo o sacramento há uma relação espiritual ou união sacramental entre o sinal e a coisa significada, e por isso os nomes e efeitos de um são atribuídos ao outro” (Capítulo 27, Parágrafo 2º).

Esta afirmação está de acordo com o ensino de Jesus Cristo. Na instituição da santa ceia, por exemplo, Jesus tomou o pão e disse: “Isto é o meu corpo”. Depois, ele tomou também o vinho e afirmou: “Isto é o meu sangue”.

Poderíamos perguntar: a afirmação de Jesus é lógica? O que Jesus disse é racional?

Na verdade, antes de estabelecer a santa ceia, Jesus pregou que era preciso comer a sua carne e beber o seu sangue para herdar a vida eterna. E o evangelho de João diz que os discípulos comentaram: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6.60). Depois, o texto bíblico acrescenta: “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram, e já não andavam com ele” (João 6.66).

Na verdade, comer um pedaço de pão e dizer que é o corpo do Senhor não é algo lógico. E a Confissão de Fé diz que a relação entre uma coisa e outra é uma relação espiritual. Devemos entender que tudo isso é um mistério, um grande mistério da graça de Deus.

Além disso, a Confissão de Fé acrescenta:

“A graça significada nos sacramentos ou por



meio deles, quando devidamente usados, não é conferida por qualquer poder neles existentes, nem a eficácia deles depende da piedade ou intenção de quem os administra, mas da obra do Espírito e da palavra da instituição, a qual, juntamente com o preceito que autoriza o uso deles, contém uma promessa de benefício aos que dignamente o recebem” (Capítulo 27, Parágrafo 3º).

Esse texto serve para explicar como os sacramentos funcionam. Não há nenhuma lógica em afirmar que somos

lavados de nossos pecados pela água do batismo ou que somos alimentados em Cristo pelo pão e pelo vinho da santa ceia. Mas a verdade é que os sacramentos funcionam. E eles funcionam porque foram estabelecidos pelo Senhor Jesus Cristo e porque o Espírito Santo atua através deles. Eles funcionam porque existem promessas divinas para todos aqueles que os recebem com fé.

CONCLUSÃO

Observando as nossas Igrejas, notamos que ainda hoje elas conservam o hábito de realizar os sacramentos. Não sabemos de nenhuma Igreja que tenha abolido os sacramentos.

Aparentemente, portanto, as nossas Igrejas continuam a valorizar os sacramentos. Devemos, contudo, adotar uma perspectiva crítica: será que estamos valorizando os sacramentos realmente? Ou será que os sacramentos têm sido celebrados como simples hábitos ou tradição, que poderiam perfeitamente ser abolidos, sem prejuízos maiores para a Igreja?

Eis aí algo que merece a nossa discussão e o nosso estudo. Acreditamos firmemente que, somente na medida em que redescobriremos a importância do mistério, poderemos reconhecer o valor e a importância dos sacramentos.

31

QUAIS SÃO OS NOSSOS SACRAMENTOS?

**"Cada vez que vocês comem deste pão e bebem deste cálice,
anunciam a morte do Senhor, até que ele venha"
(1 Coríntios 11.26)**



SÓ TEMOS DOIS SACRAMENTOS

Você sabe dizer quais são os nossos sacramentos?

Perguntando de outra maneira, você é capaz de dizer o que a nossa Igreja reconhece como sacramento?

Há uma grande confusão a respeito desse assunto. Nós vivemos num país em que a maioria da população é católica e a Igreja Católica Apostólica Romana tem uma posição diferente da nossa Igreja a respeito dos sacramentos. Com isso, nem sempre fica muito claro qual é a nossa posição a respeito desse assunto.

Para complicar ainda mais as coisas, temos de reconhecer que, na prática, nós valorizamos muito certas cerimônias que acontecem na vida da Igreja, de tal maneira que essas cerimônias passam a ser vistas como sacramentos. Vejamos alguns exemplos;

1) CERIMÔNIAS DE CASAMENTO

Naturalmente, por inúmeras razões, as cerimônias de casamento chamam muito a atenção de todos. Nas cerimônias de casamento, as Igrejas ficam em festa, há participação de conjuntos corais e os pastores fazem tudo o que podem para que a celebração marque a vida dos noivos. Dessa maneira, a cerimônia de casamento adqui-

re tanta importância que é tida como um sacramento. Prova disso é que muitos conselhos e pastores adotam regulamentos com muitas exigências para a realização de cerimônias de casamento.

No entanto, temos de reconhecer que, na verdade, a igreja não “faz” o casamento de ninguém, como se costuma dizer. No nosso país, as pessoas se casam perante o magistrado civil. Quando um casal vem ao templo para uma cerimônia religiosa de casamento, de fato o casamento já foi realizado.

Toda a cerimônia que acontece no templo é um culto, no qual se roga a Deus que abençoe o casamento que já foi efetivado. Portanto, a cerimônia de casamento não é um sacramento.

2) OFÍCIOS FÚNEBRES

Os ofícios fúnebres chamam a atenção. É um momento de muita tristeza e de muita emoção. Quando alguém falece, o templo fica cheio. Em muitos ofícios fúnebres, hinos são cantados, vários pastores comparecem e um ritual é cumprido. Dada a importância do acontecimento, fica a dúvida: o ofício fúnebre é um sacramento?

Na realidade, também o ofício fúnebre é um culto a Deus, no qual se agradece ao Senhor pela vida da pessoa falecida e no qual se ora a Deus para que conforte os corações enlutados. Portanto, os ofícios fúnebres não são sacramentos.

Voltamos, então, à pergunta que fizemos no início: você sabe quais são os nossos sacramentos?

A Confissão de Fé de Westminster afirma o seguinte:

“Há só dois sacramentos ordenados por Cristo,

nosso Senhor, no evangelho - o batismo e a santa ceia; nenhum destes sacramentos deve ser administrado senão pelos ministros da palavra legalmente ordenados” (Capítulo 27, Parágrafo 4º)

Nesse texto, duas coisas merecem ser observadas atentamente:

- a) Em primeiro lugar, a posição da nossa Confissão de Fé é a de que só existem dois sacramentos. É este um dos pontos de divergência entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a nossa Igreja. A Igreja Romana mantém sete sacramentos: batismo, confirmação, penitência, ordenação sacerdotal, eucaristia, matrimônio e extrema unção. A nossa Igreja sustenta que só existem dois sacramentos: batismo e santa ceia.
- b) Em segundo lugar, a posição de nossa Confissão de Fé é a de que os sacramentos são “ordenados por Cristo, nosso Senhor, no evangelho”. Na verdade, este é o critério básico usado para se definir e se estabelecer quais são os sacramentos. Aliás, como já vimos no capítulo anterior, a própria Confissão acrescenta que os sacramentos são

“santos sinais, instituídos por Deus para representar Cristo e os seus benefícios e confirmar o nosso interesse nele” (Capítulo 27, Parágrafo 1º).

Por isso tudo é que só aceitamos o batismo e a santa ceia como os únicos sacramentos. Somente eles foram ordenados por Jesus Cristo. Somente eles foram institu-

idos por Deus. Somente eles representam Cristo e seus benefícios. Somente através deles “confirmamos o nosso interesse nele”, como diz a Confissão.

O BATISMO

A respeito do batismo, destacamos os seguintes pontos:

1) O SIGNIFICADO DO BATISMO

A Confissão de Fé ensina que o batismo é um sacramento usado

“não só para solenemente admitir na Igreja a pessoa batizada, mas também para servi-lhe de sinal e de selo do pacto da graça, de sua união com Cristo, da regeneração, da remissão dos pecados e também da sua consagração a Deus por Jesus Cristo, a fim de andar em novidade de vida” (Capítulo 28, Parágrafo 1º).

Podemos afirmar a partir daí que o batismo representa a entrada do ser humano na nova vida em Cristo. Essa entrada na nova vida é marcada pela regeneração. O batismo, portanto, marca um fim e um começo: o fim de uma “velha criatura” e o nascimento de uma “nova criatura”. Foi exatamente isso o que Paulo ensinou, quando escreveu aos cristãos de Roma, dizendo: *“Com certeza vocês sabem que, quando fomos batizados em união com Jesus Cristo, também fomos batizados em união com a sua morte. Assim, pelo nosso batismo fomos enterrados com ele, e participamos da sua morte. E isto para que, como Cristo foi ressuscitado pelo poder glorioso do Pai, assim*

também nós vivamos uma nova vida” (Romanos 6.3-4).

É também muito importante lembrar que essa morte da “velha criatura” e nascimento da “nova criatura” só acontecem porque os nossos pecados são perdoados. (*“Levante-se, peça ajuda ao Senhor, receba o batismo e seus pecados serão perdoados” – Atos 22.16).*

2) A FORMA DO BATISMO

Sabemos que, atualmente, a forma do batismo é muito diversificada. O elemento usado é sempre o mesmo: a água. Mas há muitas divergências a respeito do tipo de água ou a respeito da maneira de se aplicar a água. São muitos os crentes que ficam perturbados com a questão da forma do batismo: a água deve ser corrente ou pode ser parada? A água deve cobrir o corpo todo ou pode ser colocada somente sobre a cabeça?

Nós sabemos como acontece o batismo em nossa Igreja: simplesmente colocamos um pouco de água sobre a cabeça da pessoa que se apresenta para o batismo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todavia, a nossa Igreja não afirma que essa é a única forma de batismo, nem ensina que só esse tipo de batismo é válido. Ao contrário, como diz a Confissão de Fé,

“não é necessário mergulhar na água o candidato, mas o batismo é devidamente administrado por efusão ou aspersão” (Capítulo 28, Parágrafo 3º).

Essa é uma posição moderada. Não há insistência na necessidade de imersão, o que quer dizer: há o reconhecimento de que o significado do batismo não está na sua



forma. A água, na verdade, é um símbolo. O que importa, realmente, é que exista a regeneração ou a transformação da pessoa que é batizada.

3) O BATISMO DE CRIANÇAS

Este é outro problema que divide as Igrejas evangélicas. A nossa Confissão de Fé afirma que:

“Não só os que professam a sua fé em Cristo e obediência a ele, mas os filhos de pais crentes (embora só um deles o seja) devem ser batizados” (Capítulo 28, Parágrafo 4º).



Essa questão é muito complicada para ser profundamente debatida aqui. Lembremos, no entanto, os argumentos que temos a favor do batismo infantil:

- a) No Antigo Testamento, também as crianças eram admitidas no povo de Deus através da circuncisão. A circuncisão era um sinal da fé, como também o batismo (leia Romanos 4.112). Ora, não podemos admitir que, como já disse alguém, *“a Igreja seja mais pobre do que a sinagoga”*. Se as crianças faziam parte do povo de Deus através da circuncisão, no Antigo Testamento, então elas podem também fazer parte do povo de Deus, no Novo Testamento, através do

- batismo (leia Colossenses 2.11-14).
- b) Jesus acolheu as crianças, dizendo que o Reino de Deus pertence a elas (Marcos 10.13-16) e Pedro anunciou que as promessas de Deus também alcançam os filhos (Atos 2.29-39)

A SANTA CEIA

A respeito da santa ceia, chamamos a atenção para três pontos importantes:

1) O SIGNIFICADO DA SANTA CEIA

A santa ceia é o sacramento que lembra a morte de Jesus Cristo e que serve para nutrir e fazer crescer o cristão. Diferentemente do batismo, a santa ceia é celebrada regularmente na vida da Igreja. Não cremos que a cada celebração o sacrifício de Jesus esteja a se repetir. O sacrifício de Jesus foi único.

Através da participação na ceia, o valor do sacrifício de Jesus é atualizado e aplicado à nossa vida.

2) A PRESENÇA DE JESUS

Este é outro ponto de divergência entre as Igrejas. A Confissão de Fé de Westminster se posiciona claramente contra a doutrina da transubstanciação, que é aceita pela Igreja Católica Romana. De acordo com essa doutrina, o pão e o vinho se transformam realmente no corpo e no sangue do Senhor, deixando de ser pão e vinho.

Segundo a nossa Confissão de Fé, existe somente uma relação “sacramental” entre os elementos da ceia e o

corpo de Deus. O pão continua sendo pão; o vinho não deixa de ser vinho. Mas, por intermédio desses elementos, pela graça de Deus, o sacrifício de Jesus não é algo que só tem valor para o passado. Ao contrário, por intermédio da santa ceia, o sacrifício de Jesus é atualizado, sendo instrumento para nossa alimentação espiritual.

3) A PARTICIPAÇÃO NA CEIA

A verdade é que todos nós somos pecadores. Se levarmos em consideração tão somente os nossos pecados, chegaremos à conclusão de que não podemos participar da mesa do Senhor. Não somos dignos de tal participação.

No entanto, a mesa do Senhor é para pecadores que se arrependem e que confiam no sacrifício de Jesus. Como ensinou o apóstolo Paulo, não se deve participar sem discernimento. A participação deve acontecer com o reconhecimento do valor do sacrifício de Jesus (1 Coríntios 11.23-39).

CONCLUSÃO

Muitas vezes, existe uma grande distância entre a teoria e a prática. Tudo aquilo que dissemos a respeito do batismo e da ceia representa a nossa teoria. Infelizmente, porém, nem sempre isso tem representado a nossa prática.

O desafio deste estudo é para que essa teoria corresponda à nossa prática.

Precisamos valorizar o batismo e a santa ceia como os dois únicos sacramentos da Igreja. É necessário que a Igreja se reúna, se alimente e caminhe em torno desses sacramentos.

GOVERNAR É CASTIGAR?

"Então os apóstolos e os presbíteros se reuniram para estudar o assunto" (Atos 15.6)



A ORGANIZAÇÃO E O GOVERNO DA IGREJA

Nenhuma instituição de nosso mundo pode existir sem organização e sem uma forma de governo. Essa verdade vale também para a Igreja.

Nela, ninguém pode fazer o que bem entende e nenhuma pessoa está acima das leis. Todos, inclusive os pastores e pastoras, presbíteros e presbíteras, devem respeitar e obedecer às normas da Igreja.

Neste capítulo, vamos tratar da organização e governo da Igreja. A Confissão de Fé de Westminster dedica dois de seus capítulos a esse assunto: os capítulos 30 e 31.

É claro que a Confissão de Fé não estabelece uma constituição para a Igreja. O que ela faz é simplesmente declarar alguns princípios gerais e básicos, que merecem nossa atenção e reflexão.

UM TÍTULO ESTRANHO

Os capítulos que tratam da organização da Igreja são os de número 30 e 31. A primeira coisa que chama a nossa atenção é o título dado pela Confissão de Fé ao capítulo 30: “*Das censuras eclesiásticas*”.

O primeiro parágrafo desse capítulo diz o seguinte:

“O Senhor Jesus, como Rei e Cabeça da Igreja,

nela instituiu um governo nas mãos dos oficiais dele; governo distinto da magistratura civil”.

Basta ler esse primeiro parágrafo para se perceber que o assunto do capítulo é o governo da Igreja. No entanto, estranhamente, o título do capítulo é “Das censuras eclesiásticas”.

Mais adiante, nesse mesmo capítulo, há o parágrafo terceiro que diz:

“As censuras eclesiásticas são necessárias para chamar e ganhar para Cristo os irmãos ofensores, para impedir que os outros pratiquem ofensas semelhantes, para purgar o velho fermento que poderia corromper a massa inteira, para vindicar a honra de Cristo e a santa profissão do evangelho e para evitar a ira de Deus”.

À vista desses textos, somos obrigados a concluir duas coisas:

- a) Para tratar do governo da Igreja, a Confissão de Fé usa o estranho título “censura”;
- b) O uso desse título é coerente com a maneira da Confissão de Fé entender o que significa governo, pois a preocupação principal do capítulo são, realmente, as “censuras eclesiásticas”.

Um comentarista de nossa Confissão de Fé afirmou: “A preocupação com censuras neste capítulo reflete a tendência, muito antiga, que se nota nas Igrejas reformadas, de interpretar a disciplina em termos demasiadamente exclusivos de castigo e de perder de vista seu significado

positivo de capacitação”.

Devemos fazer um exame a respeito de como tem sido tratado o governo da Igreja. Será verdade que uma das preocupações principais dos pastores e presbíteros tem sido a aplicação de punições? Será que o governo na Igreja deve ter como finalidade principal o estabelecimento de castigos.

Voltemos a nossa atenção para a Bíblia. Nela descobriremos que:

- a) O castigo e as punições são mencionados frequentemente. Logo no início da Bíblia, há a história de Caim e Abel, que termina com o castigo de Caim (Gênesis 4.8-16). Os profetas, que aparecem em vários momentos da história de Israel, anunciaram castigos. (Leia, por exemplo, Amós 3.1-15 e Jeremias 7.1-15).
- b) Apesar das promessas de castigos e o estabelecimento de punições, Deus não é apresentado na Bíblia como aquele que gosta de se vingar. Ao contrário, a mensagem bíblica é a de que Deus é misericordioso. Poderíamos indicar inúmeros textos nesse sentido. Vamos, porém, destacar dois: “Benigno e misericordioso é o Senhor, tardio em irar-se e de grande clemência” (Salmo 145.8); “Eu sabia que és Deus que tem compaixão e misericórdia. Sabia que és sempre paciente e bondoso e que estás sempre pronto a mudar de ideia e não castigar” (Jonas 4.2).
- c) Mesmo quando Deus enviou os seus profetas, que pregavam a iminência dos castigos, a intenção não era a simples punição, mas a correção. Foi o que

Jesus afirmou: “*Jerusalém, Jerusalém! Você mata os profetas e apedreja os mensageiros de Deus! Quantas vezes eu quis abraçar todo o seu povo, assim como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas você não quis*” (Mateus 23.37).

Devemos, portanto, afirmar que esse mesmo espírito tem de existir no governo da Igreja. As censuras são importantes. Mas o exercício do governo não deve ser sinônimo de aplicação de castigos.

NEGAÇÃO DO ISOLAMENTO

Um outro ponto que chama a nossa atenção no texto da Confissão de Fé de Westminster a respeito do governo da Igreja é o seguinte:

“Para melhor governo e maior edificação da Igreja, deverá haver as assembleias comumente chamadas sínodos ou concílios... Aos sínodos e concílios compete decidir ministerialmente controvérsias quanto à fé e casos de consciência, determinar regras e disposições para melhor direção do culto público a Deus e governo de sua Igreja” (Capítulo 31, Parágrafos 1º e 2º).

O que queremos destacar aqui é que nossa Confissão de Fé estabelece assembleias que devem tomar decisões a serem seguidas pelas Igrejas locais. A existência de tais assembleias quer dizer que as Igrejas locais não resolvem tudo sozinhas. Elas existem para que as igrejas locais tomem decisões em conjunto.

Nós sabemos que a nossa Igreja tem uma estrutura de governo que obedece a essa posição da nossa Confissão de Fé. Temos os presbitérios, os sínodos e a Assembleia Geral, que são as assembleias de que fala a Confissão de Fé.

Tudo isso quer dizer que as nossas Igrejas locais não estão isoladas. Elas reconhecem que não tomam quaisquer decisões sem levar em consideração as outras Igrejas locais.

Isso está de acordo com o espírito da Igreja de Atos dos Apóstolos. No livro de Atos, nós temos uma narrativa que apresenta uma assembleia. Havia um problema a ser resolvido. Judeus e gentios tinham opiniões diferentes a respeito da circuncisão e da obediência à lei mosaica.

O que foi que aconteceu então? As Igrejas cristãs dos gentios tomaram suas decisões sozinhas? As Igrejas cristãs dos judeus resolveram as coisas sem escutar os gentios?

Na verdade, foi realizada uma assembleia, na qual diferentes posições foram defendidas e, uma resolução foi tomada. As Igrejas locais foram exortadas a se submeterem à decisão da assembleia (leia Atos 15.1-35).

Esse mesmo espírito deve existir entre nós. Devemos reconhecer a importância dos nossos concílios. Neles, nós quebramos o isolamento. Por intermédio deles, transparece a união que deve existir entre as nossas Igrejas locais.

O GOVERNO PODE ERRAR

O último ponto que destacamos no texto de nossa Con-

fissão de Fé o seguinte:

“Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado; eles, portanto, não devem constituir regra de fé e prática, mas devem ser usados como auxílio em uma e outra coisa” (Capítulo 31, Parágrafo 3º).

Nesse parágrafo, há duas coisas a serem observadas:

- a) Em primeiro lugar, está a limitação dos sínodos e dos concílios. Na história da Igreja, acontecerem inúmeros concílios. Em todos eles, os mais diferentes problemas foram discutidos e resolvidos. Não aceitamos, no entanto, que todas as decisões foram sempre válidas e corretas. É claro que cremos na direção de Deus sobre a sua Igreja. É claro que as reuniões dos concílios acontecem com oração para que as decisões sejam orientadas pela vontade de Deus. Mesmo assim, devemos lembrar que, nas reuniões dos concílios, são seres humanos, pecadores e imperfeitos que estão reunidos. Por isso, ocorrem enganos.
- Exatamente por tal razão a Confissão de Fé ensina que nenhum concílio deve constituir regra de fé e prática. Isso quer dizer que a nossa única regra de fé e prática é a Bíblia. Nada é comparável a ela. Nenhuma decisão conciliar tem a mesma importância que ela.
- b) Em segundo lugar, deve-se destacar a importância dos concílios. Não devemos desprezá-los só porque eles são falíveis. Mesmo podendo cometer erros, os

concílios têm uma grande importância na vida da Igreja. Na linguagem da Confissão de Fé, as decisões dos concílios devem ser usadas como auxílio para a fé e a prática dos crentes.

É exatamente este o caso da Confissão de Fé de Westminster. Ela não tem a mesma importância que a Bíblia. Não possui a mesma autoridade que a Bíblia possui. Contudo, ela serve para nos auxiliar a compreender melhor a Bíblia e a viver melhor de acordo com o seu ensino.

CONCLUSÃO

Encerrando o estudo a respeito da Confissão de Fé de Westminster, é hora de uma séria avaliação! O que foi que aprendemos com todo este estudo? Que posições devemos tomar frente a nossa Confissão de Fé?

A nossa esperança é a de que, depois desta exposição focalizando vários aspectos de nossa doutrina, tenhamos condições de responder a tais perguntas.



